

Govêrno Alimenta o Golpe: Terroristas Ficam Impunes e Operários São Perseguidos



"GANG" DO MAC

Ai estão quatro dos nove terroristas apontados no relatório do ministro da Justiça, através de investigações do chefe do DFSP (Departamento Federal de Segurança Pública), coronel Carlos Cairoli. Da esquerda para a direita:

- 1 — Luiz Botelho (Rua Visconde de Santa Isabel, 664 — Grajaú) — pertenceu à SAB (Sociedade dos Amigos do Brasil) e afirmou que ele e seus amigos gozaram das boas graças da polícia carioca.
- 2 — Aloísio Gondim (Rua 13 de maio, 21 ap. 1 — Petrópolis) — débil mental, amigo do ex-ministro da Justiça Armando Falcão.
- 3 — Roberto Nel Magessi Pereira (Rua Caruaru, 887 ap. 303 — Grajaú) — confessou-se nazista e amigo de Cecil Borer.
- 4 — Adalberto de Souza Gomes (domicílio ignorado) — é o conhecido facinora "Bolinha", dos mais monstrosos torturadores de presos políticos da polícia carioca. Apaniguado de Borer, vive à sua roda.

(Reportagem na 3.ª página).

40.º ANIVERSÁRIO DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

No próximo dia 25 de março assinala-se o 40.º aniversário da fundação do Partido Comunista do Brasil. Para comemorar o acontecimento, além de passar a publicar, a partir do próximo número, uma página especial dedicada à história da vanguarda da classe operária no nosso país, NR organiza um concurso entre os leitores cujas bases se encontram na 3.ª página.

NOVOS RUMOS

EDIÇÃO PARA S. PAULO

ANO III — Rio de Janeiro, semana de 9 a 15 de fevereiro de 1962 — Nº 157

A UNE foi metralhada, a Legação Comercial da URSS foi bombardeada, a cidade se cobriu de pizalhões provocadores, uma emissora de rádio foi assaltada — todos sabem, e o próprio governo confessa, que isso é obra de terroristas, mas nenhuma medida concreta foi tomada para punir os baderneiros fascistas e seus mandantes. Por outro lado, não há nenhuma ameaça de greve geral, as organizações sindicais desmentem a existência de qualquer articulação nesses

sentido — mas o governo insiste em afirmar que a "ordem está ameaçada" e promete desencadear a violência contra os trabalhadores. O governo, portanto, não faz o que devia fazer e ameaça fazer o que seria, além de uma ilegalidade, uma farsa grosseira para esmagar as liberdades sindicais e democráticas. É necessário, urgentemente, derrotar essa política, cujo resultado único é alimentar o golpismo. (Ler o editorial e matérias na 2.ª e 3.ª páginas).



Cuba Jamais Capitulará

Junto a esta edição NOVOS RUMOS publica um suplemento especial sobre a reunião de consulta da Organização dos Estados Americanos em Punta del Este. É mais uma homenagem que prestamos à gloriosa revolução cubana e aos ideais que ela representa, vilmente caluniosos aqueles que ferrenha pelo Departamento de Estado norte-americano e por vários dos governos títeres do continente. O suplemento divulga, em absoluta primeira mão na imprensa brasileira, a íntegra do discurso pronunciado perante os chanceleres americanos pelo presidente de Cuba, Osvaldo Dorticos. Chamamos também a atenção dos leitores para a reportagem do nosso enviado especial ao Uruguai, jornalista Marco Antônio Coelho. É até agora o único relato completo e — por que não dizer? — honesto dos fatos acontecidos no salão de conferências e nos bastidores do Hotel San Rafael, torcidos e deformados pelas agências noticiosas americanas e pelos correspondentes dos jornais alugados aos trustes.

Afonso Schmidt:
50 anos de
literatura a
serviço do povo

Reportagem
na 5.ª pag.



Onde está a mistificação?

Em artigo que vai publicado na 3.ª página, o escritor Rui Facó trata do tema palpitante da reforma agrária e refuta ponto por ponto informações publicadas em editorial da folha dos Mesquita sobre o assunto.

Sobre o chamado "caso albanês"

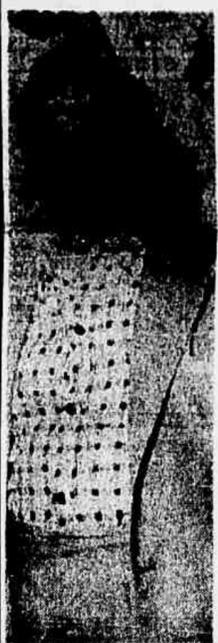
Ivan Ramos Ribeiro em artigo que vai publicado na 4.ª página, trata do problema das relações entre os partidos comunistas e operários, particularmente da questão relacionada com as divergências surgidas entre o PCUS e o Partido Albanês do Trabalho.

Frondizi na corda bamba

O presidente argentino, em virtude da posição do seu país em Punta del Este, sofre agora a pressão dos militares fascistas e dos homens da CIA e do Departamento de Estado. Querem que rompa relações com Cuba. Sobre o assunto, o leitor encontrará reportagem na 7.ª página.

Portinari

Manifestando o pesar dos comunistas brasileiros pelo falecimento de Cândido Portinari, ocorrido na última terça-feira, Luiz Carlos Prestes fez a seguinte declaração:



"Em nome dos comunistas brasileiros, exprimo o nosso profundo pesar pelo falecimento de Cândido Portinari, artista cuja obra constitui um motivo de honra e legítimo orgulho para o povo brasileiro. Através de sua fecunda criação artística, impregnada dos mais nobres sentimentos humanistas, Portinari enriqueceu o patrimônio artístico e cultural de nossa Pátria. A morte do grande artista representa para os comunistas brasileiros a perda de um bom e digno companheiro. Ingressando nas fileiras comunistas em 1946 e permanecendo fiel aos seus ideais revolucionários até os últimos instantes, Portinari foi sempre um militante da inteligência de vanguarda. Os seus mais belos e marcantes trabalhos são precisamente os inspirados nos sofrimentos de nosso povo e na grande causa da paz. Exprimimos, particularmente, os nossos votos de profundo pesar à família de Cândido Portinari.

Luiz Carlos Prestes."

DEFENDER AS LIBERDADES

Fragmon Carlos Borges

EXPLORANDO as fraquezas e vacilações do Govêrno, os elementos reacionários e golpistas se rearticulam. Sua bandeira é a mesma de agôsto último: o anticomunismo. Seus porta-vozes não são outros: Lacerda e Heck. E certos da impunidade de suas ações subversivas, pregam abertamente o golpe militar para implantar no país uma ditadura sangüinária e terrorista. Ditadura para defender a democracia, dizem eles. Mas o povo já os conhece. E sabe que por trás da surrada bandeira do anticomunismo, o que existe é o esforço desesperado de um pequeno grupo em defender os interesses dos trustes americanos, dos latifundiários e da burguesia reacionária.

DIANTE disso, que faz o Govêrno? Que faz o Govêrno para pôr um freio nesses baderneiros contumazes? Que faz o Govêrno para garantir a ordem constitucional? Nada. O Govêrno dos srs. João Goulart e Tancredo Neves prossegue em sua política de apaziguamento. Leva lenha à fogueira dos reacionários e golpistas, em lugar de negá-los pão e água. Cede às suas pressões, em lugar de repeli-las. Dá-lhes a mão, em lugar de uma bofetada. Enfim, procura por todos os meios uma fórmula de convivência com eles, às custas dos interesses da Nação.

ENQUANTO tenta acalmar os reacionários e golpistas, fechando os olhos à sua ação subversiva e ilegal, o Govêrno volta-se contra o povo, contra suas justas lutas reivindicatórias. O direito constitucional de greve não é mais respeitado. O sr. João Goulart, mais de uma vez, deu toda a cobertura política ao governador paulista em sua ação ilegal, criminosa e terrorista contra os trabalhadores daquele Estado. Assim aconteceu por ocasião da greve geral pelo Abono de Natal. O mesmo se verificou quando da recente greve dos ferroviários da Sorocabana. E diz que agrã da mesma forma contra uma pretensa greve nacional dos ferroviários, marítimos e portuários. Violando dispositivo expresso da Constituição, o Govêrno decreta a ilegalidade de todo movimento reivindicatório e ameaça os trabalhadores com a violência e o terror.

NAO SE TRATA de medidas isoladas. De acontecimentos fortuitos. Trata-se de toda uma política visando não só legalizar qualquer movimento grevista, mas conter e impedir as lutas reivindicatórias dos trabalhadores. Acha o Govêrno que os trabalhadores vivem bem. Os salários são suficientes. Nada falta em seus lares. Não disse o ministro da Justiça que o Govêrno já deu tudo aos marítimos e ferroviários? Não perguntou: que querem mais?

COMO SE ISSO não bastasse, fala-se agora em "trégua salarial". Que pretende o Govêrno com isso? O congelamento puro e simples dos salários dos trabalhadores. Congelamento nominal, pois na realidade, com a inflação e a carestia crescentes, o salário real diminui. A "trégua salarial" desejada pelo Govêrno não passa, desta forma, de uma trégua com a miséria. Com a miséria alheia, pois os que estão no Poder não vivem de salários. Com a miséria da maioria de nosso povo. Deve-se assinalar, mesmo de passagem, que essa ideia de "trégua salarial" surge justamente quando visita o nosso país uma missão do Fundo Monetário Internacional. A trégua salarial é uma das condições impostas pelo FMI para liberar alguns milhões de dólares...

NAO PODEMOS deixar de lamentar o fato de o sr. João Goulart estar à frente de tudo isso. O sr. João Goulart é um líder de raízes populares. Fez toda a sua carreira política situando-se ao lado de importantes lutas reivindicatórias dos trabalhadores, pronunciando inflamados discursos em suas assembleias sindicais, proclamando a aducidade e a legalidade do decreto-lei 9.070, defendendo o direito constitucional de greve e demais liberdades democráticas. O sr. João Goulart assumiu, de público, solenes compromissos nesse terreno. E de estranhar-se, por isso, que os atentados às liberdades individuais, a repressão aos movimentos grevistas, as invasões de sindicatos e outras violências praticadas nesses últimos meses, contêm precisamente com a cobertura política do presidente da República. Com a sua conivência. Da mesma forma que, com a sua omissão conivente, os reacionários e golpistas se rearticulam e pregam abertamente o golpe militar e a ditadura. Os trabalhadores esperam que o sr. João Goulart mude de atitude. Mas não esperarão indefinidamente.

OS TRABALHADORES e o povo sabem perfeitamente que a defesa das liberdades não depende dessa ou daquela personalidade, desse ou daquele chefe político. A garantia das liberdades constitucionais e a sua ampliação residem, sobretudo, na ação das próprias massas. Lutando por melhores salários e pelo respeito ao sagrado direito de greve, contra a desumana exploração dos latifundiários e pela reforma agrária radical, contra a espoliação dos trustes americanos e pela libertação econômica do país, é que os trabalhadores e o povo brasileiro defenderão os seus direitos constitucionais.

Lacerda Prepara Assalto à Cidade: Sete Mil Cruzelros Por um Telefone

Reportagem na 6.ª página



LIBERDADE DE IMPRENSA TAMBÉM SE COMPRA

A ofensiva dos setores reacionários e das grandes empresas imperialistas no Brasil contra a imprensa vem-se acentuando ultimamente. Na 8.ª página, Fabiano Gonzaga conta detalhadamente como funciona o mecanismo de suborno e corrupção dos meios de divulgação em nosso país. Conta como é comprada a liberdade de imprensa.

Um Projeto Contra a Reforma Agrária

A comissão nomeada pelo então presidente Jânio Quadros para estudar o problema da reforma agrária no país, apresentou já suas conclusões num anteprojeto de reforma agrária encaminhado ao congresso parlamentarista. Na 3.ª página, o leitor encontrará a verdade sobre esse documento que, antes de tudo, é contra a verdadeira reforma agrária que está sendo exigida por todo o povo brasileiro.

ADJUBEI VEIO VER E OUVIR

Dois jornalistas soviéticos — Alexei Adjubei (diretor do "Izvestia") e sua esposa, Rada Kruschiov (subchefe da redação da revista científica "Rubizon") e filha do primeiro-ministro Nikita Kruschiov — encontram-se no Brasil, em visita de cordialidade. Adjubei e Rada têm sido alvo da melhor acolhida nos meios jornalísticos nacionais e vêm sendo objeto de carinhosa curiosidade popular. Visitarão, além do Rio e Brasília, São Paulo e Porto Alegre. Entrevistarão o presidente João Goulart, o primeiro-ministro Tancredo Neves e o governador Leonel Brizola. Várias homenagens já foram prestadas aos representantes da imprensa soviética, cumprindo destacar o jantar que lhes ofereceu, no hotel Copacabana-Palace, o jornalista Paulo Silveira, diretor do vespertino "Última Hora". Adjubei e Rada concederão, cada um a seu tempo, entrevistas coletivas à imprensa carioca. Na foto, o diretor do "Izvestia" e sua colega e esposa por ocasião de seu concordado desembarque no aeroporto internacional do Galeão.

Líderes Sindicais Desmascaram Plano de Provocação Golpista



EXPLICANDO

Rafael Martinelli, presidente da Federação Nacional dos Trabalhadores Ferroviários, explicou detalhadamente os fatos que se verificaram no Congresso Nacional

da categoria e denunciou vigorosamente a campanha de calúnias e inverdades dos órgãos da imprensa reacionária.

CONGRESSO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL CONVOCADO PARA JULHO EM GOIÂNIA

A Executiva da Comissão Organizadora do I Congresso Nacional de Libertação Nacional, que se realizará em Goiânia, nos dias 15, 16 e 17 de julho do corrente ano, reuniram-se no próximo dia 15, às 20h30 horas, na Guanabara (Edifício Santos Walter, 16º andar, grupo 1402), quando deverá aprovar o programa geral dos trabalhos do referido conclave e os termos do manifesto a ser dirigido ao povo brasileiro, convidando-o a participar da iniciativa, que visa a organização e mobilização de todas as entidades de classes e camadas sociais interessadas na luta pela reforma agrária e contra o imperialismo.

OPERÁRIOS, CAMPONESES E ESTUDANTES

A organização do patriótico conclave, inicialmente destinado a reunir operários, camponeses e estudantes, numa frente única pela reforma agrária e contra o imperialismo, foi decidida no I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, reunido em Belo Horizonte, em novembro de 1961.

Em dezembro do ano passado foi constituída a Comissão Provisória Organizadora do Conclave, composta de três operários, três estudantes e três camponeses. No dia 9 de janeiro do corrente mês houve uma nova reunião, na sede do Sindicato dos Empregados em Hotéis e Similares, com a participação de representantes de 9 Estados, inclusive numerosos líderes operários, estudantes e de organizações camponesas e patrióticas. Nessa reunião, por proposta do deputado Francisco Julião, ficou decidida a ampliação do conclave, com a participação de representantes de todas as organizações, classes e camadas sociais interessadas na luta contra o imperialismo e o latifúndio.

MANIFESTO

Refletindo o desenvolvimento das lutas do proletariado, dos camponeses, dos estudantes e de diversas outras camadas e classes sociais, a Comissão Nacional do Congresso vem trabalhando ativamente. Uma nova reunião realizou-se no Sindicato dos Bancários, no dia 30 de janeiro último, quando Aldo Arantes, presidente da União Nacional dos Estudantes, leu a minuta do manifesto à nação, definindo as questões básicas a serem discutidas no conclave. A aprovação final dos termos do manifesto só se dará na reunião do próximo dia 15. Podemos adiantar, entretanto, os seus pontos

básicos, que são os seguintes:

- 1) defesa das liberdades democráticas e luta pela legitimidade da representação do povo no Parlamento;
- 2) definição da luta pela emancipação econômica e política do país;
- 3) rumos para o desenvolvimento independente da economia nacional: a) reforma agrária e b) industrialização;
- 4) luta pela erradicação do analfabetismo, pela expansão do ensino público e da cultura nacional;
- 5) medidas destinadas a melhoria imediata das condições de vida do povo.

APOIO DE MAURO BORGES

Na reunião que se realizou no Sindicato dos Bancários, com a participação de personalidades de 9 Estados, estiveram presentes os representantes dos governadores Mauro Borges, de Goiás; Gilberto Mestrinho, do Amazonas; Leonel Brizola, do Rio Grande do Sul, além dos deputados Adão Pereira Nunes (Est. do Rio), Germaine Felício (S. Paulo), do padre Francisco Lage e representantes de várias organizações.

Nessa reunião foi confirmada Goiânia como sede do Congresso, após entendimentos com o governador Mauro Borges, que realizou seu apoio ao conclave, oferecendo a capital do seu Estado para a instalação e realização do mesmo. Cidades outras como Rio de Janeiro e Belo Horizonte chegaram a ser sugeridas, mas Goiânia recebeu a aprovação final.

A data do Congresso — 15, 16 e 17 de julho do corrente — foi escolhida em virtude da ponderação dos representantes dos lavradores, que salientaram ser maio e junho os meses em que os trabalhadores do campo encontram-se na colheita, impedidos de se afastarem de seu labor.

INICIATIVAS

Tendo em vista o início imediato da descentralização dos trabalhos do Congresso, o debate e o estudo dos problemas nacionais e regionais, a mobilização das massas e a elaboração das teses a serem defendidas, para a formulação do programa comum, já foi decidida a constituição de quatro comissões centrais: *estudantil, sindical, camponesa e parlamentar*, que atuarão no âmbito nacional, com iniciativas próprias, de

acordo com as características de sua organização. A coordenação das atividades de cada comissão será feita no Secretariado Nacional, onde estão representadas que todos os parlamentares que derem seu apoio ao Congresso integrarão a Comissão Central Parlamentar. Essas comissões deverão se estruturar também nos âmbitos estadual, municipal ou regional, promovendo, juntas ou isoladamente, atos em função do Congresso.

Estão sendo constituídas também as comissões de finanças, propaganda, organização e temário do Congresso.

A COMISSÃO EXECUTIVA

Ainda na reunião realizada no Sindicato dos Bancários foi aclamada a Comissão Executiva do Congresso que dependendo ainda de algumas consultas, ficará assim constituída: governador Mauro Borges, patrono do Congresso, governadores Leonel Brizola (R. G. do Sul), Gilberto Mestrinho (Amazonas), Aurélio do Carmo (Pará), Chagas Rodrigues (Piauí) e Nel Braga (Paraná) Presidentes de Honra; Presidentes Efetivos — deputado Francisco Julião, presidente do Conselho das Lig. Camponesas e Aldo Arantes pres. da UNE; Lindolfo Silva, pres. da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil; Clodsmil Riani, presidente da CNTT e deputado Sérgio Magalhães. Vice-presidentes: Manoel Ferreira Lima, presidente da Federação das Associações dos Lavradores Fluminenses; Benedito Cerqueira, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos e sec. da CNTT; Jarbas Sant'Anna, presidente da UBES; deputado Ernani Maia; padre Francisco Lage. A Comissão Executiva será ainda integrada por representantes da indústria, do comércio, da intelectualidade, da magistratura e do movimento feminino.

SECRETARIADO

O Secretariado ficou assim constituído: o estudante Mário Lúcio, vice-presidente da UNE; Rui Guimarães, líder sindical; Nestor Vera, camponês; Lúcia Mulholland, escritora; coronel Oscar Bastos, secretário da Frente de Libertação Nacional; professor Henrique Miranda secretário do CED-PEN e da Federação Professores; coronel Luiz Baiardo da Silva, presidente da Associação dos Diplomados do ISEB; dr. Heros Trenc, assessor do movimento camponês de S. Paulo Elson Costa, de Minas Gerais e Erides Guimarães, secretário do Trabalho de Goiás.

Figuras representativas do governo federal, entre os quais o ministro da Justiça, sr. Alfredo Nasser, passaram a fazer coro com a onda de provocações, calúnias, ameaças e violências lançadas contra o movimento sindical brasileiro, numa inútil e desesperada tentativa de impedir as lutas do proletariado pela recuperação dos seus salários vilipendiados pela elevação desenfreada do custo de vida, e de criar um ambiente psicológico capaz de favorecer a sufocação das liberdades sindicais e democráticas, através do terrorismo policial, já posto em prática, abertamente, pelo governador Carvalho Pinto, em São Paulo.

Jornais a serviço dos golpistas, desesperados ante o crescente e justo movimento reivindicatório dos trabalhadores e a sua participação cada vez mais ativa nas lutas pelas reformas de base no país, abriram manchetes, há poucos dias, para "denunciar" um fantasmagórico plano de greves e sabotagens supostamente articulado pelos ferroviários, que juntamente com marítimos, portuários e estivadores levariam o país ao caos, no dia 10 do corrente. Horas depois, o ministro da Justiça, que já havia dado todo apoio às violências cometidas contra os indefesos grevistas da Sorocabana, lançou uma nota pública, fazendo coro com os porta-vozes do golpismo, cobrindo-se assim de ridículo.

Embora o chamado plano de greve geral nos transportes marítimos e ferroviários não passasse de grosseira provocação, o fato é que o ministro da Justiça se apresou a servir-se da oportunidade, para declarar ilegal uma greve nos transportes e ameaçá-la com a mais feroz repressão.

FALAM OS LÍDERES

A propósito dessa onda de provocações maniplada pelos grupos reacionários, a reportagem de NR ouviu o líder Rafael Martinelli, presidente da Federação Nacional dos Ferroviários e um dos acusados como articulador do plano de sabotagem e greve geral que seriam desencadeados no dia 10 do

corrente. Martinelli afirmou: "Em primeiro lugar devo salientar que os ferroviários não decretaram nenhuma greve, nem para o dia 10 nem para qualquer outro dia. O que os ferroviários decidiram, em seu último Congresso Nacional, foi dar um prazo de 30 dias ao Governo, prazo que se encerra no dia 15 do corrente, para que o mesmo se pronunciasse sobre a nossa principal reivindicação, que é a equiparação de salários entre os trabalhadores de todas as ferrovias nacionais. O presidente João Goulart já atendeu em parte essa reivindicação, determinando a equiparação dos salários entre os ferroviários da Leopoldina e da Central do Brasil. Essa medida, que resolveu um sério problema administrativo e trouxe novos estímulos à produtividade do trabalho, poderá ser estendida a todas as 17 ferrovias, com um dispêndio de verba igual ao que foi gasto apenas com a Central. Somente depois do dia 15 — prosseguiu o líder ferroviário — é que começaremos a realizar as assembleias gerais pelo Interior do Brasil, dando conta aos nossos companheiros da renovação do Governo, para que os mesmos possam saber e participar a seguir, se não tenham sido atendidos. O recurso à greve, que é um direito dos trabalhadores, poderá ser utilizado, se assim decidirem as suas assembleias. Até agora, entretanto — acentuou o dirigente sindical — não há nenhuma decisão nesse sentido. Porão assegurar, contudo, que não nos amedrontamos com as ameaças, e que proseguiremos, como até agora, defendendo os interesses da categoria que representamos".

PLANO GOLPISTA

"Quanto à onda publicitária sobre um suposto plano de sabotagem que teríamos organizado para o dia 10 do corrente em todo o território nacional, a sua explicação pode ser dada pelo próprio jornal que o divulgou: a 'Tribuna da Imprensa'. Esse órgão, dias antes, havia publicado uma entrevista do governador Carlos Lacerda, defendendo abertamente a instauração de uma

ditadura militar no país. E visando a base objetivo que os golpistas assacam as mais torpes provocações contra o movimento sindical, tentando isolá-lo das demais forças interessadas na manutenção do regime democrático e no combate ao latifúndio e ao imperialismo, para mais facilmente golpear o país".

ESTIVADORES: DESESPERO

Nossa reportagem ouviu ainda o líder Osvaldo Pacheco da Silva, presidente da Federação Nacional dos Estivadores, entidade também alvo das provocações, que declarou:

"Está claro que os inimigos da democracia e do progresso do país sentem-se desesperados ante a crescente participação dos trabalhadores na vida política nacional. O seu desespero volta-se particularmente contra as categorias integrantes do Polo de Unidade e Ação — marítimos, ferroviários, estivadores e portuários — que têm defendido com êxito não só as reivindicações econômicas dos trabalhadores, mas que atuam cada vez mais conscientes na luta pelas reformas de base, entre as quais se situa a reforma salarial. E na luta pela garantia das liberdades sindicais e democráticas, a exemplo da greve nacional de agosto, pela posse do sr. João Goulart".

A UNIDADE DECIDIRÁ

"O fato mais importante de tudo isso — prosseguiu o líder dos estivadores — é que não nos amedrontamos, nem com as provocações dos golpistas, nem com as ameaças das autoridades governamentais. A unidade dos trabalhadores é que decidirá, em última análise, da le-

gitimidade ou não dos movimentos reivindicatórios, com greve ou sem greve. Também não temos conhecimento da fantástica greve do dia 10. Só fazemos greve quando a nossa categoria resolve, em suas assembleias, que são os nossos órgãos soberanos. Essa do dia 10 não foi discutida nem votada nas assembleias. Se fosse, seria realizada.

Agora mesmo — acentua o líder Osvaldo Pacheco — travamos uma luta muito séria, visando a fazer com que as companhias estrangeiras cumbrassem as determinações do boletim número 320, da Comissão Nacional de Marinha Mercante, que dá um tratamento uniforme às companhias estrangeiras e nacionais, cobrando-lhes igual preço por igual trabalho realizado pelos estivadores. As companhias estrangeiras negam-se a cumprir a lei, em detrimento das autoridades, em prejuízo dos salários dos trabalhadores e dos membros jurados das empresas nacionais, que operam com desonestidade, face aos privilégios que foram concedidos nos estrangeiros.

"Para justificar a complicância com os grupos internacionais, os seus beneficiários nativos, apoiados por homens do próprio Governo e acobertados por alguma campanha publicitária, tenta confundir a opinião pública, afirmando que somos uns privilegiados, que ganhamos elevadíssimos salários e que por nossa culpa os preços das mercadorias são por demais elevados. Tudo isso é mentira. Já desafiámos, tanto os homens do Governo como os industriais e comerciantes para uma reunião onde as coisas sejam colocadas em seus devidos termos. Não somos responsáveis pela baixa produtividade, no campo, nem pelo sistema semi-fundido de trabalho, que determina o empobrecimento das forças produtivas. Não somos responsáveis pelo elevado preço dos portos nacionais, que determina o aumento dos navios durante dias ao largo, pagando taxas, onerando os fretos do transporte. Não somos responsáveis pela corrupção no Fundo Nacional de Marinha

Mercante, onde milhões de cruzeiros são desviados de seus fins para enriquecer uns poucos homens. Não somos responsáveis pelos privilégios aos extrangeiros de café, a quem o governador Lacerda perdoou uma dívida de seis bilhões de cruzeiros. Não admitimos que lancem sobre os nossos ombros as responsabilidades que cabem ao Governo e ao próprio regime."

AMEAÇA NÃO RESOLVE

"Nenhum problema será solucionado com ameaças, continua o sr. Osvaldo Pacheco. Lutamos pela posse do sr. João Goulart porque não admitimos retrocessos no caminho da democracia e do progresso nacional. Também não podemos aceitar, sob qualquer pretexto, que homens desse mesmo Governo violem o direito que temos de exigir o cumprimento das leis que nos beneficiam e tentem impedir a conquista das reivindicações destinadas a melhorar as nossas condições de vida e de trabalho, a dar um pouco mais de pão para os nossos filhos. Não será reprimido, como ameaça o ministro da Justiça, os movimentos de reivindicações dos trabalhadores, que se evitará a ação dos golpistas. Elas serão evitadas não com a repressão ao movimento operário, mas, justamente ao contrário, com a melhoria das condições de vida dos trabalhadores. Não admitimos a instalação do MAC e com o afastamento dos comitês operários dos portos que ocupam no próprio aparelho do Estado".

"Continuamos tranquilos e muito felizes em nossos postos de luta. Realizaremos uma conferência nacional, com a participação das 10 Federações de Estivadores, no primeiro dia 15 de março, na Bahia, onde daremos um balanço aos fatos que temos travado em defesa das nossas reivindicações e traçaremos, politicamente, os rumos a seguir. Uma coisa é certa — concluiu o líder nacional dos estivadores — não abriremos mão dos nossos direitos e de nossas reivindicações, mesmo que para isso tenhamos de recorrer à greve, em qualquer oportunidade."

50 MIL INTERINOS TRAVAM A BATALHA DA EFETIVAÇÃO

Cerca de 50 mil funcionários interinos das autarquias e dos serviços públicos federais prosseguem na dramática batalha dos apelos aos parlamentares de todos os partidos, para que votem favoravelmente ao projeto que lhes assegure a efetivação nas funções que exercem a cinco ou mais anos, e as emendas que mandam efetivar também os admitidos até a data de vigência do Plano de Classificação de Cargos.

Centenas de interinos continuam chegando a Brasília, oriundos dos mais diversos pontos do país, fazendo crescer o movimento de opinião que visa a impedir o desemprego em massa de milhares de servidores, não só das autarquias como de todos os ministérios e demais instituições federais, que há vários anos vêm trabalhando como interinos.

AUMENTO DE VENCIMENTOS

Por outro lado, a Confederação Nacional dos Servidores Públicos, presidida pelo engenheiro Carlos Taylor, prossegue comandando a campanha pelo reajustamento dos vencimentos de todos os servidores, a partir de 1 de janeiro do corrente, na base de 50%.

A Diretoria da Confederação voltará a se reunir no próximo dia 17, quando deverá dar um balanço aos resultados da campanha pelo aumento de 50%, e traçar novas diretrizes para que o objetivo seja alcançado. O DASP, como se sabe, ainda não enviou ao Conselho de Ministros o resultado dos estudos que vem realizando sobre o reajustamento dos vencimentos dos servidores.

CONFERÊNCIA CARIOCA

A Federação Carioca dos Servidores já convocou a Conferência dos Servidores da Guanabara, que se realizará em 30 de março do corrente. Todas as entidades filiadas já se encontram em franca movimentação, organizando as convenções locais e intensificando as manifestações em favor do aumento de 50%.

A Confederação Nacional dos Servidores, através do seu presidente, informou a reportagem que telegramas, abaixo-assinados e cartas continuam sendo enviados ao Conselho de Ministros e ao presidente da República, pedindo que seja imediatamente enviada ao Congresso Nacional a mensagem que concede o aumento nos vencimentos dos servidores.



SP: CAMPONESES LUTAM CONTRA GRILEIROS

Recentemente organizada, a Associação dos Trabalhadores Agrícolas do Litoral Sul Paulista, que reúne assalariados, posseiros e pequenos proprietários, está empenhada em importante luta contra a ação dos grileiros daquela região.

A foto fixa um instante da reunião de líderes sindicais, camponeses, estudantes e

populares realizada em Jujui, a fim de prestar solidariedade à Assembleia daquela Associação. Vemos entre os presentes, o líder camponês Jofre Correia Neto, vice-presidente da Federação das Associações de Trabalhadores Agrícolas de São Paulo.

GB: Motoristas Vão à Luta Contra Violências da Polícia

Motoristas, trocadores e despachantes de ônibus, lotações e micro-ônibus decidiram suspender a greve geral nos transportes coletivos da cidade, em virtude do recuo do governador Lacerda e do seu chefe de polícia, que se viram forçados, ante a unidade da classe, a declarar que respeitarão a lei, e que já haviam tomado providências para que o coronel Ardivino Barbosa fizesse cessar a onda de crimes e violências que vinha cometendo contra os profissionais do volante, a pretexto de disciplinar o serviço do trânsito. Reconhecendo publicamente que estava agindo fora da lei, o chefe de polícia prometeu aos líderes sindicais que nenhum trabalhador seria mais preso pelos métodos antigos, e que apenas os infratores, uma vez detidos, serão encaminhados à Delegacia Distrital onde a falta for cometida, e não mais entregues à sanha do coronel Ardivino e de Bo-

dem concordar com os ilegais e bárbaros métodos usados pela polícia carioca, razão pela qual a classe apelará para o recurso extremo da greve, caso não cessem as violências.

O QUE RESOLVE

Em memorial enviado ao governador da Guanabara, os líderes rodoviários, referindo-se à situação do trânsito na Guanabara, salientam: "Todo o mal emana do Departamento de Concessões, do Estado da Guanabara, que não apresenta um estudo capaz de traçar normas para o tráfego dos transportes coletivos de passageiros, por isso sugerimos: 1) — Que o Departamento de Concessões, constitua uma comissão, da qual participem representantes deste Sindicato, e elabore um plano objetivando:

a) — Que os proprietários de autolotações individuais, se constituam em empresas.

b) — Que só seja concedida licença às empresas que em termo assinado, se obriguem a organizar quadro-horário dos seus empregados, estabelecendo o horário máximo de 8 (oito) horas, diárias com um dia de descanso obrigatório.

c) — Que às empresas assim constituídas, seja-lhes proibido, sob pena de cassação da licença, alugarem os carros a seus empregados ou a terceiros, mediante um aluguel diário. Proibindo-se-lhes, outrossim, pagarem a seus empregados salários em comissão, por viagem ou outro qualquer sistema que seja o salário mensal, estabelecido em convenção coletiva de trabalho.

d) — Que as empresas se obriguem a estabelecer através dos seus sindicatos, contratos-coletivos de trabalho.

e) — Que as multas atribuídas às empresas, pelo De-

partamento de Concessões não sejam descontadas dos salários dos empregados.

f) — Que as multas atribuídas aos empregados e após serem notificados, seja-lhes assegurado o direito de defesa, e finalmente as infrações deverão ser pagas pelos mesmos em local previsto no regulamento.

g) — Que seja obrigatoriamente instituída uma comissão, da qual fará parte um representante do Sindicato para julgamento dos recursos oferecido pelos infratores.

E, finalmente, exmo. sr. governador — julgá-vamos oportuno que fosse fundido num só organismo o Serviço de Trânsito e o Departamento de Concessões, no objetivo de serem unificados as multas e infrações definidas claramente as infrações relativas às empresas e aos empregados, cujos resultados seriam os mais benéficos para a coletividade".

Nasser Não Falou Toda a Verdade: Um Projeto Contra a Reforma Agrária Apontou Terroristas-Mirins Mas Não Denunciou Behring e Lacerda

A montanha expeliu vários camundongos. Depois de uma gestação dolorosa, com ameaças de "destruição" a cada dia, o ministro Alfredo Nasser divulgou, afinal, os nomes de alguns terroristas do MAC, em lista elaborada pelo coronel Calvo chefe do Departamento Federal de Segurança Pública, com denúncias enviadas por elementos da polícia carioca contrários a Lacerda.

O ministro fez algumas concessões óbvias — tenente Vicente, por exemplo, que todos os jornais já haviam publicado —, outras, porém, como a de um delírio mental que gosta de posar armado para fotografias, a grande maioria de "fichilatas", pagá para fazer baniu.

Apesar disso, e de haver o ministro da Justiça, propriamente, e não o público do erro do principal nome da lista — Ulisses Hubert Jr., que apareceu como "Hubert" e sem indicações de onde não aver tocou em nomes como Jorge Behring e Lacerda, a lista tem seus méritos.

Por exemplo: Além de relembrar a ficha do facinoroso Adalberto de Sousa Gomes, "Bolinha", dos mais famosos espancadores que já passaram pela polícia, da qual foi expulso e agora reintegrado, a lista comprova a ligação de todos os implicados com figuras de preeminência no governo de Lacerda, tais como o ostensivo Ardovino e o caríssimo Cecil Borer, "resuscitado" pelo governador menepáusico.

INGENUIDADE

Bem, apesar de ter ficado claro qual é o centro diretor das atividades terroristas, o ministro da Justiça abdica de suas funções de

responsável pela segurança nacional e entrega as investigações ao chefe golpista mais alicinado do país, o mentorador dos atos fascistas e que, houvesse mesmo seriedade na apuração dos fatos, seria apontado como o cabeça do complot.

Essa atitude do ministro Alfredo Nasser demonstra, no mínimo, uma ingenuidade de inadmissível em quem ocupa tão importante cargo no governo, ingenuidade que chega às raias de uma conveniência ainda menos aceitável.

Acreditar o ministro que Lacerda vai apurar as responsabilidades e, assim, incriminar-se, ou preterir apenas que o caso seja arquivado, como se nada tivesse acontecido?

HUBERT JR.

A figura misteriosa apontada pela autoridade como "um tal de Hubert", funcionário das Listas Telefônicas Brasileiras S. A., e que a editora responsável de nomear, e não mais nada menos que o próprio Hubert Jr., presidente das Listas Telefônicas Brasileiras e vice-presidente do CONCLAP.

Para que se tenha uma ideia da importância de Hubert Jr., que foi o braço direito de Lacerda no governo de Lacerda, basta consultar a edição de 20 de junho de 1961, do "Jornal do Brasil", onde, através de um telegrama da "Associated Press", ficamos sabendo que, nesse dia, Hubert Jr., estava em Chicago (EUA), na qualidade de delegado brasileiro à Conferência Interamericana da Juventude, onde defendeu apaixonadamente a necessidade de dar prioridade aos problemas da juventude na América Latina.

Essa verdadeira identidade.

de de uma das figuras importantes do MAC — que para o ministro da Justiça e o misterioso sr. Hubert — é confirmada pelo "Diário de Notícias" de 6 de fevereiro, onde, entre outras coisas, há a denúncia de que o "dono das Listas Telefônicas, importante e riquíssimo, há pouco comprou um palacete do sr. Jorge Behring de Matos".

BEHRING

Prova das vacilações e do pouco empenho das autoridades em punir os terroristas, é que o próprio Behring de Matos, presidente do CONCLAP (Conselho das Classes Produtoras), ainda e já em liberdade, apesar de ter se confessado enriquecido e ser uma das mais importantes peças da organização terrorista.

Em entrevista ao jornal "A Noite" (15-2-62), o presidente do CONCLAP afirmou que estava organizando uma comissão através da exportação de 0,5% — o que representa bilhões — dos canilões registrados de todas as firmas comerciais e industriais do Rio e de São Paulo para que as classes conservadoras desenvolvam intensa campanha anticomunista, principalmente através dos jornais e do Parlamento. Do Parlamento isto é, confessa que vai tentar corromper o Poder Legislativo e vencer as próximas eleições de outubro.

E o próprio presidente da República, sr. João Goulart, já tinha conhecimento do fato, pois no último reunião das chamadas classes produtoras, a que compareceu, o sr. Jorge Behring de Matos apresentou, no momento, 15 milhões de cruzeiros na caixa.

FEUNIBAO

Ainda confirmando a passividade do governo diante da campanha fascista que há muito tempo se desenvolve principalmente na terra carioca, submetida a infeliz período lacerdiano, encontramos, no "Jornal do Brasil" de 22 de outubro de 1961 (muito antes, portanto, dos primeiros atentados), entre os "pólios" do comunismo social da confissão, a notícia de que se realizara naquela semana, no prédio das Secretarias do Estado do Rio de Janeiro, reunião para traçar os planos estratégicos da campanha anticomunista a ser desencadeada no Brasil inteiro.

A notícia denuncia a presença na reunião, entre outros, do boquirrotto Pena Bó, do seu assessor Joaquim Vieira Ferreira, o "Metralha", e do torturador inspetor Borer, acrescentando que o Conselho Nacional de Segurança adotou o fato.

Anotou: Prendeu os homens que preparavam os

atos terroristas? Não. Tomou alguma providência? Também não.

CONTRA-REVOLUCIONARIOS

A participação de contra-revolucionários cubanos exilados no Brasil em atos anticomunistas e terroristas, como já frisamos, aliás, em reportagem anterior, está quase comprovada. Não é segredo para ninguém o fato de que em Miami, nos Estados Unidos, está situado o quartel-general dos contra-revolucionários cubanos, que, de lá, dirige a vasta campanha anticomunista em toda a América, principalmente no Brasil e na Argentina.

Não é casual, de forma alguma, a encurada de provocadores cubanos recebidos, oficialmente inclusive, pelo governador Lacerda, e que aqui desenvolvem intensa campanha até contra o governo federal do país.

Alguns nomes desses elementos já se encontram sob suspeita: Francisco Dominguez, que durante a ditadura de Batista foi o encarregado dos negócios de Cuba no Brasil e que mantém fortes ligações com Yagnona chefe da Frente Democrática Revolucionária, que recebeu de Lacerda, num insulto aos cariocas, a chave do Rio de Janeiro; Angel Anacleto Laurêncio, representante da FER no Brasil, que discursou no comício lacerdista no monumento aos pracinhas mortos na Segunda Guerra Mundial, fazendo provocações contra o governo federal, principalmente no dia 23 de respeito à política externa.

E a todo instante chegam novos provocadores, inimigos do povo cubano, que vêm atrair lenha à fogueira do anticomunismo, soprada a pleno pulmão por Lacerda, como é o caso do transfuga Miró Cardona, hóspede de honra do governo da Guanabara.

AUTORIDADE

E tudo continuará como está, enquanto o governo, em vez de fazer prevalecer sua autoridade, mantiver essas atitudes dúbias, essa política de panos quentes, deixando de punir os responsáveis pelos atos terroristas, que poderão adquirir aspectos mais graves, só porque os homens ocupam postos importantes na vida pública do país.

Com essas atitudes, que chegam a ser de convivência, o governo federal acabará permitindo que sejam levadas às últimas consequências as pregações fascistas e golpistas do governador Carlos Lacerda.

Tudo indica que continuará a Lei de Reforma Agrária, ficasse abolida, com a mesma forma sumária com que foi decretada a abolição da escravatura. O contrário é fazer "reforma agrária" para a manutenção do latifúndio semifeudal.

No Grupo de Trabalho, alguns de seus componentes pareciam empenhados em conservar a todo custo os privilégios e as prerrogativas dos latifundiários semifeudais. É o caso do art. 39 deste anteprojeto, determinando a distribuição entre trabalhadores rurais de "pequenas unidades de subsistência próximas às plantações e independentes da propriedade".

Até mesmo uma das tentativas mais escandalosas de manter para o latifundiário, a seu lado, uma massa de dependentes, pois o seriam de fato nessas "pequenas unidades de subsistência", as quais não passariam de um chamariz para conservar a mão-de-obra barata de que necessita o latifúndio.

Foi isto que fizeram sempre os latifundiários, através de toda a história do país. E lhes indiferente que a "unidade de subsistência" fique dentro ou fora da fazenda. O que lhes interessa é que o misero trabalhador não poderá "subsistir" nela e será obrigado a vender sua força de trabalho ao grande proprietário semifeudal.

Atos de trabalho elaborados que se presume sejam os assalariados, mas que o próprio não deixa claro, o art. 38 estabelece: "As propriedades do campo, atendidas as peculiaridades do meio rural, serão aplicadas a legislação trabalhista ordinária, até que seja promulgada a legislação especial a respeito".

O menos que se poderia dizer é que o projeto prevê, em favor do latifúndio, a manutenção de uma das mais inomináveis formas de exploração do homem do campo, a parceria. Os mais empedernidos e retrógrados latifundiários não legislariam melhor, se o tivessem feito diretamente, em seu favor, em favor da manutenção dessa relação semi-servi de produção. No entanto, o projeto (cap. X) reconhece a validade dos "contratos verbais" entre o dono da terra e o mezeiro ou terceiro. Mais ainda, dispõe (art. 35, alínea C) que o latifundiário poderá cobrar pelo aluguel da terra até 40% dos frutos do trabalho do parceiro. Quando a meza (50%) vem dos omníscios tempos coloniais e já hoje, em algumas regiões, os lavradores impõem a terra (30%).

Não se pode alegar "uma tradição" nem que "esta é a realidade". Pois se trata precisamente de pôr termo a esta vergonhosa tradição e a esta realidade de senzala.

Que se exigiria no caso?

CONTRA A REFORMA AGRÁRIA

Outros dispositivos absolutamente incompatíveis com uma verdadeira lei de reforma agrária (e no preâmbulo o anteprojeto seria contrário aos paliativos...) se encontram a cada passo. Por que estabelecer a locação rural por três anos, quando, com tão curto prazo, o locatário continuaria, como no passado e como hoje, sem qualquer garantia de que amanhã não lhe tomasse a terra?

Por que o lote agrícola será de tamanho que apenas "baste a subsistência" do agricultor, quando o razoável seria estimular por todos os meios a produção para o mercado?

Por que o dono da terra pode obter a devolução do imóvel rural para venda (pariz, único do art. 28), sem estabelecer-se que deve ter preferência o locatário que se quer expulsar?

Tudo o capítulo (VIII) referente à chamada "regionalização da reforma agrária" abre a porta a sua não execução, ao seu prolateamento indefinido, deixando finalmente ao arbítrio de "projetos específicos referentes a região", como se uma Lei de Reforma Agrária não tenha sobretudo um caráter nacional irrecusável. E ainda — e não é tudo — a excessiva burocracia que representaria a SUPRA caso se estruturasse segundo este anteprojeto.

Finalmente, a melhor prova de que a opinião da maioria prevalecente na elaboração deste anteprojeto é contrária à reforma agrária, vamos encontrá-la no art. 13, que trata da desapropriação, considerando "lista a indenização baseada na média entre o valor médio unitário das avaliações do poder público e o dos atos relativos a terras de realiação e caracteris-

BR ZOLA: REFORMA AGRÁRIA NÃO PODE MAIS SER DETIDA

"Advirto a opinião pública para a maneira falsa e deturpada com que 'O Globo' apresenta os fatos. Esse jornal mente e tergiversa, a serviço de interesses exclusivos" — declarou o governador Leonel Brizola, falando pela televisão carioca na noite de segunda-feira.

Brizola prestou amplos esclarecimentos a respeito da luta em que estão empenhados os camponeses sem terra do Rio Grande do Sul. Reafirmou que a posição do seu governo é de amor e solidariedade a esses camponeses, o que faz em cumprimento ao que determinam as constituições da União e do Estado. "Não

é possível que os nossos irmãos do campo continuem vegetando na fome e na miséria, enquanto uma minoria de privilegiados mantém as terras incultas ou com elas fazem especulação. Dessa posição não nos afastaremos um só passo por um só minuto". Adiantou que esse é, certamente, também o pensamento dos militares brasileiros, que "seriam incapazes de dissolver a força movimentos como esses pacíficos e amparados pela Constituição". "O que eu afirmo — e que teve início no Rio Grande em processo irreversível que levará, inevitavelmente, a reforma agrária no Brasil".

Festa na Charitas

Promovida por uma grande comissão de maritimos, realizou-se no próximo dia 11, na Charitas, grande festa popular. Borrachões, comestíveis e bebidas estoró instalados no aproprieo recanto do litoral fluminense, aptos a atender todos os participantes da reunião. Jogos, concursos de prendas, e um baile abençoado por uma orquestra popular completaram o programa dominical, organizado pelos maritimos guarnecidos para confraternizar a família trabalhadora.

Nota Econômica

Josué Almeida

Em princípios de janeiro, chegou incôgnita ao Brasil, e incôgnita foi mantida por uns dez ou quinze dias, uma nova missão do famigerado Fundo Monetário Internacional. Por que a visita dos financistas estrangeiros foi cercada durante tanto tempo pelo governo de tão estranho silêncio? Por que, até agora, não há nenhum pronunciamento oficial a respeito? Que terríveis propostas, que maquinarias infernais estavam — ou estão — sendo tramadas, a ponto de um dia o sr. Walter Moreira Sales avisar para o Ministério da Fazenda que estava doente, a fim de poder receber em sua casa, para almoço, e depois para uma conferência de várias horas, a missão do FMI?

Já se sabia anteriormente que desde julho havia sido suspensa a liberação das parcelas mensais de 10 milhões de dólares do empréstimo de 160 milhões concedido pelo FMI ao Brasil. Entretanto, agora vagas referências ao fato de que o governo brasileiro deixara de cumprir compromissos assumidos, desde o tempo do sr. Jânio Quadros, pouco mais se conhecia sobre o assunto. Agora, com a visita da missão, apareceram algumas informações através do noticiário dos jornais. Sabe-se que o FMI condicionou nos próprios entendimentos de abril-maio do ano passado com o Brasil à observância de determinadas imposições, notadamente a reforma cambial. Além disso, exigia o FMI que o Brasil reduzisse os gastos públicos, restringisse o crédito para as atividades econômicas privadas e liberalizasse por completo o comércio exterior.

Misteriosa missão do FMI e congelamento de salários

Há alguns indícios de que o bravo governo do sr. Tancredus Neves, pretende ceder a estas novas imposições do FMI. Um deles foi a recente e estranha nota do ministro Alfredo Nasser ameaçando com violência a imprensa uma greve de portuários, marítimos e ferroviários... que não estava programada. Na mesma nota, o ministro da Justiça acrescentava que o governo já havia dado tudo o que os trabalhadores pediam e, portanto, qualquer outra reivindicação seria "pretexto para a subversão". Também um jornalista credenciado no Palácio do Planalto, em Brasília, informa que o governo tentou estabelecer no país uma "trégua salarial". Isto é, o congelamento de todos os salários. Por fim, para mascarar a arremetida e dar a impressão de que "o sacrifício é para todos", anuncia-se que um grupo de "grandes industriais" nacionais e estrangeiros estaria disposto a conceder ao Governo um empréstimo de 100 milhões de cruzeiros, pelo prazo de dez anos e sem juros, com a condição (pelo menos, não são mencionadas outras) de que não seja feita qualquer emissão este ano.

No que se refere ao congelamento dos salários, convém lembrar que desde a decretação do novo salário mínimo, em outubro de 31 de dezembro, o custo de vida registrou um aumento de 10,3%, segundo os índices da revista "Conjuntura Econômica" e em janeiro continuou a crescer em escala certamente não menor. Em outras palavras se os salários tivessem sido congelados em 31 de dezembro, o salário mínimo já estaria reduzido para 12.066 cruzeiros. Hoje, será mais baixo ainda, em termos reais. Por tanto, o congelamento equivaleria a um corte brutal nos salários. Não sabemos como poderá, por exemplo, o sr. Moreira Sales conciliar seu apoio a essa exigência implícita do FMI com as palavras que pronunciou no Congresso dos Bancos, em outubro ("enquanto certas camadas da população dispõem de meios apropriados para se protegerem em parte dessa situação, é indubitável que as classes cujos salários são reduzidos nada podem fazer e seus 'standards' de vida se tornam cada vez mais baixos"), ou na recente homenagem que recebeu dos industriais paulistas ("não comportam reduções os ganhos das classes oneradas"). Por outro lado, se os referidos "grandes industriais" dispõem de meios para oferecer empréstimo ao governo, já está a fonte infocada a que cunde o governo recorrer, sem ceder às imposições do FMI, nem dos eventuais emprestadores.

63.609 FIRMAS JÁ COLETADAS PARA O REGISTRO DO PCB

A Comissão Nacional Patrocinadora da Campanha em prol do Registro Eleitoral do Partido Comunista Brasileiro comunica que, segundo os dados parciais de que dispõe, já foram coletadas 63.609 assinaturas de eleitores em todo o país, divididas pelos seguintes Estados: Amazonas — 729; Maranhão — 200; Ceará — 2.000; Rio Grande do Norte — 541; Paraíba — 182; Pernambuco — 2.400; Alagoas — 450; Sergipe — 200; Bahia — 1.000; Espírito Santo — 1.719; Rio de Janeiro — 6.058; Guanabara — 6.000; São Paulo — 30.000; Paraná — 2.500; Rio Grande do Sul — 4.100.

UMA BOA NOTÍCIA

A curiosidade, o desejo de conhecer, é uma qualidade humana. O novo, o progressista, o pioneiro sempre desperta no homem entusiasmo e interesse. A vida dinâmica econômico-social, o homem e impulsionado na procura de soluções para os problemas que o rodeiam.

Individualmente, a União Soviética — pioneira do desenvolvimento econômico-social — sempre desperta em todos os povos o desejo de conhecê-la. Daí a enorme procura das suas revistas ilustradas: a forma mais acessível de realizar esse desejo. Agora, com o tratamento de relações diplomáticas e comerciais, uma boa notícia para todos os que desejam conhecer a URSS, o recebimento das revistas soviéticas é mais regular, nenhuma dificuldade existe para assiná-las, ou recebê-las, em qualquer parte do Brasil.

As revistas soviéticas são escritas em várias línguas, inclusive em espanhol ou castelhano. Pelas suas ilustrações, pelos textos pequenos e concisos, a leitura destas revistas não apresenta muitas dificuldades. Por isso é que já se contam as centenas os assinantes brasileiros de revistas soviéticas.

Para assinar qualquer destas revistas basta escrever para AGENCIA DE INTERCAMBIO CULTURAL — J. C. AMARAL GEMARIS, Rua Estácio, 84 — sala 25 — São Paulo. Enviando ao seu pedido cheque ou vale postal no valor das revistas desejadas.

REFINARIAS PARTICULARES POR TRÁS DE "O GLOBO" DESMASCARADA A CHANTAGEM CONTRA A NOMEAÇÃO DE EDUARDO SOBRAL

Veio à tona, finalmente, a origem da campanha desencadeada por certa imprensa contra a nomeação do economista Eduardo FONSECA Sobral para uma das diretorias da Petrobrás. Trata-se, uma vez mais, do "O Globo", esse balcão impresso dos grandes interesses estrangeiros e dos mais reacionários grupos econômicos do país e, em particular, do seu diretor, o esperto e poderoso Roberto MARINHO. Como se sabe, vitoriosas ou não, as campanhas do "O Globo" são sempre recheadas por polpudos interesses.

No caso em apreço, o recheio eram as refinarias particulares e, em primeiro lugar, a Refinaria de Capuava, cujas falcatruas em prejuízo da Petrobrás mais de uma vez encontraram pela frente a lúcida oposição do sr. Sobral.

Não permaneceu por muito tempo na obscuridade a manobra do sr. Marinho. Imediata e sucessivamente, as entidades de técnicos e trabalhadores da Petrobrás e, depois, o Centro Acadêmico Cândido de Oliveira, ao mesmo tempo em que desmascaravam o sr. Roberto Marinho, exigiam do governo a nomeação do sr. Sobral. Até o momento em que redigíamos esta nota, a nomeação continuava suspensa, mas o governo teria que optar, no caso, entre o apoio do "O Globo" — que tão bravamente "defendeu" a posse do sr. Goulart, — e o apoio das forças nacionalistas que reclamam uma dire-

BORRACHA SINTÉTICA

Enquanto isto, ainda com sérios problemas internos a resolver, tantos foram os que se acumularam nos últimos anos, vai a Petrobrás retomando o ritmo normal de suas atividades. Quinta-feira última, em companhia de numerosos jornalistas, o sr. Francisco Mangabeira visitou as instalações da fábrica de borracha sintética e da refinaria de Duque de Caxias, esta última em atividade desde setembro do ano passado e a primeira em vias de entrar em funcionamento.

Produzindo dois tipos de borracha sintética, a nova fábrica da Petrobrás atenderá a 40 por cento do consumo nacional, com uma produção de 22 mil toneladas por ano. De tal maneira, apresentará uma capacidade não utilizada de cerca de 50 por cento, pois funcionando a pleno rendimento pode produzir 40 mil toneladas por ano. Desde que atinja este nível de produção, a fábrica de borracha sintética proporcionará ao país uma economia anual de divisas de 9 milhões de dólares. O seu custo foi de 4,5 milhões de dólares mais 3 bilhões de cruzeiros, o que, ao câmbio atual equivaleria a cerca de 4,5 bilhões de cruzeiros.

Em virtude da falta de coordenação entre a construção da refinaria de Du-

40 ANIVERSÁRIO DO PCB

No próximo dia 25 de março comemoramos o 40º aniversário da fundação do Partido Comunista do Brasil, acontecimento destacado na história do movimento operário brasileiro. NOVOS RUMOS, associação de se afiliações numerosas manifestações que serão realizadas em todo o país, passará a publicar, a partir do próximo número, uma página dedicada ao aniversário de fundação do PCB, e em sua edição de 23 de março, um suplemento especial.

Entre outras medidas tomadas pelo novo presidente da Petrobrás, figura a que determina a constituição de um grupo de trabalho na empresa para estudar o problema da produção e composição de óleos lubrificantes, que, como tem sido denunciado, arrasta-se, interminavelmente, no Conselho Nacional do Petróleo. Como a Petrobrás deverá entrar brevemente no mercado desses derivados, com o funcionamento de unidade em construção na Bahia, impõe-se um conhecimento amplo do assunto.

No que se refere à produção do petróleo, revelou o sr. Francisco Mangabeira as informações recebidas do poço aberto próximo a Macaé.

qual podem participar todos os leitores. Os trabalhos, que deverão versar sobre episódios e fatos da história do movimento comunista no Brasil, devem ser enviados à redação deste semanário. Os cinco melhores trabalhos selecionados pela comissão serão publicados e os seus autores receberão, como prêmio, uma pequena biblioteca marxista. Os trabalhos deverão ter, no máximo, três páginas datilografadas em dois espaços. Os leitores que não dispuserem de máquina poderão enviar seus depoimentos manuscritos.

Afonso Schmidt: Meio Século de Literatura a Serviço do Povo Brasileiro

Conto de Página

Crianças

Enleia

Neste começo de ano, todos os círculos literários de São Paulo e do Brasil estão prestando significativas homenagens a Afonso Schmidt pelo 50 aniversário de sua estreia como escritor. Os festejos comemorativos deste jubileu culminaram com a exposição retrospectiva de sua obra patrocinada pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. O povo paulista teve, assim, oportunidade de abarcar o conjunto da produção literária de um de seus mais queridos escritores.

«Novos Rumos» não só se associa a essas homenagens como aproveita a oportunidade para fazer alguns comentários sobre a vida e a obra do escritor paulista.

De há muito aprendemos a admirar e a querer bem a Afonso Schmidt. O seu nome se destaca entre o dos escritores brasileiros que, no passado e no presente têm sabido pôr a sua inteligência e a sua arte a serviço do povo. Como cidadão, Afonso Schmidt ligou-se desde cedo às lutas da classe operária e se enquadrou

na vanguarda política que, em nosso país, tem liderado as lutas patrióticas em defesa da nossa soberania e da justiça social. Como escritor, procurou sempre transmitir, em linguagem literária de grande beleza e veracidade, um pensamento estuante de confiança e simpatia humanas.

O poeta romântico, que publicava «Lírios Roxos» quando mal saía da meninice, recebeu o impacto das ideias novas e dos novos movimentos que agitavam o panorama social do mundo. E logo vamos encontrá-lo saudando, em voz alta e corajosa, a grande Revolução Russa, que, sob o comando de Lênin e do Partido Bolchevique, abriu de par em par as portas do socialismo.

A perspectiva socialista alumbrou a inteligência e a sensibilidade do poeta. E numa época, em que grande número de intelectuais brasileiros se preocupava com problemas puramente estéticos, ele pode transcender essas limitações formais e impregnar toda a sua obra de um conteúdo realmente novo e revolucionário. Sua voz foi a primeira a cantar em versos, em nosso país, na sua formosíssima «Ode aos Russos», o advento do proletariado ao Poder.

Dai em diante toda a obra de Afonso Schmidt passa a ser uma obra de conteúdo político, democrático e popular. A cidade de São Paulo, que tanto o atrai, não é apenas a cidade

de de garça romântica e dos lampiões burocráticos, mas o grande centro fabril, onde o proletariado cresce quantitativa e qualitativamente e passa a influir nos destinos da nação. As greves, num tempo em que as greves eram consideradas simples «casos de polícia», o escritor popular as vê na sua justa perspectiva, como as mais significativas manifestações da fraternidade e da capacidade de luta do operariado. Para ele, o Brasil não é apenas o imenso país que vai do Amazonas aos Pampas, mas a nação que está sendo forjada pelos trabalhadores dos campos e das cidades e que, pelo trabalho e pelo sofrimento de seus filhos, se liga a todas as nações e

a todos os povos do mundo. Ele sente profundamente, como homem e como artista, da mesma maneira que Gorki, que o nosso trabalhador humilde, na sua vida e nas suas lutas, reflete uma parcela da imensa e indomável força do proletariado internacional. Afonso Schmidt compreende, enfim, com a inteligência e com a coragem, a verdade da internacionalismo proletário.

Mas, como escritor sensível, ele procura sempre aliar um grande senso de realidade a um lirismo revolucionário realmente enternecedor. Quando os seus olhos se voltam para o passado, como em «A Marcha», ele procura captar, na massa dos negros que caminham em busca da liberdade, os traços humanos mais profundos e perenes. Assim, pôde ele buscar uma imagem do Negro Pio tão alta e imponente como a do Spartacus da História de Roma. É o mais desprevenido leitor sentisse empolgado por uma luta que vem de séculos, por uma luta que não cessa que é a luta do homem contra a escravidão e a miséria. Se fala no presente, seus operários, não são homens curvados diante de um destino adverso, mas criaturas humanas que têm

consciência de sua própria força e das suas próprias verdades.

Essa harmonia perfeita entre um conteúdo rico e uma forma literária atraente e bela, em que o linguajar português se valoriza em tons e modulações novas, Afonso Schmidt conseguiu pela sofrida estrofe autodidata e, acima de tudo, por ter sabido conservar-se ao lado do povo, na militância política, tanto nas horas de adversidade como nas horas de vitória. Não é de admirar, portanto, que seus livros estejam hoje sendo traduzidos e lidos aos milhares nos países socialistas. Os leitores soviéticos e poloneses, que hoje vivem num mundo em que todos os mais audaciosos sonhos do homem estão sendo transformados em realidade, recebem, através dos livros de Afonso Schmidt, não apenas a mensagem pessoal de um escritor, mas a afirmação de solidariedade e de confiança de todo um povo que procura trilhar os mesmos caminhos que os conduziram ao socialismo.

«Novos Rumos», em nome dos comunistas brasileiros, saudamos calorosamente Afonso Schmidt pelas suas vitórias em meio século de literatura a serviço do povo brasileiro.

Quando voltei dos países socialistas naquela minha tão bela viagem contada em livro, disse que afinal eu vira crianças felizes. Só isso bastaria para que os amamos profundamente aqueles países. Lembrei agora as crianças soviéticas, as chinesas, as polonesas, mas não creches, nos seus jardins-de-infância, nas suas escolas, nos seus palácios de pioneiros. Lembrei-me delas quando li o discurso que Fidel Castro fez em 6 de janeiro passado, inaugurando em Havana o Palácio dos Pioneiros:

«Para que uma criança seja feliz, é necessário que tenha todas as coisas necessárias à sua vida. E justo que uma criança tenha tudo e outras não tenham nada? E justo? E preciso que todas as crianças tenham tudo; que todas os pais tenham para dar aos filhos. E que toda criança tenha o que antigamente só possuíam os filhos dos ricos. Para isso fizemos a Revolução. Que fez a Revolução para que todas as crianças tenham brinquedos, escolas, professores, praias, divertimentos? O que fez? Quando o senhor era dono de uma usina de açúcar, ele sózinho, e tinha milhares de operários trabalhando para ele, isso era justo? De quem deve ser uma usina de açúcar? De todos, não é verdade? Não dos ricos e dos filhos dos ricos, mas de todo o povo. A Companhia Elétrica, não era uma companhia americana, era de quem? Os navios agora são do povo. E os navios, de quem eram? Os navios agora são do povo. E as terras, que eram de companhias e de grandes latifundiários, de quem são agora? Também do povo. Por isso o povo agora tem muito. Por isso agora todas as crianças podem ter brinquedos, todas as crianças podem ir à praia; todas as crianças têm professores, têm médicos. Todas as crianças têm alimentação. Isso é a Revolução.»

Comoveram-me tanto estas palavras que quase cheguei a ver, com olhos de a nor as crianças de Cuba de hoje. Não as conheço, mas meus sentimentos levaram-me a vê-las como aquelas que encontrei nos países socialistas. «As crianças — disse Khrushchov — são o no. o futuro» e numa entrevista a um jornalista estrangeiro que lhe perguntou se a URSS possuía uma arma secreta, ele respondeu: — «Temos. São as nossas crianças.»

Benditos sejam aqueles que podem dizer que fizeram a Revolução para que as crianças sejam felizes. Benditos sejam.

Bilhete aos companheiros de Campo Mourão: Recebi o comunicado de vocês e não precisarei dizer-lhes o quanto me comovi, o quanto me alegrei em saber que vocês deram meu nome a um organismo de trabalho e de luta. Agradeço imensamente e podem estar certos de que continuarei sempre ao lado de vocês, estarei sempre com vocês na defesa dos direitos de nosso povo. Não discutirei se mereço ou não a honraria; prefiro antes tornar-me cada dia mais digno dela, já que vocês me julgaram merecedor de tanto.

ESTUDOS SOCIAIS, N.º 11

O atual número de ESTUDOS SOCIAIS, que se encontra nas bancas, contém uma série de artigos de grande interesse. Mario Alves analisa a situação política brasileira: «Da crise de agosto a Frente de Libertação Nacional». Dois ensaios literários: um sobre Tolstói, de Dalcídio Jurandir; outro sobre a contraditória personalidade do poeta português Fernando Pessoa («Algumas considerações sobre a fisionomia ideológica de Fernando Pessoa»), de Leandro Konder. Cinco artigos são dedicados aos atuais problemas econômicos brasileiros: «O programa do Gabinete Tancredo Neves», por um Grupo de Técnicos; «Notas sobre o problema agrário», de Rui Facó; «Os projetos de fêmeas de luros», do deputado federal Milton Reis; «O primeiro Plano Diretor do Desenvolvimento do Nordeste», do deputado federal Clélio Lenos; «O Tratado de Montevideo e a integração econômica da América-Latina», um estudo da Assessoria Técnica Parlamentar. O economista e sociólogo soviético V. Semiónov analisa as «Teorias anticientíficas das classes e da luta de classes na sociologia burguesa contemporânea». As «Questões sociais e econômicas de Minas Gerais» são tratadas pelo historiador Miguel Costa Filho. Finalizando o n.º 11 de ESTUDOS SOCIAIS, há a seção de Crítica de Livros e de Revistas.



ORIGINALS
A escritora Ruth Werner mostra ao nosso companheiro os originais de seu romance biográfico, cujo tema é a vida de Olga Benário Prestes.

OLGA BENÁRIO PRESTES - PERSONAGEM DE ROMANCE

Reportagem de F. Carlos Borges

Olga Benário é uma legenda do movimento operário internacional. Sua vida de lutas e sacrifícios, sua dedicação às lutas dos trabalhadores e seu profundo amor ao povo, sua combatividade e inquebrantável confiança na vitória do socialismo, são conhecidos e admirados em todo o mundo. Particularmente no Brasil e na Alemanha, sua pátria, muito devem os trabalhadores a essa extraordinária combatente.

Em companhia de Prestes, com quem se casara na Europa, aqui chegou em 1934. No Brasil, ela continuaria suas atividades revolucionárias, ajudando o nosso povo na luta por sua libertação. Durante quase dois anos, Olga participou ativamente da organização do movimento nacional-libertador, cujo desfecho foram os levantes armados de Natal, Recife e Rio. Ensnagado o movimento, pouco depois era presa. O tirano Vargas e seu chefe de polícia, Flinto Müller, entregaram-na aos carrascos de Hitler.

Apesar de casada com um brasileiro. Mesmo encontrando-se em adiantado estado de gravidez. E num campo de concentração nazista, um ano após dar à luz a sua filha — Anita Leocádia —, Olga foi assassinada.

A vida dessa extraordinária lutadora e hoje tema de um romance, recentemente publicado na República Democrática Alemã. Esse livro está sendo traduzido em vários países da Europa e da Ásia. Breve a Editorial Vitória lançará uma edição brasileira.

DIFÍCIL

— Não me foi fácil escrever este livro. Não há materiais escritos sobre a vida e a atividade de Olga, disse-me a camarada Ruth Werner. Em agosto de 1959, quando estive com Ruth Werner, em Berlim, o romance estava praticamente concluído. Para dar-lhe o arremate, sua autora aguardava apenas uns materiais que lhe prometeram enviar do Brasil. Parte desses materiais seguiu comigo: as cartas de Olga para Prestes, escritas dos campos de concentração nazistas. Apesar de velha militante comunista — e membro do Partido desde 1924 — Ruth Werner não conheceu Olga pessoalmente. Todo o material básico para o seu romance biográfico foi colhido em contatos que manteve com dezenas de pessoas que conheceram e trabalharam com Olga. Na RDA, entre vistou-se com cerca de 30 pessoas que trabalharam com Olga no tempo da juventude. Todas elas são da classe operária e hoje, em sua maioria, exercem importantes funções no aparelho do Estado socialista.

alem. Chega aos nos. os dias.

Uma coisa, porém, preocupava profundamente a Ruth Werner. Em todos os contatos que manteve com velhos companheiros de Olga, nenhum foi capaz de fazer a menor restrição à sua personalidade, ninguém apontou-lhe o menor defeito. A voz unânime era de exaltação das qualidades extraordinárias, como mulher e como revolucionária, de Olga Benário. — Como ser humano, disse-me Ruth Werner, Olga deveria ter suas fraquezas. E não se pode escrever livros vendo apenas o lado tóxico da vida, de pura exaltação do que é bom. Como escritora ligada ao povo, Ruth Werner preza muito a opinião dos leitores, e considera importantes os contatos pessoais entre o escritor e seus leitores. E cita sua experiência pessoal, relacionada com o seu primeiro romance — «Uma Jovem Diferente». Na 2.ª edição fez pequenas modificações, atendendo a justas críticas dos leitores. Eu mesmo procurei, quando da visita que fiz a Ruth Werner, uma acalorada discussão em torno daquele livro. Protagonistas: a autora e a jovem fotógrafa Anita Fekleben, que nos acompanhava. — São muito úteis para o escritor os contatos com os seus leitores, declara Ruth Werner. E acrescenta: se os leitores lessem os livros antes de editá-los, eles seriam melhores. Não apenas isso. Muitos não seriam publicados...

Tópicos Típicos Pedro Severino

Coisas estranhas têm acontecido no Rio de Janeiro... Durante as madrugadas, um grupo de agitadores tem picado os muros da ex-capital da República com inscrições assim: «Fogo na canalha comunista», «Mate um comunista por dia», «Força para os comunistas», etc. Ouvindo a respeito, o atilado chefe de polícia da Guanabara opinou no sentido de que se tratava de mais uma manobra dos comunistas, visando confundir a opinião pública. Apenas para despistar, observou a autoridade, os comunistas escrevem «siogans» contra eles mesmos e assinavam «MAC» — para que os incautos fossem levados a crer que existisse uma organização terrorista com tal nome. Na madrugada de 6 de janeiro último, os misteriosos agitadores fizeram disparos de metralhadora contra a sede da União Nacional dos Estudantes. Fizeram também uma inscrição na parede do prédio: «Casa dos Lacaio de Moscou». E assinaram: «MAC».

Uma Revista Para a Juventude

Revista teórica e de informação internacional, com três anos de existência, «Problema da Paz e do Socialismo» tornou-se a leitura obrigatória não apenas dos milhares de comunistas mas também de todos aqueles estudiosos que se dedicam às pesquisas das questões sociais, políticas, econômicas e filosóficas de nossa época. A partir de seu primeiro número, publicado em março de 1959, tornou-se ela o centro das mais importantes polémicas que hoje se travam envolvendo questões de transcendental importância para a sociedade contemporânea. Nesses três anos a conhecida revista tem procurado refletir do ponto de vista teórico as transformações ocorridas no mundo neste segundo pós-guerra. Tornou-se, portanto, um órgão de investigações, de informações atualizadas, um veículo ativo de divulgação do marxismo criador e atuante.

Zuleika Alambert

mente os preocupam e os inquietam. PPS, apesar de ser uma revista adulta, é também uma revista feita essencialmente para a juventude; para aqueles que por serem jovens têm sempre as vistas voltadas para a frente, para o futuro e têm o coração ansioso por saber, finalmente, «que futuro espera a humanidade». Pressurosos em responder, detalhes aparecem a Igreja via de regra as escolas, os ideólogos da burguesia, os filósofos e pensadores metafísicos que ainda amparam com suas ideias confusas e rebuscadas uma sociedade caduca prestes a desaparecer. Em contraposição, que apresenta PPS? Não apresenta apenas artigos, teses, análises que mostram de modo científico materialista-dialético, o papel da economia da ciência, da cultura no desenvolvimento da sociedade contemporânea; mas também informações objetivas sobre os resultados práticos, visíveis da transformação das ideias teóricas que defende em realizações concretas, aos informar sobre as experiências de construção do socialismo e do comunismo e sobre o desenvolvimento do sistema socialista mundial. PPS ensina às novas gerações como colocar seu talento, seu entusiasmo seu ímpeto revolucionário, sua coragem e abnegação a serviço imediato da grande obra de constru-

Uma Revista Para a Juventude

ção de um mundo novo, em lugar de incutir-lhe o pânico pelo desconhecido, a descrença e o conformismo diante dos complexos problemas que atualmente afligem a humanidade, a exemplo do que fazem a Igreja, a escola, os ideólogos da burguesia e os pensadores caducos. Publicando materiais relativos ao movimento operário internacional ao movimento juvenil, à atividade dos partidos comunistas e operários em sua luta pela paz e o progresso social e a luta nacional libertadora dos povos oprimidos. PPS ensina aos moços de todo o mundo que a felicidade e o direito a uma vida melhor não caem do céu, não são dádivas divinas, nem tampouco obra da magnanimidade das classes dominantes. Mas sim, a conquista dura e difícil da luta cotidiana das massas. Por exemplo em seus últimos números de 1961 «Problemas da Paz e do Socialismo» enfrenta com profundidade as questões acima citadas, sob a forma de dois diferentes debates. O primeiro: «Que futuro espera a humanidade?» é uma síntese das opiniões emitidas num encontro internacional de cientistas, realizado em maio último na França e onde foram analisados «os problemas do progresso social em nossa época». Referindo-se à importância dos debates travados naquela ocasião, afirma a revista: «Em nosso tempo aqueles que queiram fazer tábuas para o marxismo e prescindir de seu be-

Uma Revista Para a Juventude

nefício influir em suas profissões e atividades sociais estão condenadas a reclusão no ghetto ideológico da burguesia». O segundo: «Os comunistas e a juventude» é o resultado da discussão que, em todo o mundo, travam os partidos comunistas no sentido de encontrar quais os melhores caminhos que os levam a conquistar a juventude pois «somos o partido do futuro e o futuro pertence à juventude». Combatendo a falsa tese burguesa que apresenta a juventude contemporânea como uma geração perdida, os debates travados despertam o sentimento mais sadio da mocidade e lhes abre todos os caminhos possíveis para a sua incorporação imediata à luta pela construção ativa de um mundo melhor e para o pleno florescimento de sua imensa capacidade criadora. Assim é PPS — uma revista para a juventude. Pelo que encerra de bom e útil para os nossos jovens, pelo seu papel dinâmico na mobilização das jovens gerações, PPS deve ser divulgada e difundida entre a juventude brasileira em nossas escolas e centro de cultura. Ela, hoje, é o melhor instrumento no sentido de incutir em nossa gente fé e confiança inabalável em suas próprias forças.

Teoria e Prática...

(Conclusão da 4.ª pag.)
«Como único meio de realizar a democracia». E, na realidade, o Poder socialista é o «Poder da classe operária unida às grandes massas trabalhadoras, com a tarefa de utilizar a riqueza social no interesse de todos». A tarefa da classe operária não é, porém, eternizar-se no Poder. E' transformar esse Poder, abrir caminho para a sociedade sem classes e sem Estado; é construir o socialismo, iniciar a etapa da edificação comunista. E essa tarefa já está cumprida na União Soviética — onde a ditadura do proletariado já se converteu em Estado de todo o povo. E onde, entre as tarefas básicas desse novo Estado, estão o fortalecimento máximo e o máximo aprimoramento da democracia socialista, dentro do controle vivo, permanente e organizado do conjunto do povo sobre sua vida política, econômica e social.

Ajuda a NOVOS RUMOS

Amigos Benários (GR)	Benefícios	
Perovskiana de Maria (SP)		300,00
N. Borges (Carria - GR)		250,00
L. Cavalcanti (Piamenço - GR)		500,00
Oscar Silva (GR)		1.000,00
J. F. Vilami (R. Gonçalo - RJ)		300,00
Jornalistas de S. Luiz - Joaquim Silva e Patrônio		1.000,00
TOTAL		41.900,00

Ajuda a NOVOS RUMOS

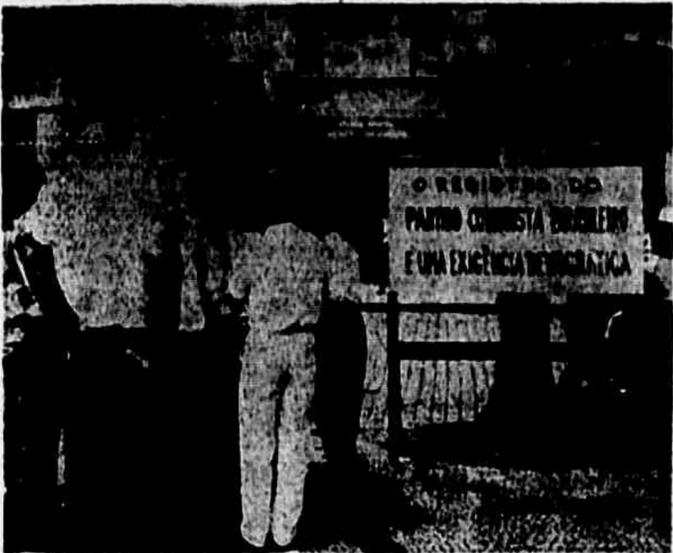
Depois, Ruth Werner esteve em Moscou, onde também viveu Olga. Nenhum importante depoimento de pessoas que a conheceram, conversou com companheiros de Olga nos campos de concentração. Leu diversos materiais publicados em livros e jornais do Brasil, e conversou longamente com a camarada Prestes.

ALEGRE

— O livro é alegre e não triste. Alegre e cheio de vida como o foi a heroína que o inspirou, afirmou sua autora. O livro não acaba com a morte de Olga. Vai mais

Lacerda Assalta a Cidade: Cr\$ 7 Mil Mensais por Telefone

Reportagem de Iberê de Barros



SANTOS ASSINA

O povo santista, cuja tradição democrática é ampla e comprovada, mais uma vez atendeu ao chamamento da democracia, ocorrendo em massa às mesinhas de recolhimento de assinaturas para o registro legal do partido político dos comunistas, espalhadas em toda a cidade pela Comissão

Central da Campanha de Coleta de Assinaturas Pró-Registro do Partido Comunista Brasileiro. A foto, apresenta uma das mesinhas coletoras, instalada na praça Rui Barbosa, vendendo em sua volta numerosos cidadãos que procuram assinar as listas. Ao lado, um cartaz alusivo à campanha.

Todo o País Quer o Registro do Partido Comunista Brasileiro

Prossegue vigorosa — agora já em sua fase final — em todo o país a campanha pelo registro do Partido Comunista Brasileiro. Em todos os Estados a coleta de assinaturas atinge a montante que ultrapassou as cotas preestabelecidas nos planos de recolhimento. As firmas exigidas pelo Tribunal Superior Eleitoral para dar registro ao partido. O comunistas, na sua batalha pelo direito de se organizar legitimamente em agremiação política, têm tomado em diversas regiões as mais diferentes iniciativas a fim de obterem, no prazo mais curto possível, as condições necessárias à vida legal de sua organização partidária. E o constante e crescente apoio popular que vem encontrando a campanha, atesta a consciência das massas de que o registro legal do PCB é medida indispensável ao processo de democratização em curso no país e à luta de libertação nacional.

R. G. DO NORTE MANIFESTO
Em Natal, Rio Grande do Norte foi divulgado pela imprensa o seguinte manifesto:
"No momento em que o povo brasileiro alcança

grandes vitórias na consolidação da democracia consideramos que os comunistas brasileiros têm o direito de recorrer ao Tribunal Superior Eleitoral e registro do seu partido. Proclamando o princípio da pluralidade dos partidos e atendendo a todas as exigências constitucionais, o programa do Partido Comunista Brasileiro merece ser considerado pela Justiça Eleitoral. Alguns dos que assinam o presente manifesto discordam de várias teses políticas e filosóficas defendidas pelos comunistas. Todavia, reconhecemos o direito constitucional que têm os comunistas a uma participação organizada na vida democrática brasileira. Com essas razões apoiamos o pedido de registro encaminhado pelo sr. Luiz Carlos Prestes ao Tribunal Superior Eleitoral". Assinam a proclamação entre outras pessoas, os deputados federais: Theodorico Bezerra (presidente do PSD potiguar) e Jesé Freire, o prefeito de Natal, Djalmir Maranhão; deputados estaduais: Marcio Marinho, Gastão Mariz, Aluizio Bezerra, Aldo Tinoco, Fláclio Bezerra, Luiz Maranhão, Jácio Fulza, Moacir Duarte, Cortez Pereira e José Rocha; jornalistas: Francisco Macedo,

Adauto de Sá Leitão, Raimundo Ubirajara de Macedo, Hélio Vasconcelos, Natrinas von Sobsten Junior, Carlos Alberto de Lima e Benivaldo Azevedo; dirigentes sindicais: Francisco Plácido das Chagas (diretor da CNT) e Luiz Calvacante de Lima (presidente da Federação dos Trabalhadores na Indústria do R. G. do Norte); universitários: Ademar de Medeiros Neto (presidente da União Estadual dos Estudantes) Roosevelt Garcia (presidente do diretório acadêmico da Faculdade de Direito), Nelson João da Silva (presidente do diretório acadêmico da Faculdade de Odontologia) e Ivys Bezerra de Andrade (ex-presidente da UEE); e o médico Vulpiano Calvacante.

PIAUÍ: PALESTRAS
Em Teresina vêm-se realizando nos bairros e no centro da cidade, palestras pelo registro legal do PCB. É grande o número de populares que acorrem a essas conferências, que são seguidas de debates entre os expositores e os auditórios. O ciclo de palestras foi iniciado no dia 3 de janeiro passado e teve o seu término prorrogado em face da receptividade que vem encontrando por parte da população.

A Assembleia Legislativa foi convocada extraordinariamente pelo sr. Carlos Lacerda: os deputados estaduais tiveram duplicados os seus subsídios; os gastos com o legislativo da OB subiram a mais de 300 milhões de cruzeiros (apenas em 18 dias úteis de fevereiro para que a "Brazilian Traction Light and Power" possa consumir, pela undécima vez, um violento simão golbe contra a economia do povo carioca.

Trata-se da aprovação da mensagem de Lacerda que cria a "Companhia Telefônica do Estado da Guanabara" (COTEG), com a participação dos atuais concessionários (desmoralizados e insolventes perante o Contrato de 1953), atrás da qual se encontram coisas assim:

1 o fortalecimento do capital e acervo da subsidiária da Brazilian Traction com uma contribuição popular da ordem de 42 bilhões de cruzeiros em 6 anos! Essa contribuição compulsória sairá através da majoração das tarifas (assinaturas de Cr\$ 450,00 passarão a Cr\$ 980,00) do estabelecimento do serviço medido (valer de 4 ligações diárias o assinante pagará de 5 a 10 cruzeiros por chamada excedente), da cobrança de taxas de instalação de 15 mil e 30 mil cruzeiros para telefones residenciais e comerciais respectivamente, além da brutalíssima majoração das tarifas de transferências, extensões, ramais etc. Para que se tenha uma idéia da desfaçatez do Plano de Lacerda basta dizer que enquanto o capital da Companhia Telefônica, integrante da COTEG renderá juros anuais de 12%, a contribuição suplementar dos assinantes será remunerada na base de 9%.

2 o plano de expansão (uma cópia autêntica do Planejamento elaborado em 1957 pela Prefeitura, através da Comissão presidida por um notório advogado dos trustes, sr. Nelson de Azevedo Branco) a pretexto de aproveitar o "know how" da CTB assegura a participação dos atuais concessionários na chamada

companhia mista e para tanto fixa em Cr\$ 10.158.413.000,00 o capital da subsidiária da Brazilian Traction, permitindo-lhe, de outro lado, uma retirada anual, líquida e certa, de mais de 42 milhões de cruzeiros, afora outras rendas. Constatando que não é senão um instrumento dos trustes no Brasil, diz Lacerda que o capital da CTB carioca é estimado em mais de 10 bilhões "conforme escrita da mesma" (pag. 5, do Plano de Expansão).

3 o Plano de Expansão, enquanto escorocha os assinantes com tarifas exorbitantes, omite-se quanto às subsidiárias da CTB que auferem superlucros. Como as "Listas Telefônicas Brasileiras" (apontada como uma das principais financiadoras das atividades do MAC) que em 2 anos fez elevar seu capital de 200 milhões para 1 bilhão de cruzeiros! Atualmente o capital verdadeiro das Listas Telefônicas é estimado em 3 bilhões de cruzeiros e não é difícil calcular as rendas provenientes desse pretenso serviço da Telefônica.

O SERVIÇO MEDIDO

Um dos aspectos mais escandalosos da mensagem de L. Lacerda (Light & Lacerda) diz respeito à introdução do "serviço medido" de telefones. Isto é, a substituição do atual sistema de chamadas sem limitação (cláusula 2 do contrato de 26 de setembro de 1953) pelo sistema de 120 chamadas mensais, ou 4 chamadas diárias. Portanto, além de pagar mais pela assinatura (Cr\$ 980,00) o carioca seria obrigado a falar menos. E se quiser falar mais será obrigado a pagar de 5 a 10 cruzeiros por chamada excedente! De resto, tão esporçante é o sistema do "serviço medido" que o deputado Temístocles Cavalcanti, então líder do próprio governo Lacerda, escreveu o seguinte, em seu parecer sobre a mensagem dos telefones:

"O sistema proposto em tela não irá sobrecarregar o usuário com tarifas pesadas e estabelecerá um sistema de medição que virá ferir

fundamente os hábitos inculcados da população. Esses hábitos devem ser alterados certamente, mas através de um processo mais lento, introduzindo-se um sistema de medição, a princípio mais largo (com ampliação do número de chamadas mensais) e que poderá ser alterado posteriormente. Nesse particular as tarifas propostas são, por demais elevadas — Cr\$ 980,00 com direito a 120 chamadas por mês, isto é, Cr\$ 7,50 cruzeiros, por chamada e Cr\$ 5,00 por chamada excedente.

E disse mais o deputado Temístocles Cavalcanti, como relator da Comissão de Justiça:

"É um preço que pode atingir pessoas que recebem salários médios, mas que, dado o aumento previsto, poderá perturbar o orçamento doméstico. Levando-se em consideração os níveis médios de vida e de salários e a flagrante utilidade do telefone em uma cidade de meios de comunicação precários e com os hábitos que não podem ser alterados de um momento para o outro, a tarifa proposta, com o processo de medição, ficará, segundo me parece, demasiadamente elevada." (Parecer Temístocles Cavalcanti, págs. 21 e 22).

LACERDA CONFESSA

Aliás, de que o Plano de Expansão dos Telefones é cruelíssimo golpe contra a economia do carioca quem o diz é o próprio Lacerda, na mensagem de 26 de junho de 1961:

"Haverá aumento razoável de tarifa, compatível com o custo de instalação, operação do serviço e justa remuneração do capital..."

Também para que se tenha uma idéia do alcance de semelhante serviço medido aí vai outra confissão de Lacerda:

"Se o serviço medido, por exemplo, não fosse aceito, o plano apresentado não teria viabilidade — haveria uma diminuição de cerca de 42 bilhões de cruzeiros, o que é mais que suficiente para inutilizar o programa financeiro em que se apoia o plano." Por outro lado, analisam-

do o sistema medido proposto pela dupla LL, o deputado Naldir Laranjeira, em nome da Comissão Legislativa, chegou à seguinte conclusão:

1 os assinantes que se comportassem dentro dos limites do serviço medido e dessem 4 chamadas diárias pagariam um aumento de tarifas da ordem de 120% e telefonariam infinitamente menos;

2 os assinantes que reduzissem seus hábitos de 1-3, pagariam Cr\$ 3.100,00; isto é, reduzindo de 1-3 o número de suas chamadas pagariam mais de 3 mil cruzeiros, em lugar dos 450 conviviais;

3 tiveram seus hábitos preservados momentaneamente — Cr\$ 1.500 — 120 — 0,50 — 950,00 — 7.50 — 0,50 — Quem manter seus hábitos vai pagar uma média de Cr\$ 7.500 mensais, ou bem mais da metade de um salário mínimo!

A isso, Lacerda dá o nome de "aumento razoável de tarifa".

CHANTAGEM CONTRA A CIDADE

Finalmente, que a mensagem dos telefones não dissimula senão um golpe da dupla Light & Lacerda contra os interesses da ci-

dade aí vão de novo as palavras de uma figura insuspeitada como a do sr. Temístocles Cavalcanti, deputado pela UDN carioca e ex-líder da maioria do atual governo; referindo-se a participação dos atuais concessionários da COTEG, com 49% das ações, disse o sr. Temístocles:

"A divisão do capital, 51% do Estado a realizar e 49% da atual concessionária, já realizado, torna a posição do Estado extremamente débil na estrutura jurídica e econômica da empresa. O predomínio técnico e econômico da concessionária conservará a sua posição de comando, o que torna ilusória a orientação proposta."

E preciso falar mais claro? Aceita-se como verdadeiro o capital da Telefônica (mais de 10 bilhões), não se exclui desse capital o que deve ser excluído (empresas de lucros, etc.) não se toca em empresas prestadas à CTB com superlucros ("Listas Telefônicas") e o serviço medido e através de 42 bilhões de cruzeiros do novo carioca, aumentam-se as tarifas (ligações, etc., etc.) e no final da história a chamada Companhia Telefônica do Estado da Guanabara pertence de fato e de direito à Companhia Telefônica Brasileira ou a "Brazilian Traction Light & Power" ou simplesmente ao Banco Morzan...

A Cidade
Ana Montenegro

Na crônica policial pelo que se sabe, o maior número de registros envolve menores: São menores que desaparecem de casa. São menores que praticam toda espécie de roubo. São menores que arriscam as suas vidas e as dos outros em corridas desenfreadas, na chamada roleta paulista. São menores que se suicidam por amor ou por falta de amor.

Existe uma parte da juventude que vive quase ou totalmente desesperada. Não passam de infelizes vítimas da sociedade capitalista, que não lhes dá perspectivas. Foram gerados no conformismo ou no desespero e criados da mesma maneira. Uns como resultado moral, ou melhor, amoral, de uma sociedade injusta. Outros por falta de recursos, por falta de meios, para, através do estudo e da ocupação sadia, descobrirem que existe um mundo, às vezes mais duro, às vezes mais difícil, no qual porém não existe revolta mas esperança, não existe nem conformismo, nem desespero mas a certeza de bem-estar no dia seguinte. E onde o amor não é, apenas, o começo nem simplesmente o fim, mas uma forma normal de felicidade, dentro da própria vida.

E essa situação da juventude não é apenas no Brasil. É na Inglaterra. É nos Estados Unidos, particularmente, onde existem bandos organizados, até com o objetivo único de surrar e matar porto-riquenhos e mexicanos, considerados raça inferior. Na França, essa parte da juventude vive à procura de novos caminhos, até filosóficos, para a decadência. Na Itália, as estatísticas sobre delinquência infantil ou juvenil são alarmantes. Aqui e em toda parte, ao capitalismo interessa exatamente isso, e por essa razão, lança a culpa no país, desajustado Impingir à falsidade de que cada caso é um caso particular, quando sabemos que resultam dos "maus exemplos sociais, que resultam de um sistema de vida. Sabem as classes dominantes que os jovens desesperados ou conformados não lutam pela boas causas da coletividade. E é por isso que os jornais da reação caluniam e atacam, como lobos ferozes, os estudantes que, dentro de suas organizações, participam das lutas políticas no país. A reação interessa é que a juventude fuja de casa, roube, perambule pelas escuras, tome tóxicos, danse o "chá-chá-chá" e o "twist", ande felto louca nos automóveis que seus pais compraram com a exploração da classe operária; que a juventude morra e se mate.

Na semana passada, em Copacabana, suicidou-se uma moça de 20 anos e, poucos dias depois, também, um rapaz de 22 anos suicidou-se no Estácio.

Amendoim Amargo Para o Plantador: Trustes Ficam Com a Parte do Leão

Reportagem de Nestor Vera secretário da ULTAB

Os preços mínimos do amendoim para a safra atual foram fixados, em decreto publicado no Diário Oficial da União do dia 16 de novembro de 1961, na base de noventa e cinco cruzeiros por quilo, o tipo médio, o tipo grande, e de oitocentos e setenta, o tipo miúdo do amendoim em casca. Esses preços são estabelecidos por uma comissão nomeada para esse fim e composta, sempre, de representantes do governo, das "máquinas" estrangeiras e nacionais, dos latifundiários e do alto comércio. Nenhum representante dos legítimos produtores agrícolas participa dessa comissão, daí por que os preços sempre são estabelecidos a quem do seu justo valor. O que possibilita às "máquinas" e aos compradores do comércio em geral a obtenção de grandes lucros.

SOB O TALANT' DOS TRUSTES

Quem domina o comércio de produtos agrícolas em nosso país são as "máquinas" americanas, como a Sanbra, a Anderson Clayton e outras. Elas é que determinam os preços baixíssimos dos produtos da lavoura, visando o aforamento de grandes lucros. Suas manobras têm o apoio das "máquinas" nacionais, que pagam no mercado os mesmos preços oferecidos pelos trustes. No início da safra deste ano, a 15 de janeiro, Sanbra e Anderson Clayton (com as "máquinas" nacionais a reboque) não tinham ainda aberto preço para a compra do amendoim, apesar dos níveis mínimos estarem fixados desde novembro do ano passado. Exigiram os lavradores então, através de suas associações de classe, uma tomada de posição do governo do Estado de São Paulo. Foi pior a emenda: em reunião recente, da qual participaram representantes das "máquinas" e outros industriais, ficou acertado que o preço seria de Cr\$ 643,00 por saca de amendoim em casca, diminuindo

o preço para os municípios mais distantes da capital, chegando a Cr\$ 604,00 em Mirante do Paranapanema, na alta Sorocabana. Portanto, um terço a menos do preço estabelecido em novembro pelo Diário Oficial, que é de Cr\$ 900,00. Isto está levando ao desespero os

T O T A L

a) 8 quilos de óleo a	Cr\$ 120,00	—	Cr\$ 960,00
b) 12 quilos de torta a	Cr\$ 30,00	—	Cr\$ 360,00
c) 1 quilo de bórta de sabão a	Cr\$ 30,00	—	Cr\$ 30,00

Cr\$ 1.350,00

Isto sem contar outros produtos que as "máquinas" extraem do amendoim. Alegam as "máquinas" que forçaram a rebaixar o preço do montante das despesas que efetuam com impostos, taxas, e com o frete do transporte do amendoim até São Paulo. O frete — dizem — consome Cr\$ 68,00 por saca. Não é verdade, pelo seguinte:



Explicando Nestor Vera, secretário da ULTAB e autor desta reportagem, fala aos lavradores

plantadores de amendoim. As "máquinas" irão ganhar fabulosas somas, enquanto o camponês continuará a ser explorado da maneira mais revoltante.

AS FORMAS DE EXPLORAÇÃO

Segundo dados das "máquinas", um saca de amendoim em casca, de 25 quilos, produz o seguinte rendimento bruto:

1 — Um saca de Cr\$ 25,00 e não a Cr\$ 68,00.
2 — Sendo o amendoim industrializado no interior, quando sal das máquinas já é produto manufaturado, tendo o preço e pagando frete de óleos e outros derivados.

Outra forma de que as "máquinas" vêm-se utilizando para forçar o camponês a vender o amendoim pelo preço que lhes é mais vantajoso, é a de fornecer sacaria apenas na hora de "fechar" o negócio. Não aceitando depósito e sabendo que o camponês não tem onde guardar o amendoim e que, além disso, tem

de pagar a renda da terra, os colhedores o armazenam e o empreiteiro que porventura conseguiu para tocar a lavoura, sabendo, enfim, que o camponês está com a corda no pescoço, não encontram dificuldades em obrigá-lo a entregar a safra a qualquer preço. Ultimamente descobrimos uma maneira "bossa nova" de exploração: inventaram um aparelho para medir a umidade do amendoim. A quantidade de cereal "úmido" que passaram a encontrar desde então chegou a ser um verdadeiro escândalo. Vi em Mirante do Paranapanema, um lavrador ser roubado da forma a mais ignominiosa possível: de um carregamento de 130 sacos de amendoim que trouxera de camião, os medidores das "máquinas" acusaram a imprestabilidade de 30 sacos, considerados úmidos, quando todos os que estavam presentes consideraram o produto em condições perfeitamente normais. Ainda há pouco a Sanbra e a Anderson Clayton expediram circulares a seus gerentes de todo o interior, recomendando o máximo rigor nos exames de umidade, pois pretendem baixar o custo de cada saca de amendoim a Cr\$ 550,00. Houve também uma recente recomendação no sentido de

que não se transigisse, de forma alguma, na orientação de não entregar sacaria aos camponeses antes dos negócios fechados, pois haveria "perigo" dos lavradores venderem o produto ao governo, que não o compra — diga-se de passagem — porque não tem onde o armazenar. A CAGESP (Companhia de Armazéns Gerais do Estado de São Paulo) não pode armazenar mais de 3 por cento da safra, que é calculada em cerca de 12 milhões de sacas em todo o Estado. Além disso, para se depositar cereal na CAGESP, há que se fazer uma despesa inicial de Cr\$ 10,50 por saca, e pagar-se Cr\$ 5,00 do depósito mensal de cada saca; com o que os lavradores não podem arcar.

Outro capítulo da exploração: as "máquinas" pagam apenas seiscentos e poucos cruzeiros por saca de amendoim, mas descontam o imposto de venda e consignações na base do preço tabelado pelo Diário Oficial, que é de 900 cruzeiros.

O QUE DEVE SER FEITO

Estive na alta Sorocabana (Presidente Prudente, Presidente Bernardes, Mirante

do Paranapanema e outras cidades) e na alta Paulista (Dracema etc.) e constatei que a situação dos produtores de amendoim é desesperadora. Pagando caríssimo o arrendamento da terra, o que arrecadam com a venda do produto não dá, em muitos casos, para cobrir as despesas. As câmaras municipais e os prefeitos das cidades que mencionei estão-se dirigindo ao governo exigindo providências para modificar o atual estado de coisas.

Em nome da ULTAB e da Federação dos Trabalhadores Agrícolas do Estado de São Paulo estive nessas duas regiões, produtoras de amendoim, fazendo palestras pelas estações de rádio locais e falando em assembleias populares. A saída para a situação — disse-lhes — é exigir do governo que obrigue as "máquinas" ao pagamento dos preços estipulados na tabela oficial. Caso elas se recusem a fazê-lo, só resta ao governo uma medida: encampá-las.

BANCIÁRIOS DE GARANHUNS: PUNIÇÃO PARA GEN. BLEY

Garanhuns, Pernambuco, (Do correspondente) — Os bancários de Garanhuns, através de nota oficial de sua entidade de classe, o Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de Garanhuns, protestaram veementemente contra a invasão e depredação da redação do jornal "Binômio", de Belo Horizonte, comandada pelo general Punaro Bley. Após comparar a bravata praticada por aquele militar com as arbitrariedades nazistas das tropas SS de tristíssima memória, diz o protesto dos bancários: "O papel desse general fascista — Punaro Bley — infelizmente pertencente ao

nosso Exército, não pode dignificar quem o pratica, sobre-o de opórbio e de vergonha e mostra ao povo qual o seu verdadeiro caráter". Solidarizando-se com o diretor do periódico atacado, dizem os bancários: "Ao mesmo tempo, expressamos nossa irrestrita solidariedade ao agrêdido, defensor, mesmo com seu involuntário sacrifício, das liberdades públicas, o jornalista José Maria Rabelo". Finaliza a proclamação por exigir das autoridades responsáveis a punição do autor do desmando, "um tiranete de faneraria, que se encobre com a gloriosa farda do Exército Nacional para cometer razias".

LIVROS DE ATUALIDADE

EM PORTUGUÊS:

PEQUENO DICCIONÁRIO FILOSÓFICO, de Tudin e Rosenthal, 602 pgs., brochura, Verdadeira enciclopédia marxista. Edição baseada na última edição soviética de 1959	900,00
OBRAS ESCOLHIDAS, de Marx-Engels, As mais importantes obras dos autores.	400,00
II volume	300,00
OBRAS ESCOLHIDAS, de Mao Tse-Tung, Solução de estudos sobre assuntos político-militares, método científico, essencialmente didático, facilita ao máximo o conhecimento para dirigentes políticos, militantes, historiadores, etc.	700,00
HISTÓRIA DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA, Manual de Panomarev e outros, indispensável para dirigentes políticos, militantes, historiadores, etc.	10,00
ALIANÇA OPERÁRIO-CAMPONESA, de Lênin, Compêndio de obras sobre a questão agrária. Livro de grande atualidade em vista dos debates em torno da REFORMA AGRÁRIA	300,00
HISTÓRIA DOS TEMPOS ATUAIS, de Revunkov, Abrange um período histórico — 1917-1957, de grandes transformações. Contém, em apêndice, o estudo de Jean Bruhat: O destino da História (ensaio sobre as contribuições do marxismo aos estudos históricos)	500,00

EM ESPANHOL:

EL IMPERIALISMO NORTEAMERICANO, o famoso livro de VICTOR PERLO	1.200,00
MAXICA DE EPONIMIA POLÍTICA, de P. Nikitin. Livro essencialmente didático facilita ao máximo o seu estudo	420,00
LA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, de G. Deborin, circunstâncias detalhadas sobre os antecedentes, curso, combates e consequências. Amplas informações políticas, econômicas, diplomáticas e militares	480,00

Produtos à:

AGÊNCIA INTERCÂMBIO CULTURAL
J. C. AMARAL GUIMARÃES

Rua 15 de Novembro, 228 - 2ª and. - sala 209
Rua dos Estudantes 84 - sala 28
São Paulo

Atendemos pelo Reembolso Postal

Washington Pressiona Frondizi Para Romper Com Cuba

O presidente da Argentina, Frondizi, tantas vezes capitulou às pressões internas da reação e externas do capital financeiro norte-americano e do governo de Washington, que mais uma vez se encontra em sérias dificuldades. Talvez as mais graves de todo o seu agitado período presidencial.

A posição do governo argentino em Punta del Este, ao lado do Brasil, contra a intervenção estrangeira e crítica da autodeterminação de Cuba, irritou profundamente os círculos reacionários do país e a alta finança internacional.

Terminada a conferência dos chanceleres, as Forças Armadas argentinas, que são a cúpula de toda a reação interna, estão exigindo de Frondizi o rompimento de relações com Cuba.

Seria a suprema vergonha.

Depois de defender acertadas posições de princípio na primeira reunião interamericana em que alguns países tomaram uma atitude independente das ditadas por Washington, seria um contra-senso o rompimento das relações entre a Argentina e Cuba.

te. Mas, hoje, Frondizi tantas concessões humilhantes fez às classes dominantes argentinas, no que têm elas de mais reacionário, que praticamente se desligou das forças avançadas que lhe apoiaram a candidatura em 1958. Sua base de massas e hoje perdida. Poderá recuperá-la? Sim, desde que demonstrasse realmente decisão de resistir às investidas da camarilha militar.

Uma prova de que Frondizi não acredita no povo e seu ridículo apelo ao presidente Kennedy para que expresse seu apoio ao regime democrático argentino, Kennedy, como era de esperar, nada respondeu. A ele, a grande burguesia americana, aos trustes e monopólios, é indiferente que na Argentina, exista uma democracia ou uma ditadura fascista, desde que os interesses dos monopólios sejam preservados. A ditadura fascista do Paraguai, do tirano Stroessner, forma ao lado dos "defensores da democracia" do Departamento de Estado, o carrosso da Guatemala, Idigoras Puentes, lacai do United

Fruit, é amigo do peito de Kennedy e Kusk.

Assim, Frondizi parece cada vez mais isolado, ao tentar resistir à pressão aberta para um rompimento com Cuba.

O alvo imediato dos imperialistas americanos é o Brasil, no prosseguimento da tentativa de Washington de isolar o nosso país na sua posição justa de defender a autodeterminação dos povos, a não intervenção em Cuba.

Em resposta ao apelo de Frondizi, que foi também extensivo ao nosso país, é justo expressar-lhe a mais irrestrita solidariedade do governo brasileiro nesta grave emergência. Se a Argentina ceder à pressão dos Estados Unidos para romper com Cuba, mais débil será a nossa posição num problema vital para a nossa própria soberania. A unidade dos países latino-americanos será, ao contrário, o começo da derrota dos planos imperialistas de manterem seu domínio no Continente.



O VELHO CAMINHO
Na Alemanha de Bona, o velho caminho que no passado levou a tragédia e à desolação. Inscrevem-se na nova Wehrmacht, sob o comando de velhos cabos de guerra nazistas, preparando-se para novas aventuras bélicas.

Encontro em Ravensbruck Mostra os Caminhos do Milagre Alemão

Reportagem de Luiz Gazzano, enviado especial de NR à Europa

A interrogação veio depois, já no automóvel quando regressávamos para Berlim.

"E você, onde estava? O que fazia então?"

O velho motorista alemão que nos conduziu, parece ter adivinhado o nosso pensamento. Ou então, depois daqueles momentos que vivemos, sentiu-se no dever de dizer alguma coisa, não de explicar o que não tinha explicações, mas de pelo menos procurar mostrar que nem todos haviam participado daquela explosão de loucura coletiva, horrenda, marcada pelo sacrifício de milhões e milhões de vidas humanas.

quariam levar. Sabia que eles no poder nos levariam a uma nova guerra. Sabia os interesses que estavam por trás daqueles bandidos. Não imaginava então que o estigma de Ravensbruck, de Buchenwald, de Oswiecim cairia sobre o nosso povo.

Reduziu naturalmente a marcha do carro para poder falar. O início, é preciso repisar, foi espontâneo. Depois é que começamos a perguntar.

O camarada motorista contou então como o nazismo levou-o ao trabalho clandestino do Partido. Era um simpático ativista que as condições duras que se criaram logo transformaram num estafeta. Ele servia de elemento de ligação entre os diversos setores, organizações e dirigentes do Partido.

No caminho de Ravensbruck este repórter aprendeu o verdadeiro significado das retas que noroem as duas Alemanhas. Aprendeu então o significado do "milagre alemão".

Aonde é se verificou? Na Alemanha Democrática? Na Alemanha Capitalista?

Os tambores voltaram a ruir. Os estandartes com símbolos guerrilheiros tremulavam novamente. Multidões histéricas reúnem-se e cantam os cânticos guerrilheiros. Heusinger, Speldt, Globke, Schroeder, Krupp, Generalis, banqueiros, fabricantes de armamentos, A Grande Alemanha vai resistir. Bilhões e bilhões de marcos para armamentos. A orgia reacionária caíu na praça e o ponto culminante.

Os fatos, os nomes, as palavras-de-ordem levam o velho motorista a lembrar os tempos de 1930.

— Tudo começou assim. Em 1931, na Alemanha Capitalista, verificaram-se os mesmos fatos. As lições da história não foram aprendidas. Pelo contrário. Hoje nos textos destinados às escolas alemãs, o nazismo tem dedicadas 13 páginas. Em 1947 eram 46 páginas. Ensinava-se às jovens gerações apenas que os que hoje comandam não repetirão os erros de Hitler. Que erros, os que levaram ao genocídio e à guerra? Não! Aquelas que levaram à derrota no campo militar. Os estrategistas, hoje, afirmam que a "possibilidade" de derrota na próxima guerra é muito menor, tendo em vista a experiência do passado.

— Em 1946 — conta o velho motorista — tínhamos uma indústria funcionando. A vida estava completamente desorganizada. Tudo eram ruínas. Além do mais, o que havia de matéria-prima na área onde começava a construir o socialismo, o poder dos operários e camponeses?

— Apenas a linha. Ferro, carvão, tudo isso ficou na parte oriental. Eis porque a tarefa da construção do socialismo na República Democrática Alemã foi insana e repleta de sacrifícios. E ainda o é, em certa medida.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

Milhares e milhares caíram durante aqueles anos negros do terror que se abateram sobre a Alemanha. Milhares e milhares de comunistas. No começo, eram decapitados nas ruas, nas prisões, onde fossem encontrados. Depois, eram mandados nos campos de concentração. Hitler ordenara o extermínio de todos: judeus e comunistas.

— A Europa, depois, conheceu os mesmos sofrimentos. O sistema contra o qual tombaram lutando tantos camaradas se abateu como um tufão sobre os outros povos. No fim, ficou o ódio.

— Também é da nossa missão apagar os vestígios desse ódio. Estamos construindo uma nova Alemanha, aqui. Quando começamos a erguê-la das ruínas, procuramos nos comunicar com os povos através da linguagem do amor e da fraternidade, da linguagem da paz. E o que continuamos fazendo.

— A Alemanha Capitalista, amparada pelo imperialismo norte-americano, sócia desse imperialismo, caminha a passos largos para uma nova guerra.

Uma terça parte do povo alemão não segue por esse caminho. Edifica na parte socialista da Alemanha uma nova sociedade dirigida pelos operários e camponeses. Constrói o verdadeiro milagre alemão. Milagre essencialmente político e social.

— Ravensbruck — é um símbolo. Representa aquilo que o capitalismo e o militarismo legaram ao povo alemão: um estigma vergonhoso de inumanidade. É um símbolo daquilo contra o qual lutaram os comunistas alemães e que foi liquidado na Alemanha socialista.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

O nome é um momento negro da história do povo alemão. Um campo de concentração onde 120.000 mulheres e crianças — entre elas Olga Benário Prestes — entraram para morrer.

O velho motorista, que nos acompanhara na peregrinação pelo campo, que conosco entrou no antigo stalag hoje transformado em museu, percorrer a sala onde se encontram vivas as recordações de milhares e milhares de criaturas humanas sacrificadas em holocausto à mais agressiva forma que o imperialismo e o militarismo tomou em nossa época, sentiu que precisava falar. E nas suas palavras recolhemos muito do que foi e do que deve e precisa ser a Alemanha dos nossos dias.

— A Europa, depois, conheceu os mesmos sofrimentos. O sistema contra o qual tombaram lutando tantos camaradas se abateu como um tufão sobre os outros povos. No fim, ficou o ódio.

— Também é da nossa missão apagar os vestígios desse ódio. Estamos construindo uma nova Alemanha, aqui. Quando começamos a erguê-la das ruínas, procuramos nos comunicar com os povos através da linguagem do amor e da fraternidade, da linguagem da paz. E o que continuamos fazendo.

— Ravensbruck — é um símbolo. Representa aquilo que o capitalismo e o militarismo legaram ao povo alemão: um estigma vergonhoso de inumanidade. É um símbolo daquilo contra o qual lutaram os comunistas alemães e que foi liquidado na Alemanha socialista.

— Ravensbruck — é um símbolo. Representa aquilo que o capitalismo e o militarismo legaram ao povo alemão: um estigma vergonhoso de inumanidade. É um símbolo daquilo contra o qual lutaram os comunistas alemães e que foi liquidado na Alemanha socialista.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

Sabe-se que é isto, nada menos, o que reclama o governo dos Estados Unidos a todos os países da América Latina. Já o conseguiu, sob a mais brutal pressão econômica e diplomática, de países menores onde governam tirões dos trustes americanos. Quer conseguir agora dos países que têm mantido, apesar de tudo, uma posição de relativa autonomia no inquietante problema, tais como Brasil, Argentina, Chile, México, Bolívia, Equador.

A primeira reação de Frondizi a esta nova pressão foi excepcionalmente positiva: estaria disposto a resistir até o fim, preferindo a morte à capitulação.

Tais declarações, saídas de homens que representam tais classes, não podem impressionar muito. Conheçemo-las nós aqui também, e vimos depois a desistência da luta e a renúncia covarde.

Frondizi poderia resistir e vencer seus feroces adversários se tivesse confiança nos trabalhadores e no povo argentino, como apregoava antes de tornar-se presidente.



LUTA DE CLASSES NO CAMPO

"Luta de classes no campo" foi o tema que serviu de base a palestra (a terceira da série) do Curso de Reforma Agrária promovido pela Campanha Nacional de Reforma Agrária, a qual esteve a cargo do jornalista Rui Facó.

Iniciando sua palestra com um quadro das classes sociais no campo, através da história do Brasil, desde os tempos coloniais, o conferencista abordou em seguida os primeiros choques de classe no meio rural: entre os grandes latifundiários e os escravos dos quilombos. Mais tarde, com o fim da conquista dos sertões e seu povoamento, as primeiras invasões de sesmarias por posseiros, as quais resultaram em prolongados litígios, a partir das primeiras décadas do século 18. O fim do tráfico de escravos determina o início, em larga escala, da entrada de imigrantes europeus, que inauguram o trabalho livre nas grandes fazendas (São Paulo). A Colônia Senador Vergueiro é o primeiro exemplo de luta dos colonos contra o regime semi-servi à que eram submetidos. Seu reflexo na consciência dos trabalhadores do campo, inclusive dos escravos, foi enorme.

Das manifestações mais recentes de luta armada no campo, o conferencista mencionou os grupos, numero-

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

— Durante longos anos cumpri minha missão. Centenas e centenas de camaradas que eu conheci pessoalmente caíram nas mãos dos algozes. Tombaram como milhares e milhares dos que não conheci.

NOVOS RUMOS

Diretor: Mario Alves
Diretor Executivo: Orlando Bomfim Júnior
Redator Chefe: Frangon Borges
Gerente: Guttemberg Cavalcanti
Redação: Av. Rio Branco, 287, 17º andar 5/1112 — Tel: 45-7344
Gerência: Av. Rio Branco, 287, 17º andar 5/805
CIRCULAR DE S. PAULO Rua 15 de Novembro, 228 5º andar 5/877 Tel: 45-0458
Endereço telegráfico: «NOVORUMOS»
ASSINATURAS: Anual Cr\$ 300,00 Semestral Cr\$ 250,00 Trimestral Cr\$ 130,00 Número avulso Cr\$ 10,00 Número atrasado Cr\$ 16,00
ASSINATURA AEREA Anual Cr\$ 1.300,00 Semestral Cr\$ 900,00 Trimestral Cr\$ 500,00

Houvesse, da parte da nossa "grande imprensa", um mínimo de respeito pela capacidade de raciocínio e opinião de seus leitores, e num jornal da importância de "O Estado de São Paulo" seria impossível um editorial do tipo que foi publicado a 2 de fevereiro, sob o título "A verdade sobre a questão agrária". Pois se trata de um simples acúmulo de mentiras ou meias verdades a respeito do momentoso assunto, além de umas poucas verdades.

Entre as verdades está a de que os comunistas foram pioneiros na luta pela mudança radical da atual estrutura agrária do País. Este fato pode ser facilmente comprovado nos quarenta anos desde a fundação do Partido Comunista. Um de seus primeiros postulados foi a liquidação dos remanescentes do feudalismo que entravaram por mais de quatro séculos e continuam a entravar não só a nossa economia agrícola como toda a nossa vida econômica. Seus primeiros documentos programáticos se batiam, sem deixar lugar a dúvidas, pela revolução agrária e antifeudal. A revolução agrária consistia — e consiste — precisamente na eliminação daqueles vestígios feudais. Não fomos nós que os inventamos ou os imaginamos; eles são uma realidade concreta reconhecida até mesmo por estudiosos e sociólogos não comunistas e anticomunistas, como um Oliveira Vianna. (Ver Instituições políticas brasileiras).

Mas os comunistas se regozijam por serem finalmente reconhecida de amplos setores da opinião pública a justiça da tese que levantaram há muitos anos e que hoje pela solução do problema agrário — pela reforma agrária — se batem milhões de brasileiros.

Esta reforma continua por

ENTRE os extremos que produziu essa anarquia dos veículos de publicidade no Continente, podem destacar-se a circulação subvencionada de revistas e outras publicações em espanhol, de procedência comunista, destinadas a divulgar realizações totalitárias e a acinchar as democracias; a crescente infiltração de noticiários, colunas e histórias em quadrinhos, de origem totalitária, e a própria ação dos jornalistas a serviço da causa antidemocrática; a focalização sistemática de todo fato, por insignificante que seja, capaz de desacreditar os líderes democráticos, e a pobreza do noticiário, quando não o silêncio, que caracteriza a imprensa livre quando se trata de tarefas de vital importância para o triunfo das causas, que essas mesmas líderes patrocinam.

Essa orientação-rôla foi elaborada pelo grupo assessor para o tema V da agenda da reunião extraordinária do Conselho Interamericano Econômico e Social, da OEA, realizada em Punta del Este em agosto de 1961. O tema V da agenda consistia em "A opinião pública e o desenvolvimento da América Latina", preconizando as medidas de sustentação da "Aliança para o Progresso" e de combate à possibilidade dos adversários do padrão de vida ocidental-cristão-norte-americano publicarem suas opiniões.

Liberdade de Imprensa Também se Compra

Reportagem de FABIANO GONZAGA

presentes, querendo mostrar "que ainda é possível equacionar e solucionar os problemas brasileiros sem ser necessário deixar crescer a barba, empunhar a foice e o martelo e inaugurar o regime do paredão".

A festa garantiu a "liberdade de imprensa". "Manchete" não publicará mais reportagens sobre a União Soviética (ou o fara com muito cuidado), as

agências continuarão garantindo publicidade. Adolpho Bloch receberá o dinheiro, e o embaixador Lincoln Gordon — que ninguém sabe o que tem de comum com o nordeste brasileiro e que não confessa manipular diretamente as empresas publicitárias — irá contar em Washington como conseguiu manter nos circuitos do "mundo livre" uma importante empresa jornalística brasileira.

O Brasil em 1959 foi o sétimo colocado mundial — e o 1.º na América Latina — pelo volume dos gastos em propaganda, que subiram a 110 milhões e 800 mil dólares. O primeiro lugar, não era nem preciso dizer, foi ocupado pelos Estados Unidos, com 11 bilhões e 100

milhões de dólares, representando 2,7% da renda nacional norte-americana.

UM pequeno quadro dos principais anunciantes de 1959 no Brasil, com as agências de que são clientes entre parênteses, e as fortunas que inverteram:

Nestlé (McCann-Erickson e Norton) ..	Cr\$ 500.000.000,00
Willys-Overland (Multi) ..	Cr\$ 250.000.000,00
Lever-Atkinsons (Lintas) ..	Cr\$ 240.000.000,00
Gesay (Multi) ..	Cr\$ 220.000.000,00
Sydney Ross (I.A.S.) ..	Cr\$ 200.000.000,00
Coca-Cola (McCann-Erickson) ..	Cr\$ 180.000.000,00
General Electric (Thompson e Norton) ..	Cr\$ 150.000.000,00

por aí v

UM exemplo da mordação:

MEDICOS se reúnem para estudar o câncer e chegam à conclusão de que o fumo é prejudicial. Os jornais publicam o estudo? Não. Não publicam, porque se lembram que a Companhia de Cigarros Souza Cruz, através da agência norte-americana Grant Advertising Publicidade S. A., gastou em 1959 cem milhões de cruzeiros para anunciar seus produtos. E uma soma atrativa para que os comerciantes de notícias se importem com pesquisas científicas de interesse público.

O mercado publicitário é dominado pelas empresas norte-americanas. As duas principais, McCann-Erickson e J. Walter Thompson Company, cujos princi-

pais clientes já vimos em parágrafo anterior, encaminham em 1960, ficando com 17,65% um bilhão e 250 milhões de publicidade cada uma.

A publicidade em jornais (32,5% do volume geral de propaganda), revistas (11,6%), rádio (13,5%) e televisão (42,4%) é dominada por uma rede de 77 agências no Rio de Janeiro e 113 em São Paulo. São companhias todo-poderosas, que põem e usipõem, colocando ou retirando anúncios, com os jornais e demais veículos de informação inteiramente à mercê.

JÁ se vê que existe completa liberdade de publicar e dizer o que quiser. Mas as agências também têm toda liberdade de patrocinarem ou não patrocinarem. Sem dinheiro não se vive. Então, o negócio é dizer o que os anunciantes, os homens do dinheiro, gostam de ouvir.

Televisão

A televisão no Brasil está se expandindo bastante. E à medida em que sua audiência cresce, aumenta também o arrôcho da censura.

NO programa "Abra a Câmera", de domingo, dia 28 de janeiro, na TV Continental, foi entrevistado o padre Antônio Melo, de Pernambuco. O entrevistador, Osvaldo Sargenteili, em início ao programa, cha-

mou a atenção do sacerdote, dizendo que aproveitasse a oportunidade, pois dificilmente seria novamente convidado para qualquer outra entrevista na televisão, de vez que suas idéias sobre reforma agrária e sobre soluções nacionalistas para os problemas do povo brasileiro eram mal recebidas pelos responsáveis por programas desse tipo, televidentes na maioria dos casos.

A denúncia corajosa de Osvaldo Sargenteili veio comprovar que a censura começa a apertar as emissores de televisão. Os programas de entrevistas são freaguidos, isto é, as perguntas e respostas têm

Cuba

CUBA é um dos pontos críticos na situação. Enxurradas de provocações podem ser vistas e ouvidas diariamente contra Fidel Castro e a revolução. Não há um contra-revolucionário que venha ao Brasil e não seja imediatamente convidado a participar de uma tele-entrevista. E quem tem a liberdade de falar a favor da revolução? Alguém é convidado?

VEJAMOS como isso funciona.

ESTA atualmente na Guanabara — como hóspede oficial do governador, não podia deixar de ser — o traidor Miro Cardona, contra-revolucionário mais empedernido. A Local, grande anunciante em televisão, procurou um produtor de uma das empresas da Guanabara para fazer uma entre-

vista com o revolucionário. O produtor viu que não havia nada a ganhar e não quer fazer toda a pergunta-que-quiser. A Local foi bater em outra porta.

POR outro lado a direção da TV-1, das Associações, recomendou a um produtor que não convidassem o chanceler Sérgio Dantas para aparecer diante de suas câmeras.

A corrupção e as pressões se manifestam de todos os lados e das mais diversas maneiras. Um dos diretores do Sindicato dos Radiistas, por exemplo, apontado pelos companheiros como a caçula da embaixada norte-americana, onde começou como locutor e já ocupa agora um posto no departamento de diligências.

A mentira

SEGUINDO essa mesma orientação e servindo a esses mesmos interesses, há por outro lado, uma grande liberdade para a mentira, a invenção e a distorção dos fatos. Se o leitor encontrar na "Tribuna da Imprensa" ou em "O Globo" notícias veladas com a abertura de expressões como "teria sido", "diz-se", ou equivalentes, pode contar que é mentira. Essas expressões condicionais ou acusando outros de serem a fonte são verdadeiros achados para lançar a confusão, para desinformar o leitor incauto.

A propaganda nazista se baseava no fato de que uma mentira muito repetida acaba adquirindo forças de verdade. Entre nós temos uma série de exemplos dessas trapaças, que são não só apoiadas, como financiadas largamente pelos dólares dos que concedem a si mesmos o título de defensores da liberdade e da democracia.

TODOS os editoriais de "O Globo", por exemplo, quando se referem a Cuba

referentem: "o país onde não haverá mais eleições", afirmando serem estas palavras do próprio Fidel Castro. No dia 1.º de maio de 1961, Fidel Castro fez uma análise das eleições em Cuba antes da revolução, onde, entre outras coisas, diz: "Esses aenhores os exploradores derrotados) faziam de eleições. Que eleições queriam? Aquelas eleições de politiqueros compradores de votos que tinham dezenas de agentes dedicados a corromper consciências? Aquelas eleições falsas e prostituídas que não representavam senão o processo mediante o qual as classes exploradoras através de seus advogados e através de seus políticos se mantinham no poder, e com o poder todo aquele regime de miséria e de fome sobre o povo?" E conclui com as seguintes palavras: "Eleições como aquelas, não; eleições como aquelas não as terão".

"O Globo" insiste na mentira. "O Globo", que nunca pediu eleições para o Paraguai ou para a Espanha, "O Globo", que vive a bajular Salazar, "O Globo", defensor da "democracia" portuguesa!

"Tribuna da Imprensa" não fica atrás. Agride, insulta, calunia. Seu dono, traidor de carreira, não vacila em assacar contra os inimigos — os democratas — as mais descaradas mentiras. Recentemente, querendo defender-se de seus atos terroristas, acusou os próprios estudantes de terem metralhado a UNE. E repete a todo instante que a União Nacional dos Estudantes recebe 300 milhões de cruzeiros de verba, quando todos sabem que ela recebe apenas oito. E tem toda a liberdade para lançar o pânico no país, pregar a necessidade de uma ditadura militar, o golpe.

"Diário Carioca", na mesma trilha, acusa os soviéticos de terem bombardeado a sede da Missão Comercial.

Liberdade

ASSIM funciona a liberdade de imprensa.

DIZEM que a liberdade vale ouro. Para grande número de proprietários dos veículos de informação isto é uma bonita imagem literária. O concreto, no duro mesmo, são os dólares, que podem ser de papel, mas que jorram da embaixada norte-americana e suas agências, para a defesa da liberdade, da democracia, do mundo livre, da ocidentalidade, da cristandade.

Obediência

OS resultados não se fizeram esperar. O "Correio da Manhã", durante a crise político-militar desencadeada pela renúncia de Jânio Quadros, manteve uma firme posição em defesa das liberdades, recusando-se a admitir os censores de Lacerda, apesar da apreensão de suas edições pela polícia. Superada a crise, continuou firme o "Correio", condenando as atitudes golpistas do governador. Essa posição valeu a ameaça de corte da publicidade pelas empresas do ramo — e quase todas sob controle direto do Departamento de Estado norte-americano.

APESAR disso, foi mantida, ainda a linha do jornal, principalmente no combate a Lacerda e em favor da autodeterminação do povo cubano e contra qualquer intervenção na ilha. Nos primeiros dias de janeiro, na vigília da conferência da OEA, a pressão norte-americana se fez mais forte e, de Paris, onde passou a maior parte do tempo,

Paulo Bittencourt, dono do "Correio", enviou um telegrama convidando Luiz Alberto Bahia, diretor redator-chefe, a renunciar ao posto.

UM dia depois da demissão de Luiz Alberto Bahia, já o "Correio" circulava com um tópico reclamando sanções contra Cuba, sob o título bastante significativo "União sem Cuba". E com um anúncio de página inteira da "Sudamtex", onde aparece examinando uns panos a triste figura menepausca do governador da Guanabara.

O jornalista demitido recebeu uma indenização de três milhões de cruzeiros, quantia ínfima que, como veremos adiante, qualquer agência de publicidade desembolsa sem um pingão de dificuldade, sabendo que ela será coberta muitas vezes pelas anuenciâncias e pelas verbas astronômicas que pagam para a manutenção dos veículos de informação.

Outros

O caso do "Correio da Manhã" não é isolado. Citemos apenas alguns recentes:

1 — Com a supervisão direta do embaixador norte-americano Lincoln Gordon, foi planejada uma série de reportagens sobre o Nordeste na revista "O Cruzeiro", cujo objetivo era focalizar o problema nordestino de modo a concluir que sua solução estava na consecução da "Aliança para o Progresso". A série de reportagens culminaria numa entrevista do presidente John Kennedy. Contudo, o repórter Maurício Meira, destacado pela revista para preparar o material, apresentou a questão sob ângulo diferente, pois chegou mesmo a publicar opiniões do padre Antônio Melo e do deputado Francisco Julião, ficando claro que não estava na "Aliança" a solução do problema. Depois de já terem sido publicadas várias reportagens da série, esta foi suspensa e o repórter demitido.

2 — O "Jornal do Brasil", pelos mesmos motivos, mudou sua orientação, que chegou a ter aspectos positivos, principalmente em questões de política externa.

3 — O "Diário Carioca" — que nunca recebeu favores das empresas de publicidade, em face de sua baixa circulação — está pletando melhores anúncios, sob a alegação de que tem agora uma posição rançosa anticomunista e sofre pressões dos próprios leitores, merecendo, assim, alguma compensação.

4 — Finalmente, o escândalo de "Manchete". O diretor da revista, Justino Martins, foi convidado, juntamente com outros jornalistas, a visitar a União Soviética. De volta, começou a publicar reportagens. Salu a primeira. A segunda já estava nas máquinas, rodando, quando o proprietário da revista, Adolpho Bloch, mandou suspender a edição e preparar outra, afirmando, conforme publicaram diversos jornais, que as agências de publicidade não desejavam ver matérias sobre os países socialistas.

Reclamação

AS distorções e o ocultamento de informações atingem os jornais da chamada grande imprensa até mesmo contra a vontade destes. No dia 26 de janeiro, por exemplo, o "Jornal do Brasil", em nota editorial, protesta contra a negação de notícias por parte das três agências internacionais que o servem — United Press, Associated Press e France Presse,

RECLAMA o órgão da condessa por não ter recebido nenhuma linha a respeito de várias questões internacionais importantes, das quais só tomou conhecimento através da leitura de publicações estrangeiras.

DEPOIS de assinalar que a lista das notícias negadas é enorme, o "Jornal do Brasil" cita duas ditadamente ligadas à América Latina e ao Brasil, afirmando que pode, então, perceber as causas dessa atitude

de das agências: 1) o discurso do chanceler colombiano em Punta del Este pedindo sanções contra Cuba foi transmitido na íntegra; 2) o discurso do chanceler brasileiro foi reduzido ao mínimo possível.

Esses boicotes se verificam diariamente nos jornais brasileiros. Recentemente, por ocasião da greve dos ferroviários da Groecabana, isso ficou bastante patente. A greve, que sofreu as mais inomináveis violências do governador Carvalho Pinto, durou de 24 a 29 de janeiro, sem que os jornais dessem a mínima cobertura. As únicas notícias veladas eram mentirosas, afirmando todos os dias que o movimento grevista já terminara. O "Repórter Essô" não deixou de difundir a mentira em nenhuma de suas edições. Mais adiante veremos como o governador de São Paulo consegue esses "milagres".

Corrupção

A TV-Rio apresenta às quintas-feiras o programa "Encontro com a Imprensa". Semana passada, o entrevistado foi o sr. Ademar de Barros.

lho Pinto. afirmou que o governador paulista conta com dois orçamentos: o do Estado, oficial, de mais de 200 bilhões, e o do tal Plano de Ação, de 100 bilhões.

INQUIRIDO quanto à possibilidade de vir a apresentar-se como candidato ao governo de São Paulo nas próximas eleições, respondeu que era impossível conceber a ideia de maquinação para o sr. Carva-

desse dinheiro do Plá de Ação, cujas contas não são claramente prestadas — acusou o sr. Ademar de Barros — ele tira 1 bilhão por mês para ajeitar a imprensa aos seus desejos

Agências

O controle dos órgãos de informação pode ser compreendido através da leitura do "Anuário de Publicidade", editado pela Empresa Jornalística PN S/A, de onde podemos tirar números interessantes, números que por si demonstram a potência das agências que dominam o mercado publicitário e, conseqüentemente, o cuidado que os proprietários das empresas de informação têm para não perder

os clientes, as verbas. (Os números citados em seguida foram tirados desses anuários).

EM 1960 foram gastos em publicidade no Brasil 26 bilhões e 189 milhões de cruzeiros, o que representou 1,41% da Renda Nacional. Deve-se acrescentar que as cifras aumentam de ano para ano, tanto os números absolutos quanto os percentagens.

NOVOS RUMOS



AS PAZES

Na foto, publicada pela revista "Manchete", aparecem o embaixador norte-americano Lincoln Gordon e o sr. Adolpho Bloch, proprietário da revista,

quando acertavam o passo, na festa da ABP, depois do desentendimento causado pela reportagem

de Justino Martins sobre a União Soviética.

de Justino Martins sobre a União Soviética.

de Justino Martins sobre a União Soviética.

Reconhecimento

EM prova de reconhecimento pela obediência da revista, o próprio embaixador norte-americano no Brasil, Lincoln Gordon, compareceu a uma festa nas oficinas de Bloch Editores, numa pantomina que nada mais foi que o coroamento da submissão à vontade, aliçada em reluzentes dólares, dos paladinos da "imprensa livre".

A festa, um almoço — o nº 512 de "Manchete" (o penúltimo) traz ampla reportagem fotográfica — consistiu numa homenagem da ABP (Associação Brasileira de Propaganda) ao sr. Celso Furtado, superintendente da SUDENE, que foi distinguido pela associação como "a personalidade do ano".

ANTES de relatar a festa convém, a título de esclarecimento, dizer alguma coisa sobre a direção da ABP. Seu presidente, Caio Aurélio Domingues, é subgerente da J. Walter Thompson Company do Brasil, e foi eleito em chapa apoiada pela McCann-Erickson Publicidade S. A. que são as mais importantes agências de publicidade em funcionamento no Brasil. Entre os principais clientes das duas agências, despontam: Esso Brasileira de Petróleo S. A., General Motors do Brasil S. A., Anderson Clayton & Cia. Ltda., The Coca-Cola Export Corporation & Bottles,

The First National Bank of Boston, Companhia Goodyear do Brasil, Companhia Industrial e Comercial Brasileira de Produtos Alimentares (Nestlé), E. R. Squibb & Sons S. A., Standard Electric S. A., Firestone S. A., Ford Motor do Brasil S. A., The First National City Bank of New York, Cia. Johnson & Johnson do Brasil S. A., Cia Harkson Ind. e Com. Kibon, Cia Swift do Brasil S. A., Atlantic Refining Company of Brazil, Seleções do Reader's Digest. Além do peso formidável dessas potências, o presidente da ABP teve como principais cabos eleitorais os srs. Lincoln Gordon e Silvio Behring.

VOLTEMOS a vaca fria, ou melhor, ao boi de bronze, que foi o troféu recebido pelo sr. Celso Furtado. O "Jornal do Brasil" de 27 de janeiro publica uma foto em que se vê o embaixador Lincoln Gordon entregando o boi ao sr. Celso Furtado, sob o olhar flácido e satisfeito do sr. Adolpho Bloch, felz pelas pazes com a embaixada norte-americana e com as agências de publicidade.

O discurso de saudação ao homenageado foi feito por um dos diretores da ABP, Demóstenes Lobo, com tiradas articomunistas sem nenhuma originalidade mas muito do agrado dos



Cuba

Jamais

Capitulará

NR edita este suplemento especial para contar a verdade sobre Punta del Este, tudo aquilo que a imprensa chamada «livre» do nosso país e as agências telegráficas norte-americanas deixaram de dizer sobre o encontro convocado pelos Estados Unidos para legalizar a agressão que preparam contra o valente e heróico povo cubano. Na página 2, o leitor encontrará um artigo do nosso enviado especial Manoel Antônio Coelho sobre a conferência; na página 3 e nas seguintes, a íntegra do discurso pronunciado por Osvaldo Dorticós, presidente de Cuba e chefe da delegação cubana ao conclave; na página 10, trechos da entrevista dos delegados de Cuba à imprensa, e nas páginas 11 e 12 o DIÁRIO DE PUNTA DEL ESTE.

SUPLEMENTO ESPECIAL

NOVOS RUMOS

NOVOS VENTOS NA AMÉRICA LATINA

Os jornais brasileiros estão dando as mais disparates interpretações aos resultados finais da Oitava Reunião de Consulta dos Chanceleres Americanos. Fica claro, portanto, que as conclusões adotadas em San Rafael, não sendo evidentes por si mesmas, permitem as mais diversas análises, o que provoca certa confusão no seio da opinião pública.

Para se poder fazer um balanço realmente objetivo é preciso partir do que se tinha em vista ao convocar-se aquele órgão da OEA. Sabe-se que a reunião de consulta foi provocada pelo governo da Colômbia que, a pretexto de combater uma suposta ameaça de Cuba à paz no Continente, realmente pretendia resolver problemas internos, desviando a atenção das massas populares de seu país, que combatem de forma crescente e vigorosa a política antipopular da camarilha de Lleras Camargo. Essa proposição colombiana correspondia às exigências que o Departamento de Estado fazia à OEA, desde que os círculos direitistas dos Estados Unidos vinham exigindo medidas e providências contra a Revolução Cubana, pois jamais se conformaram com a fragorosa derrota de Playa Giron.

Sob a batuta de Mister Morrison, embaixador ianque na OEA, a maioria dos governos latino-americanos acordou em promover a reunião, nos termos do Tratado do Rio de Janeiro, com o objetivo expresso de aplicar sanções políticas, econômicas e militares, previstas no artigo oitavo do citado tratado, contra o regime revolucionário da pátria de Martí.

E o que conseguiram, afinal, em Punta del Este? Ante a negativa de muitos países à aplicação de sanções, obtiveram por 14 votos (número mínimo imprescindível), e com a abstenção dos maiores países da América Latina, a exclusão em princípio do governo de Fidel Castro da organização interamericana. Ainda mais: foi aprovada a tese da incompatibilidade desse governo com as idéias e propósitos do sistema, além de certas medidas discriminatórias e o n.º 1 a Cuba, como sua exclusão da Junta Interamericana de Defesa, a proibição de comércio de armas, entre a ilha e os outros países estruturados na OEA. Os lanques reivindicavam, no início, a suspensão total do comércio. Criou-se uma Comissão de Consulta sobre Seguridade, para assessorar os países membros, enquanto no projeto original o que se pretendia era reviver o famoso Conselho de Defesa do Hemisfério, que tanto interviu nos assuntos internos da Bolívia e da Argentina, anos atrás. Finalmente, arancaram da Reunião de Consulta uma solene declaração contra a "ofensiva do comunismo internacional".

Por que alcançaram eles tais resultados, quando, para os povos latino-americanos, o que é inofensável é a política intervencionista e agressiva que o governo de Washington desencadeou contra o valente povo cubano? Tal fato se deu porque contam os Estados Unidos com uma máquina de votar na OEA, composta pelos pequenos países da América Central, na sua maioria dominados por ditaduras sanguinárias e ainda por outras nações onde velhas oligarquias detêm e poder há longas vezes, como no Peru e na Colômbia. De outro lado, porque inclusive em países onde existe certa restrição oficial às ordens de

Marco Antônio Coelho
(enviado especial de NR à Punta del Este)

Wall Street, insistem os governos em proclamar posições anticomunistas, com o objetivo de tranquilizarem os imperialistas e de mostrarem que não estão dispostos à realização de uma política realmente liberta do jugo de Washington.

Sendo assim, a exclusão de Cuba da OEA, e as outras resoluções acima enumeradas, têm o sentido de uma punição do regime revolucionário e, ao mesmo tempo, constituem uma advertência aos demais povos da América Latina para não seguirem o glorioso exemplo dos compatriotas de Fidel Castro, que marcham com destemor já pelo caminho da edificação de uma sociedade socialista. É verdade que, do ponto de vista da defesa da sua integridade, Cuba nada perdeu, pois jamais a OEA a defendeu da agressão imperialista. Mas, o imperialismo irá utilizar esta condenação diante da opinião pública americana e, do resto do mundo, como uma vitória sua, contra o socialismo e a América Latina.

Até aqui vai a análise que Mister Rusk faz com grande estardalhaço, o que persegue o objetivo visível de esconder das massas o que verificou-se realmente na reunião.

A Conferência de Punta del Este não ficou nisto. A simples presença da delegação cubana, traduzindo os sentimentos revolucionários profundos de sua gente, tinha de provocar outros resultados, nada úteis ao imperialismo. E não foi o pequeno país do Caribe que sentou-se no banco dos réus. Foi a grande potência do Norte que após o libelo cantante de Dorticós, ficou na difícil posição de criminoso condenado pela consciência das Américas. É fato característico, não houve da parte de Mister Rusk e de qualquer outro delegado americano, em hora alguma, a pretensão de responder às acusações, de replicar à ata de acusação cubana, não obstante as provocações frequentes que lhe fazia Dorticós.

E este não ficou só nestas acusações. Desmascarou a trama sinistra que se articulava nos bastidores, deixando claro que qualquer medida contra Cuba seria uma violação das Cartas da OEA e das Nações Unidas, que não permitem em seu seio nenhuma discriminação ideológica. Mostrou a delegação de Cuba que a exclusão de seu país do sistema interamericano não transformaria o bloco político da OEA num bloco político homogêneo, e ao seu vez não permitiria que se agredir não só os Estados Unidos, mas também o movimento contra as lutas de libertação nacional na América Latina.

E a filha diletta da atual administração ianque — "A Aliança para o Progresso"

— recebeu um rude golpe nesta segunda conferência de Punta del Este. Pois, não é verdade que, em mil e uma vezes, em épocas anteriores, os porta-vozes americanos não repetiram que ela nada tinha a ver com o caso cubano? Agora, ante a necessidade de pressionar os vacilantes governos para votarem conforme pretendia o "State Department", Mister Goodwin e outros foram obrigados a afirmar que os Estados Unidos não iriam jogar dólares em países "inseguros", ou numa região que não se defende de terríveis malfeitores".

Atrás dessas objurgatórias o que ficou comprovado foi a pressão de Guevara de que a "Aliança para o Progresso" nada mais é do que uma arma contra Cuba e os povos latino-americanos. E Dorticós soube recordar isto muito bem. De outro lado, fez ele uma brilhante defesa do seu país, fazendo um paralelo entre a Cuba revolucionária e os Estados dominados pelas poucas oligarquias da América Latina. Mostrou o Presidente cubano a segurança do seu povo no porvenir radioso, a confiança absoluta que sete milhões de cubanos têm em seu futuro, e daí a luta heróica e invencível por alcançá-lo.

O fato novo a ser assinalado no Oitava Reunião de Consulta dos Chanceleres Americanos foi o choque que se evidenciou entre os Estados Unidos e os principais países da América Latina, como o Brasil, o México, a Argentina e o Chile. Em toda a longa história de setenta anos, de dez conferências interamericanas e oito reuniões de consulta, nunca houve uma tão dramática, como esta que se desenvolveu agora. Por tal razão, dizia em letras graúdas, um jornal uruguaio: "Acabou-se a mais difícil das reuniões dos chanceleres americanos". E por quê? Os jornalistas mais atilados comentavam: "a luta Estados Unidos versus Cuba veio espicaçar, agravar o conflito irremediável entre os "grandes" da América Latina e os Estados Unidos. "Realmente, durante os dez dias do conclave, as conversações nervosas e difíceis tão somente visavam conciliar os "seis" com o Departamento de Estado. Por mais que se escondia o fato, uma coisa fica de pé: os Estados Unidos perderam o "contrôle" da Conferência.

Um tabu foi por terra: a balda e vergonhosa unanimidade que sempre caracterizou a OEA. Lembrem-se que o "assunfo da Guatemala" foi resolvido, em Caracas, em três dias por Foster Dulles que, para suprema vergonha dos outros chanceleres, nem ao menos esperou o término da reunião. Agora, Mister Rusk "suou a camisa" para obter meios e resultados (comparação com o que preten-

dia), por um escorço apertadíssimo. E assim mesmo, sendo obrigado a negociações secretas, pois tais assuntos não podiam ser discutidos abertamente. Obtiveram os Estados Unidos treze votos, podendo dizer ao mundo que com eles estão Stroessner, Somoza, Durvalier, o renegado Betancourt e "tutti quanti", o que levou o correspondente do "Politika" de Belgrado a comentar: "Os Estados Unidos conseguiram os votos de que necessitavam, mas não os que queriam". E que segurança podem ter os lanques neste dispositivo que armaram? Um país apenas dos 13 que com ele votaram, que se apartar do redil pode acudir ao demante-lo total do esquema. Por isso, do meio para o fim, o que os porta-vozes americanos pregavam era: "salvemos a OEA!" O alarido não era sem razão, embora contivesse seu conteúdo de chantagem.

Do outro lado, ficou evidente em Punta del Este, a opinião dos povos latino-americanos. Daí o recuo imposto ao americano e a resistência do grupo dos "seis", traduzida na dramática declaração do jovem chanceler da Bolívia: "Se votar contra Cuba meu governo não sobrevive uma semana". Se antes, em algumas reuniões anteriores, como a que vimos no Rio, no período da guerra, via-se que certos países não seguiam os projetos lanques, isto se dava, pela influência grande que, em certas nações, possuíam os interesses ingleses ou alemães. Agora, a resistência tem outro conteúdo: são os povos da América Latina que já se sentem com força para enfrentar o imperialismo prepotente e escravizador dos EE. UU.

Dentro desse emaranhado complexo, muitos perguntam, como se portou a delegação brasileira? Não resta dúvida que os representantes do nosso governo desempenharam papel de relêvo, pelas coisas que defenderam.

Temos de assinalar no entanto que San Tiago Dantas adotou certas teses inaceitáveis, por não traduzirem os interesses concretos do povo brasileiro e dos outros povos irmãos do hemisfério, como a declaração da incompatibilidade do regime cubano com os princípios da OEA e a resolução contra o "comunismo internacional". A quem serve isto? Somente aos piores inimigos de nosso povo. Quem explora nossa pátria, são os comunistas? Quem ameaça nossa soberania, são os cubanos? Em que artigo da Carta da OEA se diz que um governo não pode ser socialista ou marxista leninista? Nem a brilhante retórica do professor San Tiago Dantas convencerá a ninguém de bom senso da correção destas afirmações.

Sabemos que elas foram endossadas para "acalmar" a reação, elemento muito usado na política de conciliação, que preside as principais decisões do governo brasileiro. Isto, porém, não conduzirá ao amortecimen-

to da pressão direitista, mas provocará suspeitas e desconfianças entre certos setores, que poderiam dar maior apoio de massas à orientação seguida pelo chanceler brasileiro.

O essencial na apreciação da conduta de nosso governo, em Punta del Este, reside no fato de ter se apresentado dentro de uma perspectiva que não pode deixar de merecer o apoio dos homens progressistas brasileiros. Isto porque diante de Cuba formulou uma política apoiada em duas premissas: primeiro de que na análise do problema é preciso compreendê-lo dentro da realidade do mundo de hoje, onde se desenrola o conflito universal entre o socialismo e o capitalismo; segundo, que na luta entre essas duas forças se deve adotar o caminho da competição pacífica, que exclui o esforço em prol de uma guerra mundial, pressupondo, ao contrário, uma tática de diminuição constante da guerra fria. Dentro desse contexto, é que se colocou o Chanceler brasileiro, chocando-se irremediavelmente com a política suicida americana da "guerra total" contra Cuba. Assim, pela primeira vez, foi levantada no continente por um governo não revolucionário e não socialista a tese da realização de uma política de paz, na solução de um conflito entre o capitalismo e o socialismo. Daí a razão da resistência ora aberta, ora oculta, às proposições de sanções e medidas concretas anticubanas, resistência que marcou a conduta da delegação de nossa Pátria, e que contribuiu em grau decisivo para solidificar a posição do grupo dos "seis". As razões jurídicas são somente auxiliares nessa ação diplomática, que encheu de ódio jornais como "O Estado de São Paulo" e "O Globo", ferozes seguidores do USIS.

Nada melhor resume um balanço da Conferência de Punta del Este que a seguinte frase do conhecido publicista mexicano Carlos Fuentes: "Agora, o mundo entrou na América Latina". Sim viu-se que foi aberta uma brecha larga na cerca do "quintal", que o imperialismo lanque pensava, desvairadamente, em manter imune ao "vírus" do socialismo. E isto tudo se deve a Cuba, em primeiro lugar. Mas, não só a ela. Corajosos progressistas da América Latina — não esqueça Mister Rusk — levantam a cabeça e na hora de votar já não seguem suas ordens, Mister Kennedy.

O imperialismo não saiu vitorioso da peleja. Tudo indica-nos que se porá mais raivoso. Como prova disso aí estão os acontecimentos da Argentina. A batalha continuará mais firme e mais dura. O processo se radicalizará rapidamente e temos de estar preparados para tudo. Uns jornalistas europeus diziam em Punta del Este: "O ano de 1961 foi o ano da África e o de 1962 será o da América Latina". Eis uma previsão que poderá se transformar em realidade.

DORTICOS DENUNCIA O CRIMINOSO E APONTA OS CÚMPLICES:

«QUE FINISTES QUANDO OS ESTADOS UNIDOS AGREDIRAM CUBA?»

Cuba Jamais Capitulará!

Na quinta sessão da Conferência de Punta del Este — realizada no dia 25 de janeiro — o presidente Oswaldo Dorticos, chefe da delegação cubana, pronunciou um extenso e vigoroso discurso denunciando o caráter da reunião de consulta, o papel da OEA, a campanha imperialista contra Cuba, a agressão militar de abril de 1961 e, por fim, reafirmando o caráter irreversível da Revolução Cubana e a decisão do povo de Cuba por lutar por sua Pátria.

Damos abaixo dois trechos desse discurso: a parte referente à agressão de abril e a parte final. Os entretítulos são de responsabilidade da Redação.

Disse o presidente Dorticos:

«Sabemos por nossa própria experiência, que não poderá realizar-se jamais, em nenhum País, uma revolução exportada. Não pretendemos, nem pretendemos jamais, exportar a nossa revolução. Mas há quem nos diga: por que vos armamos? E se acrescenta que nossa força militar é uma evidência de que nos constituímos um perigo para a paz do Continente. E eu pergunto: adquirimos, por acaso, em meio a esses armamentos, meios de transporte para os mesmos? Claro que não. Armamo-nos para a defesa, e nossos armamentos, que já são muitas, e não o ocultamos, só serão utilizadas em nosso território, como foram utilizadas em Playa Girón, e disso se recordará o sr. secretário de Estado dos Estados Unidos.

Quem perturba a paz da América não somos nós. O governo imperialista dos Estados Unidos e os governos da América Latina são os que perturbam a paz na América. Assumimos, por acaso, com algum pacto militar, como assinou o governo dos Estados Unidos, que introduz com isso a guerra fria no Continente e compromete a paz dos povos neste Continente? Por acaso não se perturba a paz no Continente quando se mobiliza a esquadra norte-americana para forçar acontecimentos na República de São Domingo? Por acaso não se perturba a paz no Continente quando se invade o nosso país? Por acaso não se perturba a paz no Continente quando se estabelecem bases atômicas em Porto Rico? Por acaso não se perturba a paz a manutenção pela força de uma base naval militar norte-americana em Cuba? Por acaso não se perturba

a paz no Continente quando o governo dos Estados Unidos organiza, como está organizando — e funcionam atualmente — bases de treinamento para a agressão a Cuba, não só nos Estados Unidos, mas em outros países da América Latina, cuja relação oferecemos mil vezes à publicidade, como oferecemos a

Espiões americanos

Não poderia fornecer vos uma relação mais detalhada, porque o tempo não seria suficiente. Mas é bom fazer algumas menções, como a referente aos funcionários da Embaixada norte-americana em Havana — Marjorie Lenox, Robert L. Neet e Arthur Avignon — detidos por nosso governo, que obteve as provas de sua atuação, como espiões em nosso País.

Por acaso não se compromete a paz do Continente quando aviões norte-americanos lançam armas a contra-revolucionários cubanos, como em 31 de dezembro de 1960 na província de Pinar del Rio e em 6 de janeiro de 1961 na zona de Escambray, em 13 de fevereiro na mesma zona, em 17 de fevereiro na zona de Escambray e em 3 de março na mesma zona de Escambray? Por acaso não se perturba a paz no Continente quando se desembarca, em 19 de novembro de 1961, em nosso País, um grupo de sete indivíduos, chefiados por um ex-capitão do exército de Batista, em Punta de Coco, que declararam, após a tomada das armas e dos documentos, que haviam sido treinados nas táticas de espionagem pelo governo dos Estados Unidos, entre outros fins para desenvolver a chamada "Operação Patty", que consistia nada menos do que na morte, ou no assassinato, dos comandantes Fidel e Raúl Castro, e que levavam dois canhões, quatro "bazookas", vinte e três rifles, etc., armas do exército norte-americano?

Por acaso não se perturba a paz do Continente quando se realizam atividades de espionagem, como as realizadas por uma agência de imprensa estrangeira em nosso País utilizando um local por mim visitado pessoalmente, e onde foram recebidos instrumentos de espionagem operados por norte-americanos, entre os quais estavam envolvidos dois funcionários da Embaixada dos Estados Unidos?

relação das bases instaladas para a invasão de Playa Girón? Por acaso não se perturba a paz na América quando se infiltram em nosso País agentes do Serviço de Inteligência norte-americano?

Vejam os exemplos das atividades subversivas da Inteligência norte-americana em nosso País.

Poderia continuar enumerando todos esses casos, e os dados estão à disposição dos senhores ministros e dos senhores jornalistas.

Por acaso não se perturba a paz do Continente quando se utiliza, como foram utilizadas em nosso País, as Embaixadas para conspirar contra o Governo Revolucionário? Está a disposição dos senhores ministros e dos senhores jornalistas — trouxe-la conosco — a versão cinematográfica gravada da entrevista do chefe de uma organização contra-revolucionária, que formulou declarações cujo texto aqui está e pode ser ouvido, feitas por uma pessoa que pode ser vista através dessa versão cinematográfica, declarações em que esclarece as vinculações daquela organização e dele próprio com o governo dos Estados Unidos com o Serviço de Inteligência norte-americano, e com funcionários da Embaixada da Venezuela em Cuba.

Aqui está o texto da película gravada de declaração espontânea desse chefe contra-revolucionário, e está a disposição de vossa curiosidade, como está também a de um ex-capitão e ex-soldado da tirania de Batista, agentes da CIA, que declararam como foram treinados a quem foram destinados os instrumentos técnicos modernos de sabotagem e de assassinato, que o Serviço de Inteligência norte-americano fabrica com todo o cuidado pelos direitos humanos.

Ai estão as centenas de violações do espaço aéreo de nosso território, mil vezes denunciadas, e aí está também, senhores, e permitam-me que o recorde mil vezes — Playa Girón.

Quero perguntar, quero tornarmos aqui uma pergunta aos senhores ministros das Relações Exteriores que nos acusam. No entanto, quero sobretudo formular uma pergunta ao sr. secretário de Estado do Governo dos Estados Unidos. A pergunta é esta: é certo ou

não, segundo pensais, que o governo norte-americano, o Serviço de Inteligência norte-americano, sob a chefia de Allan Dulles, promo-

veu financiou, dirigiu e sustentou o bombardeio de Havana e Santiago de Cuba e a invasão de nosso País através de Playa Girón?

Crime ianque

Antes de terminar esta pergunta, entretanto, quero refrescar a memória dos senhores ministros que se reúnem preocupados pela perturbação da paz na América, preocupados porque Cuba e o Governo Revolucionário de Cuba constituem um perigo para os demais Estados americanos. Antes de terminar de formular esta pergunta, quero recordar-vos — recordar sobretudo ao sr. Rusk, que o presidente Kennedy, segundo declaração oficial de funcionários de seu governo, da Casa Branca, assumiu, segundo diz textualmente aquela declaração, desde o primeiro momento, "a plena responsabilidade pelos acontecimentos dos últimos dias".

"O presidente — fez a declaração — se opõe, vigorosamente, a que qualquer pessoa dentro ou fora da Administração, procure dividir a responsabilidade".

Quero recordar, refrescando a vossa memória, a declaração do senador Morse, que qualificou o apoio dos Estados Unidos à invasão de Cuba de um erro colossal, de uma violação das leis e tratados internos daquele País. E embora alguns ministros não queiram recordá-lo e prefiram ler um jornal, os povos o recordarão.

Quero refrescar também a memória e recordar ao sr. Rusk as declarações recentes de Allan Dulles, chefiadas a nós através da AP, que disse: "Creio que os historiadores do futuro provavelmente dirão que, ao fazer-se qualquer movimento para libertar Cuba do

comunismo, que não seja a intervenção militar direta dos Estados Unidos, a culpa ter sido feita entre os meses de novembro e abril. Mais adiante disse o ex-chefe do Serviço de Inteligência norte-americano, "Havia um equívoco singular — começam a cometer os seus erros — no sentido de que se produziria um levante espontâneo. Nunca esperamos isso. Não esperamos levantes espontâneos, mas outros acontecimentos. Não sabemos quais eram esses acontecimentos que vos senhores governantes dos Estados Unidos, muito mais esperaram".

Quero recordar que foi o próprio presidente Kennedy quem afirmou, dias antes da invasão, que jamais o governo dos Estados Unidos interviria na mesma, para declarar, dias após, que assumia a responsabilidade da invasão. Não estareis lembrados? É necessário que eu o recorde? Por que não vos agitastes então? Por que não funcionou a Organização de Estados Americanos? Por que não vos confrontastes, senhores acusadores de Cuba — e me refiro só aos acusadores de Cuba aqui presentes — com os Estados Unidos? Será que os Estados Unidos dentro das rigorosas e estritas normas da Organização de Estados Americanos, têm o direito excepcional de invadir um país, sem que nada lhes ocorra? Para que serviu, então a Organização de Estados Americanos? Poderéis dar explicações. Mas os povos não as entenderão, senhores.

Confissão cínica

Há apenas poucos dias, o presidente da Guatemala, que nos acusa de perturbar a paz no Continente pronunciou um discurso famoso. Devo lembrá-lo. Disse ele textualmente: "É a primeira vez que meu governo fala de treinamento de cubanos armados na Guatemala, de sólidos fe anticastro. Pusemo-nos de acordo — disse textualmente

te — com os dirigentes cubanos no ostracismo, e eles entraram em entendimentos com um governo amigo — o governo amigo dos Estados Unidos — que poderia dar a contribuição bélica e o financiamento para o adiestramento e a campanha militar". Não somos nós que dizemos. Sabéis

(Continua na 4a. pág.)

DORTICÓS DENUNCIA O CRIMINOSO E AÇONTA OS CÚMPLICES:

«QUE FIZESTES QUANDO OS ESTADOS UNIDOS AGREBIRAM CUBA?»

(Continuação da 3a. pág.)
 vos que o disse, há dias, o presidente da Guatemala.

"Falaram com o meu governo — continua dizendo satisfeito o presidente da Guatemala — e logo se organizou um acampamento secreto e outro a olhos vistos". São os acampamentos que nos denunciavam e por cuja razão fomos desmentidos. Continua dizendo: "É lógico, um favor tão grande atrairia para os dirigentes de meu governo as iras e ameaças de morte de castros, russos e chineses, que são tão ousados e perigosos. Era necessário valorizar a contribuição — disse — e o governo não cavi-
 lou..."

Mais adiante, acrescentou o presidente da Guatemala: "O presidente Kennedy, num gesto de estadista de grande envergadura, declarou publicamente que assumia a responsabilidade de tudo o que se passara."

Isso não aconteceu em outro planeta nem em outro Continente. Aconteceu na América, em Cuba. Houve uma invasão de meu País, e o governo dos Estados Unidos assumiu a responsabilidade da invasão. Mas agora, senhores, de forma surpreendente, e Cuba que perturba a paz do Continente e constitui uma ameaça para os demais Estados americanos.

Os ardentes defensores dos direitos humanos e da paz do Continente, que organizaram essa invasão, não inquietam a Organização de Estados Americanos.

Cuba procurou o entendimento

Em muitas ocasiões — não poderia citar todas, porque são múltiplas e inumeráveis — expusimos publicamente, às vezes em notas diplomáticas oficiais, a nossa disposição de negociar as nossas diferenças com o governo dos Estados Unidos pelas vias diplomáticas normais.

A uma declaração produzida em 1960, em janeiro, pelo presidente Eisenhower, respondemos o seguinte, como presidente de Cuba: As diferenças de opiniões que possam existir entre os dois governos e sujeitas a negociações diplomáticas podem efetivamente ser resolvidas mediante tais negociações. O governo de Cuba se encontra na melhor disposição para discutir sem reservas e com absoluta amplitude todas essas diferenças, e entende, e declara que entende, que não existem obstáculos de espécie alguma que impeçam a realização dessas negociações. Nosso ministro das Relações Exteriores, em nota de 22 de fevereiro dirigida ao encarregado de Negócios dos Estados Unidos, exprimiu a disposição do governo de Cuba de negociar, estabelecendo como única condição prévia para aquelas negociações que, enquanto essas se realizassem, não poderiam verificar-se atos agressivos unilaterais por qualquer das partes. A resposta textual do governo dos Estados Unidos foi esta: o governo dos Estados Unidos não pode aceitar as

condições de negociações expostas na nota de v. exa., porquanto não serão tomadas medidas de caráter unilateral por parte do governo dos Estados Unidos que possam afetar a economia e a seu povo — "que possam afetar a economia e a seu povo", repito — e acentuo isso porque o representante do governo dos Estados Unidos declarou, em seu discurso nesta reunião, que o governo dos Estados Unidos nada tinha contra o povo cubano. Mas aqui repete não realizar medidas que afetam a economia do povo cubano, antes das negociações. E efetivamente assim o fez. Nós convidávamos à negociação diplomática, o governo norte-americano começou a promover as primeiras agressões econômicas contra o povo de Cuba cortando nossa quota açucareira no mercado norte-americano.

O governo norte-americano manifestou, ultimamente, a sua negativa em negociar, e o fez de maneira pública e, às vezes, nos conciliábulos diplomáticos quando nós — e não me deixaram mentir alguns senhores ministros das Relações Exteriores aqui presentes — recebíamos com satisfação as gestões de bons ofícios provenientes de países amigos neste Continente, que tiveram pela frente a recusa norte-americana. E somos nós os que queremos perturbar a paz no Continente!

Em matéria de saúde pública Cuba tinha, em 1958, 10.643 leitos em seus hospitais. Em 1961, alcançou a cifra de 23.640, ou seja, um aumento de 122 por cento. O orçamento do Ministério de Saúde Pública em 1958 ascendia a 21 milhões de pesos e em 1962 elevava-se a 89 milhões.

A taxa de crescimento de nossa economia não será inferior a 12 por cento acumulativos, e aumentará progressivamente. Isto constitui um fato extraordinário no desenvolvimento econômico da América Latina. Convido os senhores chamados a meditar sobre isto.

A alfabetização. Pode discutir-se tudo acerca da Revolução Cubana, porém ninguém ousará negar a verdade da campanha de alfabetização, revolucionária e voltada para as massas, levada a efeito em Cuba pela primeira vez neste Continente. Uma campanha de alfabetização que resistiu à interferência da invasão de Playa Girón e dos pequenos bandos contra-revolucionários incentivados pelo governo dos Estados Unidos. Uma campanha de alfabetização que nos permite declarar, com as cifras nas mãos: 1 — Que foi realizada por mais de 200 mil alfabetizadores voluntários e espontâneos; 2 — Que alfabetizamos, em um só ano, mais de 700 mil analfabetos; 3 — Que restam analfabetos apenas 3 por cento da população cubana, entre os quais se encontram casos de senilidade e de pessoas com defeitos físicos e mentais, impossíveis de serem alfabetizadas. Que nos permite, por fim, declarar, perante a América e o mundo, que, como consequência da revolução cubana, esta da qual se diz que afeta e fere os direitos humanos, um país da América, Cuba, não possui mais analfabetos.

E então pergunto: é por isso que nos querem condenar? Constitui isso um perigo para a América e para a independência dos povos americanos? Perigo, para quem?

Cuba não é mais que uma idéia e um exemplo. Se essa idéia e esse exemplo constituem um perigo para o imperialismo, constituem um perigo para as oligarquias, constituem um perigo para os exploradores, a culpa não é dessa idéia e desse exemplo, mas do imperialismo, das oligarquias e dos exploradores.

Quero, ademais, responder às afirmativas feitas pelo secretário de Estado dos Estados Unidos. Dizia ele que o governo norte-americano tinha simpatias originais pela revolução cubana; que o fato de nossa revolução haver-se transformado em revolução socialista declarando a vigência da ideologia marxista-leninista — que não ocultamos — é que havia pe-

doendo a sua inimidade. Que pouca memória! Esquece que nos primeiros meses de 1959 começaram as notas diplomáticas insolentes pelo simples fato de que propugnávamos uma reforma agrária, esquece que ainda antes de nacionalizarmos um só monopólio norte-americano começaram a nos cortar a quota açucareira; esquece que antes de adotarmos medidas socialistas, quando tomávamos providências simplesmente nacionalizadoras em nosso País em 1959 foram muitos os aviões procedentes de território norte-americano que atacaram os nossos colheitas e destruíram muitos leitos dos nossos camponeses.

Essa inimidade do governo dos Estados Unidos não existe apenas contra uma revolução socialista. Não pretendemos, nem aspiramos, nem nos esforçamos para exportar nosso socialismo a qualquer país da América. Não é preciso isso. Bastaria que em qualquer país da América se realize um esforço nacionalista libertador que implique em reforma agrária verdadeira, nacionalização de empresas norte-americanas, intervenção em empresas de serviço público norte-americanas, e veja o povo desse país reproduzirem-se sobre ele os fatos de que fomos vítimas desde os primeiros meses de 1959, antes de adquirir caráter socialista a nossa revolução. E essa revolução adquiriu caráter socialista. Não o negamos. Proclamamos-lo com orgulho. Temos o direito, tem o direito o povo de Cuba, no exercício de sua soberania e com o respeito de sua autodeterminação, de escolher o caminho de desenvolvimento que prefira seguir.

Respeitamos todos os cri-

terios aqui expostos por alguns senhores ministros de Relações Exteriores. Creemos que estamos no dever de respeitar os governos da América Latina que, com um critério diferente do nosso, entendam que seus países devam desenvolver-se pelos caminhos do capitalismo. Mas, como assim procedemos, exigimos que se respeite a nossa soberania e a decisão do povo cubano de escolher o caminho do desenvolvimento de seu País.

Sabemos que existem leis históricas inexoráveis e que, queiram ou não, o mundo marcha para o socialismo; porém isto não constitui óbice nem impedimento; muito pelo contrário, pode-se guardar o mais absoluto respeito pela linha de desenvolvimento capitalista que outros governos occidentais promovam neste Continente. Cuba e acusada de assim não proceder, e inclusive no relatório da Comissão Interamericana de Paz, como prova, e citada uma declaração minha, que diz textualmente: "Empreendendo o caminho do socialismo e não haverá força capaz de nos fazer retroceder". Senhores, nesta ocasião, com tranquilidade, com responsabilidade, sem hesitação, reitero a declaração: "Empreendendo o caminho do socialismo e não haverá força capaz de nos retroceder".

Implica isto, por acaso, em que pretendamos exportar nossa experiência socialista? Temos estabelecido exemplos de convivência pacífica neste Continente e de amistosas relações com países que não seguem nossas rotas históricas, e estamos dispostos a esforçarmo-nos para manter e melhorar essas relações. Só exigimos respeito à nossa soberania e à decisão irreversível de nosso povo.

Para que serve a OEA?

Em que se propugna, por exemplo, por esses grandes pecados nossos contra Cuba? Entre outras coisas excluir, segundo a proposta norte-americana, o nosso governo dos órgãos e organismos do sistema interamericano. Responderemos a isso em seguida.

Pede-se que sejam interrompidas as transações comerciais, limitadas porém importantes, entre Cuba e o resto do hemisfério, especialmente o comércio de armas. Não sabemos que nenhum país do Continente venda armas. "Que se interrompam as transações comerciais, limitadas porém importantes, entre Cuba e o resto do Continente".

E por que o representante do governo dos Estados Unidos vem promover essa iniciativa e sugerir uma ação coletiva desse organismo regional, se antes tem pedir permissão a nenhum dos países presentes, sem consultar a Organização de Estados Americanos, em decisão unilateral já havia interrompido, no fundamental, a corrente comercial entre os Estados Unidos e Cuba? Por que recorrer à Organização de Estados Americanos, se o Governo dos Estados Unidos desprezou a Organização de Estados Americanos, esqueceu a Organização de Estados Americanos e tomou as medidas unilateralmente, por sua própria conta?

Que pretendem? Legitimar o fato consumado? Não há revolta, pergunto eu, em

alguns de vós, agora, quando sois consultados sobre um fato que tal governo consumou unilateralmente, sem consultar a nenhum de vós, sem reunir a Organização de Estado Americanos, desprezando o órgão de consulta, o Conselho e todos os organismos da Organização de Estados Americanos?

Para que serve a Organização de Estados Americanos? Do ponto-de-vista de critério norte-americano — digo eu — para condenar a um país como Cuba; porém não para dar normas à conduta internacional dentro do Continente, do próprio governo dos Estados Unidos. Invadiram Cuba sem vos consultar; cortaram-nos o fornecimento de petróleo, tentando paralisar nossa economia, sem vos consultar; cortaram-nos a quota açucareira, sem vos consultar e sem consultar a Organização de Estados Americanos. Não vos sentis ofendidos em vossa dignidade nacional? Agora está a consultar-vos. Para quê? Para que, se isto que se pede já se consumou, no fundamental; se os Estados Unidos, nação poderosa, à margem da OEA, pisoteando a OEA, interromperam a corrente comercial de Cuba com os Estados Unidos, que representava o grosso de nossas transações comerciais no Continente?

Para que serve a Organização de Estados Americanos? (Continua na 5a. pág.)

Progresso de Cuba

É a seguinte a parte final do discurso do presidente Dorticós:

"O poder aquisitivo do povo aumentou, não só em consequência da majoração

DORTICÓS DENUNCIA O CRIMINOSO E APONTA OS CÚMPLICES: «QUE FIZESTES QUANDO OS ESTADOS UNIDOS AGREDIRAM CUBA?»

(Continuação da 1a. pág.)

zação de Estados Americanos ao governo dos Estados Unidos, se a sanção que pede e que já nos foi imposta pelo império de sua força e de seu poderio e que traçamos, desde logo, pela virilidade e coragem de nosso povo, e porque não estamos só e pais amigos iniciaram conosco o comércio que se interromperá unânime, totalmente sem aprovação da Organização de Estados Americanos, sem a vossa opinião, sem vos consultar, sem vos reunir? Para que serve? Para conservar o prestígio internacional, o prestígio de império e de grande potência, para preparar condições para agressões futuras.

E que outra coisa pede? Pede que se ponha em execução uma série de medidas de caráter individual e coletivas contra as diferentes formas de agressão política e indireta que ameaçam o hemisfério. Contra que formas de agressão? Que eu me recorde, o país invadido

foi Cuba. Por quem? Pelos Estados Unidos, mediante o uso de bandos contra-revolucionários e mercenários, mas com as suas armas, com os seus aviões, com os seus barcos atacadados, com os seus ilustres estrategistas do Pentágono, derrotados diante de nossas milícias ainda verdes de combate, porém merdas na consciência reventando e cheias de amor à pátria. Medidas, então, para quê? Medidas contra os países, contra os estudantes que morrem, medidas contra os operários que protestam, contra os camponeses que pedem terras, não contra Cuba, mas contra povos irmãos da América Latina. Isso é o que se pede contra nós.

E qual é nossa posição? Cuba considera que constitui um direito inalienável de todas as nações o de seguir o regime econômico e social e o ordenamento jurídico que seus povos preferem.

vem sendo vítima de parte do governo dos Estados Unidos, e de suas agências, como a Central Intelligence Agency com a colaboração servil de governos latino-americanos, denunciada já por nosso País.

O que o Governo Revolucionário de Cuba não pode evitar é a influência que irradia a revolução cubana sobre outros povos da América Latina. Essa influência surge de um contraste. Para evitar esse contraste, não há outro caminho que o de elevar esses povos a plenitude da dignidade humana, ao bem-estar social e ao progresso econômico que nossa revolução deu ao povo cubano, porque nós não renunciaremos jamais à nossa reforma agrária, à nossa reforma urbana, à nossa industrialização que elimina o desemprego, à alfabetização que conseguimos sobre mortes e esforços heróicos, à igualdade entre os homens de todas as raças que faz aparecer infamante e brutal a desigualdade a que está sujeito o povo negro nos Estados Unidos.

Cuba não tem pactos nem vínculos militares com nenhum Estado extracontinental, ao contrário do que ocorre com os Estados Unidos. As vinculações que

unem Cuba a países de fora de nosso Continente, são as que normalmente derivam das relações diplomáticas e do exercício legítimo e livre do comércio entre nações. Essas relações as mantêm, com igual direito, outros governos e outros países da América, sem excluir os Estados Unidos.

As afinidades ideológicas e as simpatias políticas que surgem de caráter socialista da Revolução Cubana não negam, e sim confirmam, por obra da solidariedade que nosso País recebe, a posição independente do Governo Revolucionário de Cuba em política internacional, baseada nas normas do recíproco respeito, mútuo proveito e igualdade soberana dos Estados.

Por necessidades imperiosas de sua defesa, Cuba estabeleceu um dispositivo militar poderoso, capaz de detrotar e sufocar qualquer tentativa de avassalar a sua soberania ou violar o seu território nacional. Playa Giron — recordai, sr. Rusk — foi a mostra inicial da capacidade defensiva do povo cubano, e quem quiser experimentar, agora pagará com a sua destruição essa cusadia. Cuba, porém, acumulou esse poderio militar apenas para a sua defesa, posto que, como disse nosso primeiro-ministro, comandante Fidel Castro, no discurso de 2 de janeiro de 1962: "nossas armas não são ofensivas, nossas armas não são capazes de desenvolver uma guerra ofensiva, nem jamais necessitaremos desse tipo de armas. Nossas armas são defensivas, para defender a nação e para tomar a ofensiva dentro da nação, contra qualquer inimigo que nos ataque". "Nós não temos meios — nem deles necessitamos, nem deles necessitaremos jamais, porque não os queremos e jamais haremos de querer — para transportar exércitos, para transportar tanques até o território de outros países. Jamais estas armas significarão perigo, nem para o território nem para as fronteiras de nenhum país da América. Estas armas jamais afetarão a segurança de nenhum povo". Em con-

seqüência com essa política anunciada por nosso primeiro-ministro, se as nações da América decidissem adotar desarmamento geral e completo, Cuba apoiaria, com todas as suas forças, essa decisão que corresponde à ideia de paz de seu povo, à convicção de seu governo de que a coexistência pacífica entre os países e a melhor garantia de progresso, e ao interesse do próprio povo cubano que poderia assim dedicar a seus programas de transformação econômica, cultural e social, as somas que a constante agressão à nossa soberania lhe obriga hoje a empregar em armas para a defesa da paz. Nenhuma potência extracontinental obteve ou solicitou base militar alguma em território cubano. A única base militar estrangeira que existe em território de Cuba, contra a vontade do povo cubano e com o protesto do Governo Revolucionário, que reitera nesta oportunidade a decisão de promover no momento oportuno a sua retirada pelos meios que o direito internacional faculte, é a base militar norte-americana, estabelecida, mediante o uso da força e sem o consentimento nacional, em Guantánamo.

A Revolução Cubana trouxe pela primeira vez a nosso País a democracia verdadeira, o governo do povo, pelo povo e para o povo.

O pleno exercício da democracia só é possível — e é esse o caso de Cuba — se o povo conquistar a sua liberdade econômica e social, e, com ela, a possibilidade de manifestar-se livremente. Não há democracia com miséria. Em Cuba a miséria desapareceu. Não há democracia com desemprego. Em Cuba, o desemprego está desaparecendo e em nosso plano de cinco anos liquidaremos com ele. Não há democracia com despejo de camponeses. Em Cuba, o camponês é dono da terra que traça há. Não há democracia com discriminação social. Em Cuba todos os homens são iguais. Não há democracia com analfabetismo. Cuba erradicou o analfabetismo.

Ferida a carta da ONU

A Revolução Cubana recebe cada dia o apoio popular em forma esmagadora e a vista de todos. As instituições mediante as quais funcionará a nossa democracia socialista, o próprio povo de Cuba as moldará, e o fará da maneira e no tempo em que decida, sem que maneira e tempo lhe sejam impostas mediante a coação e a intimidação internacionais, já que se trata de decisões reservadas a determinação soberana do nosso povo.

A Carta da Organização de Estados Americanos, em seu artigo 1º, afirma que dentro das Nações Unidas a Organização de Estados Americanos constitui um organismo regional. As Nações Unidas são um foro internacional onde se reúnem países com os mais diversos regimes sociais. Os organismos regionais instalados segundo o teor do artigo 52 da Carta das Nações Unidas têm que incluir como partes de um todo

essa mesma diversidade de sistemas.

Cuba é o primeiro país da América que empreende o caminho do socialismo; porém, como o mostra a história, não haverá de ser o último. Para que subsista a comunidade jurídica internacional, tanto no que corresponde ao mundo como a uma parte dele, essa comunidade deve basear-se na aceitação indeclinável da diversidade de sistemas políticos e sociais, pois se existe o mútuo respeito, se se parte do direito de cada país a determinar o seu próprio destino, se os Estados se abstêm de qualquer intervenção nos assuntos dos demais, as diferenças de regimes não pode ser um obstáculo à coexistência nos organismos regionais.

Cuba não admite que o conteúdo socialista de sua Revolução sirva de pretexto para que se limitem os seus direitos de Estado soberano em uma organização regional. Ou na Organização de

(Conclui na 8a. pág.)

Influência da Revolução

Cuba respeita e respeitará esse direito dos demais países da América, e, por

sua vez exige que se lhe respeite esse direito e que cesse a interferência de que



PROVANDO

Dorticós, chefe da delegação cubana, acusou com provas o imperialismo norte-americano na Conferência de Punta del Este. Mostrou quem são os agressores verdadeiros, os que atentam contra a soberania das nações e o direito de autodeterminação dos povos.



O PRESIDENTE Osvaldo Dorticós afirmou, em entrevista coletiva que concedeu aos jornalistas encarregados da cobertura da «reunião de consulta», e cujos principais tópicos estão reproduzidos em outro local deste suplemento, que a posição de independência adotada inicialmente por vários dos governos presentes a Punta del Este se deveu principalmente à mobilização popular em favor de Cuba, ocorrida desde antes do início da conferência em todos os países da América Latina. Os governos não puderam fazer ouvidos moucos às manifestações pró-Cuba realizadas pelos povos — disse Dorticós. Em Montevideu, particularmente, essas manifestações foram vibrantes e continuadas. O governo uruguaio, dobrado pelo subórno (que foi o carro-

-chefe do distrito da diplomacia ianque pela baineira oriental), somente à última hora teve a coragem ingloria de assumir uma atitude contrária àquela que o povo do país vizinho exigira nas ruas, em entusiásticos

parém, foi sentido e reconhecido pela delegação cubana. Ela esteve manifesta, de maneira eloquente, na marcha de dezenas de quilômetros empreendida por milhares de patriotas uruguaiois — trabalhadores,

certeza do apoio dos povos da América à sua revolução, expressa na repúdio à resolução final da reunião e no carinho popular que cercou a delegação revolucionária em todos os momentos, como o mostram as fotos do embarque de Dorticós e do chanceler Raul Roa. O povo brasileiro, além das inúmeras concentrações que promoveu nos nossos principais cidades, também esteve presente em Montevideu e Punta del Este, através de delegações de trabalhadores, estudantes e de líderes populares, levando o nosso apoio à posição que assumiu na conferência o nosso governo e a nossa solidariedade à ilha democrática. Nos comícios de Montevideu o pensamento nacional foi externado pelo deputado Francisco Julião, como o atesta uma das fotos.

O VEREDITO DOS POVOS

comícios (como mostram duas das fotos desta página), e que era a do respeito à autodeterminação do povo cubano e a da defesa do princípio da não-intervenção. A vontade popular da América Latina,

estudantes, camponeses, intelectuais — desde o capital de seu país até Punta del Este, e da qual nesta página exibimos um momento. De regresso a Cuba os membros de sua representação levaram reavigorada a



DORTICÓS DENUNCIA O CRIMINOSO E APONTA OS CÚMPLICES:

«QUE FIZESTES QUANDO OS ESTADOS UNIDOS AGREDIRAM CUBA?»

(Conclusão da 5a. pág.)

Estados Americanos, um organismo regional, têm lugar todas as nações americanas, quaisquer que sejam os seus regimes sociais e políticos, ou a Organização de Estados Americanos se converte definitivamente e sem dissimulação e pudor em coito privado de Washington, regida à maneira de um Ministério de Colônias.

Cuba sustenta que a nova situação criada na América exige uma revisão dos instrumentos que deformaram o chamado sistema interamericano, até transformá-lo evidentemente em algo distinto de um verdadeiro organismo regional. Não é Cuba que prejudica o funcionamento do chamado sistema interamericano, em seu conteúdo legítimo. Somente Cuba tem demonstrado, com sua conduta, que deseja e pode viver em paz, com vizinhos próximos ou com vizinhos distantes. A razão dessa convivência está na observância dos princípios que temos apontado como sua base. Se, pelo contrário, Cuba tem tido com outros governos dificuldades que conduziram ao rompimento de relações, a razão disso está em que esses governos faltaram uma e outra vez ao respeito de nossa soberania e serviram com essas decisões ao interesse imperialista orientado para o isolamento diplomático de Cuba. O governo de Cuba tem reiterado a sua decisão de manter uma política internacional baseada no lema de José Martí, que nos recomendou: "marchar com todo o mundo e não com uma parte dele".

Os que respeitam Cuba, encontrarão o respeito de Cuba. Os que querem comerciar com Cuba, encontrarão Cuba com disposição de comerciar. Os que estão dispostos a negociar as diferenças com Cuba, verão Cuba disposta a debater essas diferenças, com agenda

aberta e sem limitação alguma. Porém, se o que se pretende é que Cuba se submeta às determinações de um país poderoso e dos que podem ser seus instrumentos circunstanciais, se o que se busca é que Cuba capitule renuncie às aspirações de bem-estar, progresso e paz que animam a sua Revolução Socialista, e entregue a sua soberania a mãos estranhas, se o que se tenta é que Cuba volte as costas a países que lhe têm demonstrado uma amizade sincera e um respeito cabal; se, em uma palavra, se tenta escravizar um país que conquistou a sua liberdade total, depois de século e meio de sacrifícios, esqueça-se de uma vez: Cuba não capitulará!

O que pode decidir esta reunião? Antes de mais nada, que não se levem alguns a enganar; que não façam caso nem ponham ouvidos atentos a essas versões sobre nossa debilidade revolucionária. Que não se enganem, que se informem de uma vez para sempre da

tremenda capacidade de resistência de nosso povo. Uma capacidade de resistência já posta à prova e consagrada pela glória de uma decisão heróica de luta e de um triunfo imediato e total contra invasores. Que se saiba, de uma vez, que há força patriótica e revolucionária em nosso povo, que há força militar, técnica e organização militar em nosso país. Não para atacar a ninguém, porém para defender-nos de todos os inimigos, por mais poderosos que sejam. Que se recorde Playa Girón todos os dias, e que se saiba que hoje é mais sólida a nossa capacidade de resistência, e mais militante a conduta aguerrida de nosso povo. Que se saiba que são centenas de milhares de trabalhadores, de camponeses, de estudantes, e até de mulheres e meninos, os dispostos em minha Pátria a trabalhar todos os dias, e a morrer também nos dias excepcionais em que a Pátria precise.

nos invadir um país poderoso, de forma aberta ou dissimulada, também resistiremos; resistirá Cuba, resistirá o seu povo, e será outra vez o mundo, se assim o quiserem, cenário de um novo genocídio. Porém Cuba não capitulará e a nossa revolução não será destruída. Se isso ocorrer, sabemos que não estamos sós que contamos com a solidariedade de todos os povos, especialmente dos povos da América Latina. Que não se arbor convulsivo destes dias em torno desta Conferência se transformará em algo tremendo e imenso nesses povos da América Latina, se se tentar consumir esse genocídio.

Se se quer precipitar a morte do imperialismo, que se conte esse genocídio e que se saiba, desde agora, sobre quem recairá a responsabilidade dessas mortes e desse sangue. Que se saiba, ademais, que não estamos sós. Que contamos com a solidariedade dos povos, e que, em definitivo, se se tenta destruir o nosso povo e a nossa revolução em um novo genocídio, é grande o perigo de que a morte não se assenhore apenas de nossa Pátria. E que não se esqueça que fatos como este, que se impõem por decisão de um império, a este Continente, podem, inclusive, destruir o mundo em uma conflagração mundial. Que não se esqueça que nos acompanham os povos que se põe em perigo a paz do mundo, e não se põe em perigo apenas a Cuba.

Cuba resistirá; Cuba peleará, senhores ministros de Relações Exteriores. Sabemos que correrá de novo o sangue em nosso País: que

perderemos riquezas e perderemos vidas. E' o preço doloroso e grande que está obrigada a pagar uma revolução como a nossa. Porém, que se saiba também que a responsabilidade desses fatos que podem surgir há de recair não só sobre o governo imperial que os inverte de promover, e sim sobre todos os que de uma ou de outra forma o ajudarem. Cairá também essa responsabilidade sobre muitos de vós aqui presentes; e a história vos pedirá contas.

De nossa parte qualquer que seja o resultado desta reunião, e quaisquer que sejam as decisões que aqui se adotarem, com o esquecimento de nosso sincero desejo de viver em paz neste Continente e de conviver com todos os países deste Continente, qualquer que seja seu regime social ou político — quaisquer que sejam essas decisões, Cuba estará tranquila e serena.

Terminará esta reunião e retornaremos a Cuba serenos e tranquilos, disposto o nosso povo, com serenidade e sem vacilações, a lutar e a pelear. E há tempos senhores, existe em nosso País um mandato que orienta a consciência popular. Nosso povo enfrenta, tem enfrentado e enfrentará todas as contingências e adversidades, por mais dramáticas ou trágicas que forem, sob este lema: frente às agressões promovidas, frente às agressões passadas, frente às agressões futuras, nosso povo não se cansa de gritar todos os dias "Pátria o Muerte".

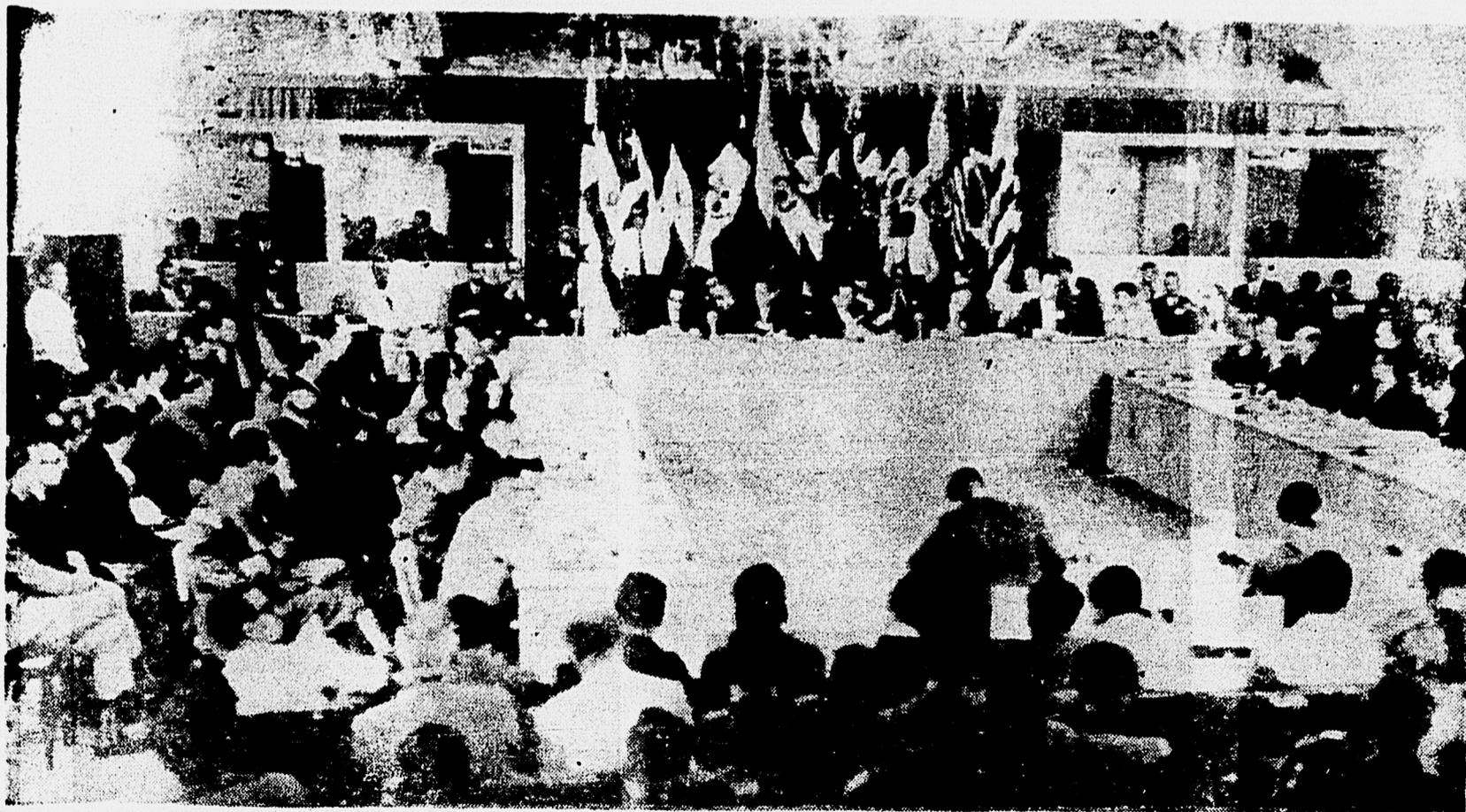
Cuba não se renderá

Que se saiba que Cuba resistirá, que não importará as decisões agressivas contra Cuba que aqui possam adotar-se, e importará menos ainda as ações posteriores contra Cuba; que não importarão, igualmente, novas agressões militares a meu país.

Cuba não haverá de render-se, nem haverá de desertar o nosso povo de sua gloriosa revolução socialista. O povo de Cuba está disposto a pelear e a morrer, e saiba-se que a nossa maior dificuldade, quando nos invadiram não foram as armas inimigas nem os tanques tanques, cujas fotografias estão aqui, à vossa disposição, nem os canhões norte-americanos, nem a estratégia do Pentágono. Nos-

sa maior dificuldade foi conter um povo que queria lutar em uma peleja para a qual bastavam algumas forças, foi evitar que ao campo de batalha fossem homens a quem não havia, nos dado ordens de marchar para a luta. Havia nesses homens um ânimo e uma decisão inquebrantável de imolar-se; e hoje esse ânimo e essa decisão são cada dia mais vigorosos em minha Pátria.

Que se saiba de uma vez que se nos invadirem novamente forças mercenárias, ou exércitos latino-americanos, como meio de intervenção e de agressão indireta do governo dos Estados Unidos pouca moosa nos causará e breves serão as horas para destruí-los. E se



DENUNCIANDO

Vigorosa denúncia contra o imperialismo lanque foi pronunciada na Conferência de Punta del Este pela delegação cubana. Em seu discurso, o presidente Osvaldo Dorticós mostrou os verdadeiros objetivos perseguidos pelo imperialismo naquele conclave.

Diário de Punta Del Este

(Pelo nosso enviado especial à Reunião dos Chanceleres, Marco Antônio Coelho)

Sábado, dia 20

Por volta das 18 horas, chega o grupo de jornalistas brasileiros à cidade balnearia. O percurso de Carrasco (aeroporto internacional) até Punta del Este, 140 quilômetros em estrada asfaltada, já foi deixando perceber o "clima" em que se desenrolará a Conferência. Inscricões ao longo da rodovia atestam a opinião popular em favor de Cuba. Sentinelas nas pontes. Muitas viaturas policiais e do exercito, munidas de aparelhos de rádio e de fuzis-metralhadoras. Exigência de identificação dos motoristas e passageiros que demandam a Punta del Este.

Somos avisados que seria possível conversarmos com o chanceler brasileiro. A delegação de nosso país está hospedada num conjunto de residências, formando uma vila simpática, perdida no meio de um bosque, a cinco quilômetros do Hotel San Rafael.

Expõe o prof. San Tiago Dantas, nos homens da imprensa, a conduta brasileira, afirmando que se não fôr aceita, nesta reunião, vingará em outra, pois é a única realista. Emite, também, opiniões otimistas sobre as posições dos norte-americanos, (que depois não seriam confirmadas pelos fatos), ao dizer que "os ianques não estão colocando as coisas em termos de luta por 14 votos, pois querem manter a unanimidade na OEA, a fim de não confirmarem as divergências", e que "não subordinam a "Aliança para o Progresso" aos resultados dessa Conferência, pois seria uma manobra suicida".

Domingo, dia 21

Na agenda, apenas está colocada a reunião privada dos chefes de delegação, para acertarem questões de procedimento. Mas, o chanceler brasileiro sugere (e é aprovada) uma proposta de adiamento por 24 horas da abertura dos debates a fim de realizarem conversações informais antes dos discursos, que marcarão inevitável e definitivamente as posições de cada país.

Revela-se que o governo chileno promoveu várias consultas a chancelarias não americanas, a respeito do

caso cubano. Entre esses Estados encontram-se: Índia, França, Japão, Alemanha Ocidental, Inglaterra, Itália e o Vaticano. Em geral, inclusive este último, condenam a adoção de sanções contra o governo de Havana, o que determina mais firmeza na atitude do chanceler do Chile — Martínez Sotomayor. Porta-voz ianque manifesta desgosto por essas gestões, alegando que aqueles países "nada têm a ver com o hemisfério".

Pela tarde chega Mister Rusk. No aeroporto, faz uma pequena declaração que continha um parágrafo muito sério, em que deixa claro que não será possível concretizar-se a "Aliança para o Progresso" sem estabelecer-se a "segurança no Continente contra o comunismo".

Repercutiu intensamente, em Punta del Este, a marcha que jovens uruguayos estão fazendo de Montevideu até aqui. Começaram a marcha, mais ou menos, uns 350, mas pouco a pouco a coluna foi engrossando. Por onde passam são cercados pela solidariedade cálida dos homens simples do povo, que lhes dão comida, refrigerantes, café, etc. Um grupo de cavalheiros do Exército os acompanha de perto. Amanhã chegarão a Maldonado, onde farão um ato solene de encerramento da marcha, seguindo uma comissão até à sede do conclave.

Segunda-feira, dia 22

Veicula-se a informação sobre uma divisão nítida dentro da delegação americana. De um lado, os "duros" dirigidos por Woodward, subsecretário de Estado para assuntos da América Latina; o embaixador na OEA, Morrison e, principalmente, os representantes do Senado e da Câmara: Wayne Morse, Hickenlooper, Selden e Morrow. De outro lado, os "liberals", com R. Goodwin, W. Rostow e Schellinger, intelectuais de Harvard. E Dean Rusk — pergunto? É a resultante do choque das duas alas. Muitos põem em dúvida a veracidade da informação, lembrando-se a

frase de Wright Mills de que "o governo de Kennedy é composto de homens novos que fazem uma política velha" (de Eisenhower).

A noite, sessão inaugural, solene. O presidente Haedo preside a cerimônia, fazendo ligeiro discurso. A crise dentro do governo uruguayo é seria. De um lado está Haedo, combatendo as posições anticubanas, e, de outro, os reacionários Nardone e Cesar Batlle, que exigem a ruptura de relações diplomáticas com Havana. Não se pode ainda prever o resultado. O chanceler pediu demissão e manteve-se no posto numa posição típicamente e sem autoridade.

Têrça-feira, dia 23

Crece a pressão americana. Declara o deputado ianque Selden: "As coisas podem ficar feias no Congresso de meu país, quando se discutir as verbas de auxílio a vocês, se a reunião não tomar firme posição contra Cuba".

Anuncia-se que o Haiti não votará sanções. Pouco a pouco estrutura-se o grupo dos "sete", composto de: Brasil, Argentina, Chile, México, Bolívia, Equador e mais o Haiti. Ninguém confia, no entanto, nesse país, dizendo-se: "o que Duvalier quer é mais dinheiro".

Não havendo reuniões públicas, as atenções voltam-se para as conversações realizadas nos encontros sociais. Na casa de ve-

ranelo do presidente uruguayo reúnem-se as principais delegações e trava-se vivo debate entre Dean Rusk e Haedo, comentado por todos.

Após esplanção de Rusk sobre o que pretendem fazer os EE.UU. na ajuda à América Latina, retruca Haedo:

— Ah, eu espero que meus netos possam ver essa ajuda.

No fim do encontro, quando convida, novamente, a delegação americana para almoçar, diz Haedo:

— Não se preocupe, mister Rusk, depois eu lhe mandarei a conta desses dois almoços, o de hoje e o de amanhã.

Quarta-feira, dia 24

Observa-se a grande vacilação da Argentina, pois as notícias sobre seu comportamento são as mais contraditórias. Oscar Camillón, que dizem ser o "cérebro" da sua delegação, afirma categoricamente que "o Exército deu carta branca a Frondizi".

Declara San Tiago Dantas que sua conversação com Dean Rusk terminou num impasse. A tática americana desenvolve-se em duas frentes: primeiro, tentando obter os 14 votos (através da pressão sobre Haiti, Uruguai e Argentina, especialmente); segundo, com a tentativa de chegar a um acordo com os "sete", com a quebra da resistência desses mediante a adoção de uma variante jurídica qualquer. Dividem-se, assim, os países, segundo os "experts" de política internacional: 1.º grupo — os "duros" contra Cuba: Colômbia, Paraguai, Peru, Panamá, Honduras, Nicaraguá, Guatemala, El Salvador, República Dominicana e Costa Rica; 2.º Grupo: Os ainda não definidos — Venezuela, Argentina, Uruguai, e Haiti; 3.º grupo — Os contrários às sanções contra Cuba: Brasil, Bolívia, Equador, Chile e México.

Iniciam-se os discursos longos e cacetes dos chanceleres, que servem apenas para torturar os jornalistas que buscam, numa ou em outra frase, alguma definição nova.

De Montevideu chegam duas notícias boas. O primeiro (Conclui na 10a. pag.)



«OVELHA NEGRA»

Os "duros", teleguiados de Rusk, vivem sempre a delegação brasileira com certo mal-estar. San Tiago Dantas era, assim, como a ovelha negra da família do tio Sam.

Diário de Punta Del Este

(Conclusão da 9a. pág.)
 início anti-Cuba, que tinha sido largamente anunciado através do rádio, da imprensa, e de alto-falantes colocados em aviões, foi um terrível fracasso, pois não estiveram presentes pouco mais de mil pessoas. Já ontem foi o comício pró-Cuba uma imensa manifestação, a maior já realizada nos últimos anos. Mais de trinta mil pessoas ovacionaram os oradores. No plenário, colocado na sala de Jogo do San Rafael, o discurso mais interessante foi o do jovem chanceler da Bolívia. Quando o ministro das Relações Exteriores do Brasil pronunciava a sua fala, expondo a posição de nosso país, ostensivamente Mister Rusk, que estava sentado ao lado, abandonou o recinto, numa manifestação inequívoca de seu mal-estar.

Quinta-feira, dia 25

Pela manhã, fala Rusk, podendo-se tirar a seguinte conclusão: recuo dos Estados Unidos, pois abandonam oficialmente a exigência da aplicação do Tratado do Rio. Pelo Tratado poderiam ser adotadas sanções, com a ruptura de relações diplomáticas e consulares, a interrupção de relações econômicas e das comunicações e, ainda, o emprêgo de forças armadas. Exige o secretário de Estado, em troca, quatro coisas: 1 — reconhecer-se que o governo de Fidel é um perigo para a paz e a segurança no Continente e incompatível com os princípios e propósitos da OEA. 2 — exclusão imediata de Cuba da OEA; 3 — interromper a corrente comercial entre Cuba e o resto do hemisfério (quando os canadenses tomaram conhecimento disso ficaram furiosos); 4 — Organização de uma Comissão Especial de Segurança para "recomendar" aos governos medidas de proteção.

Ao terminar o discurso do secretário de Estado, muito ovacionado pelas delegações centro-americanas, os fotógrafos correram para bater chapas de... Dorticós, que dava uma sonora gargalhada.

San Tiago Dantas, comentando o pronunciamento lanque, acentua as concessões já feitas pelos norte-americanos, mas afirma que "não vê como se possa suspender o governo cubano legalmente da OEA, a menos que se violem todos os tratados". Diz mais, ainda, que existem duas maneiras de se combater o comunismo: a primeira, dos anticomunistas frenéticos, cuja tática assenta-se na perspectiva, aceita como justa, de nova guerra mundial; a segunda, a dos democratas que combatem o comunismo, mas com uma política de competição pacífica. Não gosto, diz ele, "de usar a expressão 'coexistência pacífica', porque foi cunhada do lado de lá, mas ela é boa como definição". Sendo assim, conclui ele, nossa posição é a de contribuir para diminuir a guerra fria, é uma posição de defesa da paz.

Pela noite, aguarda-se com ansiedade o discurso de Dorticós. Sabe-se que vai falar de imprensa e durante mais de duas horas. A repercussão é tremen-

da. Dorticós fala com veemência, martelando duramente os Estados Unidos. Quando cita Playa Giron o público fica em suspenso, e enquanto os americanos tornam-se amarelos de ódio. Ridiculariza a Guatemala, a Nicarágua e o Paraguai, que falaram na "necessidade de defender os sagrados princípios da democracia representativa".

(Sapena Pasor, o chanceler de Stroessner, sentado ao lado de Dorticós, mordia os lábios, nervosamente).

Terminado o discurso, lá pela madrugada, a assistência é surpreendida com o anúncio de que um delegado da Guatemala — um tal de Garcia Bauer — vai replicar a Dorticós. Foram quarenta minutos em que se desanuviou o ambiente, que havia se tornado tenso com o libelo cubano. O guatemalteco, "vermelhíssimo", durante 10 minutos foi ininteligível, pois misturava acusações aos impérios romano e russo. No fim, fez uma solene promessa de que seu povo iria morrer por "su Dios". Os comentários — nas tribunas reservadas aos jornalistas, se dividiram: uns achavam que ele estava no "porre", outros diziam que ele era assim mesmo. Silveira Sampaio é que exultou, dizendo: "vou pedir a integra desse discurso, pois o meu programa na televisão vai tê-lo como ponto alto". Mas, a grande assistência dos "jornalistas" do F.B.I. aplaudiu o guatemalteco com estrondo. Era o necessário desabafo ante o tremendo discurso de Dorticós.

Sexta-feira, dia 26

Último dia de debates. Anuncia-se que o prazo para a apresentação de propostas é adiado por mais 24 horas, isto é, até às 21 horas de amanhã.

A pressão lanque é tremenda. Estrutura-se definitivamente o bloco dos seis países, mais o Haiti. O nó da questão reside no problema da "policy decision", que os lanques querem a respeito da exclusão imediata de Cuba. O grupo dos "seis" não concorda. Camillon, da Argentina, comenta: "Querem implantar a lei da selva na OEA". Feilam Velarde, jovem jornalista e chanceler da Bolívia, declara: "O respeito às normas do direito internacional para os grandes países é um signo de grandeza, enquanto para os pequenos é um método para resguardar sua integridade". Manchete do jornal "Correo de la Tarde" de Buenos Aires; (que é a "Tribuna da Imprensa" platina, e a quem todos chamam de "Gorila de la Tarde") "Brasil, obstáculo para el acuerdo". Hermano Alves, do "Jornal do Brasil" gostosamente, comenta: "Mas, isto virou um Pam-mum-jom".

Sábado, dia 27

Nenhuma solução. Os americanos se impacientam e convocam duas conferên-

cias com a imprensa. Na primeira, esteve presente o próprio Rusk e é reservada aos jornalistas americanos. O secretário de Estado pede para que não enviem informações sobre as divergências mandem dizer que tudo vai bem, e que, ao contrário, bem. A outra entrevista coletiva é dada por Woodward, com o mesmo objetivo, destinada aos jornalistas latino-americanos, escolhidos cuidadosamente pelo USIS.

Comenta-se que, depois de um ano de terrível propaganda organizada contra Cuba, os Estados Unidos não conseguiram ganhar para a sua posição os povos do Continente.

Pela noite, convoca-se o plenário, mas é só para soltar-se mais um novo adiamento de 48 horas. Os chanceleres em sua maioria, são representados por suplentes não qualificados. Não obstante Mister Rusk comparece e fala cinco minutos. Só para dizer que tudo está bem e que os trabalhos chegarão a bom termo. Dizem que esse "discurso" foi imediatamente retransmitido para Nova York, pois a opinião pública está nervosa.

Domingo, dia 28

Nada acontece de novo. Há dois dias que reúnem e nada. A aflição dos delegados e jornalistas assemelha-se àquela que se vê nas maternidades, quando os partos são laboriosos. Um delegado do Brasil comenta com outro: "A coisa está pegando Togo". A divergência com os lanques — declara um delegado do Brasil — é pequena. Nós estamos pela autodeterminação e não-intervenção e eles pela não-determinação e auto-intervenção.

A preocupação de todos é agora a de "tirar a OEA desse terrível atoleiro". A divergência entre os "treze" e os "sete" parece insuperável. Um gaiato sugere: por que não chamam o Dorticós para dirimir a disputa? Os jornalistas americanos lamentam: nessa hora eu queria ser jornalista cubano, são os únicos que estão tranquilos.

Diante da sede da delegação de Cuba, situada perto de Punta del Este, desde bem cedo não cessam de aparecer delegações de várias cidades do Uruguai. Confraternizam os delegados e jornalistas cubanos com a população amiga. Dançam e cantam o dia inteiro, ouvindo-se as famosas canções revolucionárias cubanas.

Segunda-feira, dia 29

A delegação cubana distribuiu uma nota denunciando as conversações secretas, feitas para esconder dos povos da América Latina e

que se trama. Reclama o início de debates públicos a fim de que se esclareçam mudanças de posições, súbitas e repentinas.

Verifica-se que o Uruguai está com os Estados Unidos, mas, para salvar a face, intenta um acordo que modifique pequenas frases da proposta colombiana. Chega um telegrama do Haiti, do tirano Durvallier, determinando ao seu chanceler que vote com os Estados Unidos. Todos sabem que o preço foi de 25 milhões de dólares. Um delegado brasileiro comenta: nós estávamos conversando, ao mesmo tempo, com os Estados Unidos e o Haiti; agora, verificamos que discutíamos com a Casa Grande e a Senzala.

Um fleumático correspondente inglês sussurra: Mister Rusk vai ter que levar para os Estados Unidos aquela armadura de ferro, medieval, que está no saguão do San Rafael. Senão, como é que ele vai enfrentar o Congresso?

Termina o prazo para a apresentação de propostas e os seis países nada formulavam, anunciando que votarão contra, ou se absterão, ante as sugestões dos majoritários.

Têrça-feira, dia 30

Hoje é o dia da decisão. Marcou-se a reunião da Comissão Geral para 22 horas. A pressão lanque segue o lema da ESSO — "Força Total". A guerra psicológica contra os "seis" é desencadeada. Pressão em cada uma das capitais: Brasília, Buenos Aires, Santiago, La Paz, Quito e México. É junto aos chanceleres aqui, em Punta del Este, e em Washington com os embaixadores ali acreditados.

Espalha-se o rumor de uma capitulação geral. Um membro da delegação do Brasil, que pela primeira vez vai a um desses encontros, pergunta a outro mais experientado: "Você já tinha conhecido essa pressão, em alguma conferência anterior". Resposta do outro: "Não, pois sempre estivemos ao lado dos EE. UU.". Repercução intensamente a modificação na direção do matutino carioca "Correio da Manhã", que apoiava San Tiago Dantas.

Uma notícia boa circula, embora sem confirmação: a do telefonema de Frondizi para Jango, em que resolviam enfrentar, até o fim, os Estados Unidos. Manchete do jornal americano, em

língua inglesa, editado na Argentina, o "Buenos Aires Herald": "USA decidiram forçar uma solução final para o nó de Punta del Este — AS LUVAS FORAM TIRADAS".

Chega-se à hora da reunião. Ambiente eletrizado e terrivelmente tenso. Perspectiva de provocação de exilados cubanos contra Dorticós. Os dois documentos iniciais postos em votação são secundários. Mas, o terceiro é o que trata da exclusão. Chegou o momento supremo. O resultado para os jornalistas é, ainda, imprevisível. Anuncia-se a votação. Só 14 mãos se levantam.

Mister Rusk parece envergonhado. As palavras de Dorticós são irresponsáveis: "Dizer que Cuba é incompatível com a OEA? Então a OEA é incompatível com a luta contra o analfabetismo, com a luta contra os trustes, com a luta pela emancipação, com a realização da reforma agrária e com a construção de uma vida melhor para os humildes. Mas, Cuba não se assusta com isto e doa a quem doer, mas construiremos o socialismo a 90 milhas dos Estados Unidos. Vencere-mos".

Quarta-feira, dia 31

Os jornalistas marcham para ouvir a entrevista coletiva de Dorticós, e os delegados à Conferência, extenuados, dirigem-se à sala do plenário, a fim de formalizarem os últimos atos. A cortina vai descer.

Os jornalistas trocam as últimas impressões. Os americanos estão tristes, isto é, aqueles americanos que não queriam que seu país fizesse um papel tão lamentável. Mas, os homens do USIS estão nervosos, dizendo: "é preciso dar a impressão de que ganhamos, pois, afinal ficamos com a maioria...".

Os correspondentes europeus e os dos jornais progressistas da América Latina estão satisfeitos. "Maioria solitária, 14 votos, mas sem os duzentos milhões de latino-americanos". "Com mais duas vitórias como essa, os Estados Unidos vão à garra".

Regressamos a Montevideo ainda em tempo de assa-tir à despedida emocionante que o povo uruguayo prestou à delegação cubana, no aeroporto de Carrasco. Centenas de bandeiras cubanas, milhares de vozes a gritar: "Diga a Fidel, Uruguai está com el".

IMPrensa OUVIU A VERDADE SOBRE A CONFERÊNCIA

Dorticós: Começou a Agonia do Imperialismo na América Latina

No dia imediato ao do encerramento da reunião de consulta da OEA, ainda no Hotel San Rafael, o presidente de Cuba, Oswaldo Dorticós, concedeu a dezenas de correspondentes da imprensa presentes em Punta del Este, inclusive o de NOVOS RUMOS, uma entrevista coletiva sobre a conferência dos chanceleres. Durante mais de hora e meia o presidente cubano respondeu, com clareza e com decisão, a pergunta dos jornalistas. A seu lado, estavam os delegados cubanos Raúl Roa e Carlos Rafael Rodríguez.

A CONFERÊNCIA

Instado a expressar o pensamento da delegação cubana sobre a conferência disse o presidente Dorticós: — Para responder a esta pergunta é mister advertir quais foram os objetivos primordiais que se propôs lograr o governo imperialista dos Estados Unidos, verdadeiro inspirador desta conferência de chanceleres. Desde o primeiro momento, quando ficou acertada a convocação da conferência, o governo dos Estados Unidos, por meio de suas vozes mais categorizadas, declarou que nela se propunha a lograr severas sanções contra Cuba. Tanto nos Estados Unidos, como em outros países que secundaram seu propósito, como a Colômbia, se assinalou que o objetivo primordial desta conferência era impor sanções contra Cuba, amparadas no Tratado do Rio de Janeiro. Entre elas, eram previstas as seguintes: rompimento de relações diplomáticas com Cuba por parte de todos os países do continente, ruptura das transações econômicas e comerciais com nosso país, interrupção total das comunicações conosco, etc. Com estes objetivos se desenvolveu uma fabulosa campanha de pressões para preparar os resultados da conferência por antecipação. Os Estados Unidos realizaram esforços ingentes, não só com o fim de reunir os votos estatutários, como para obter a unanimidade de sufrágios em favor das sanções contra Cuba. Apenas iniciada a conferência, o governo dos Estados Unidos veio a comprovar que em Punta del Este não lograria impor seus objetivos. Isto apesar de ter empregado a fundo os recursos de toda índole com que desgraciadamente sustenta suas relações com os governos da América Latina.

A VOZ DOS POVOS

— É fundamental destacar — prossegue Dorticós — que desde o início da conferência se desenvolveu uma intensa mobilização dos povos, em todas as capitais do continente. E, a essas massas, os governos dos países da América Latina não puderam fazer ouvidos moucos. Foi em razão dessa mobilização dos povos que alguns governos adotaram suas posições iniciais. Isto determinou, de antemão, a frustração do propósito do imperialismo lanque, de lo-

grar as sanções contra Cuba, o que já não era possível, nem por unanimidade nem pela maioria estatutária. E isto é o que explica que já em seu discurso inaugural o secretário de Estado, Mr. Rusk, retrocedera dos objetivos primeiros do Departamento de Estado, e se conformara em pedir apenas algumas sanções, tais como a interrupção do comércio e das comunicações. Repeitimos: o governo dos Estados Unidos desejava sanções substanciadas no emprêgo de força armada contra Cuba, porém, advertido de que não o poderia lograr, Rusk retrocedeu. Isto marca uma etapa. A partir daqui o que ocorre? Está na vista de todos.

ALGO NUNCA VISTO

— A história do pan-americanismo registra uma série de fatos insólitos — continua o chefe de Estado cubano. Jamais um governo norte-americano se viu enfrentando semelhante situação. A conferência sofreu um processo de paralisação que se estendeu por quatro dias. Nesse período houve toda uma série de pressões, promessas e subornos para lograr um resultado mínimo para os Estados Unidos. A história desses quatro dias registra contínuas reuniões secretas, trocas inesperadas de posições por parte de delegados, por razões vergonhosas. O governo imperialista dos Estados Unidos teve necessidade de pôr-se ao descoberto. E sofreu um novo desprestígio incalculável, para lograr apenas objetivos mínimos e o apoio indispensável dos 14 votos estritos.

QUEBRA DO PAN-AMERICANISMO

— Foi operada uma verdadeira divisão interna no sistema interamericano. Os países principais do continente se pronunciaram contra os objetivos mínimos propostos pelo governo norte-americano, já em processo de derrota e de retrocesso. Que resultados práticos têm as medidas adotadas? Primeiro, a saída de Cuba do organismo interamericano. Isto ainda não foi confirmado, fica sujeito a consumação posterior por parte do Conselho da OEA. Cuba desejava permanecer neste organismo regional, que como tal é parte da Organização das Nações Unidas. O organismo regional tem uma conotação geográfica. Não pode haver uma discordância entre os princípios básicos do organismo regional e a Carta das Nações Unidas. E se esta última admite a todos os países amantes da paz, qualquer que seja seu regime social e político, não pode operar-se uma exclusão, por razões de índole social e política, da OEA, que está sujeita às disposições do organismo superior, a ONU.

OEA E NATO

— Se o acordo a que se chegou for concretizado a OEA deixará de ser um or-

ganismo regional para converter-se em um bloco político-militar, sujeito aos interesses imperialistas dos Estados Unidos. A OEA tem servido a Cuba como uma tribuna continental, de onde situamos o imperialismo norte-americano no banco dos acusados e o submetemos a condições deploráveis para seu prestígio imperial. Quanto à Revolução Cubana e à autodeterminação do seu povo, a OEA jamais prestou a mais mínima utilidade. Há um fato que mostra com clareza sua ineficácia institucional: a invasão de Praia Giron, promovida, financiada e dirigida pelos Estados Unidos. Fora da OEA, Cuba não fica menos protegida. Será a solidariedade de todos os povos do mundo, entre eles a dos povos da América Latina. E a defenderá o próprio povo cubano, com sua demonstrada capacidade de resistência, seu patriotismo, sua decisão e sua coragem revolucionária. Isto quanto aos resultados práticos. Cabem ainda algumas considerações políticas.

O DÓLAR INFAMANTE

— O representante do governo dos Estados Unidos, em seu discurso inicial, recordava a "Aliança para o Progresso", a oferta dos dólares. Nesse discurso insinuava com pobre delicadeza e com menos dissimulação, que as posições que aqui se adotariam contra Cuba condicionariam a oferta dos dólares. Basta reler o discurso de Mr. Rusk para comprovar que ali está explícita esta insinuação. Simultaneamente, um representante lanque anunciava no Congresso dos Estados Unidos que, se não houvesse sanções contra Cuba, dificilmente se lograria acordo no mencionado Congresso para propiciar os dólares da famosa "Aliança para o Progresso".

CUBA ACUSADA

— Outro aspecto: tentaram nos colocar no banco dos réus. Vimos aqui, porém, cumprir o papel de acusadores. E o fizemos, com dados e fatos. Acusamos "cara a cara" o governo dos Estados Unidos de todos os crimes cometidos contra Cuba e sua revolução, sua soberania e sua integridade territorial.

O SILÊNCIO DE RUSK

— Não somente nossos argumentos não foram contravestidos, como também Mr. Rusk nem sequer teve a mínima ousadia de contestá-los. Guardou silêncio, e com ele seus mais próximos sequazes. Fugiu à polémica, retrocedeu, nos deixou livre o campo para nossas acusações e nossas imputações. O governo imperial restou mais desprestigiado, ficou desnudada sua entranha. Ficou um ensino aos povos da América Latina: já agora é possível, em uma conferência interamericana colocar-se alguém frente a frente com os represen-

tes do Departamento de Estado dizer-lhe as verdades "na cara", acusá-lo de seus crimes, de suas intromissões, de suas violações de todas as leis internacionais, de maneira que ele se veja moralmente impedido de responder. E isto nos enche de grande satisfação — de orgulho patriótico; e demonstra aos povos que o imperialismo é derrotável. Demonstra como se pode falar em nome de uma revolução profunda, de uma revolução socialista, que e ainda que a alguns pese e doa, realizou-se e continuará suas etapas de desenvolvimento a apenas 90 milhas do território norte-americano.

CONFIANÇA NA VITÓRIA

— Não ignoramos que o imperialismo não esgotou seus recursos contra Cuba. Porém sabemos, com idêntica certeza, que nenhum será suficiente para destruir nossa revolução. Em síntese: — disse o presidente Oswaldo Dorticós — estamos diante de uma nova grande derrota política do imperialismo norte-americano; primeiro, do ponto de vista político, e segundo, do ponto de vista das decisões mínimas que logrou, com o sacrifício de algo que o império tem tratado de manter intocável: a unidade do "sistema interamericano", quer dizer, a subordinação de todos os governos a seus designios.

A REPRESSÃO CONTINENTAL

A uma pergunta sobre se as resoluções votadas pela conferência trariam consequências para outros povos do continente, além do cubano, respondeu o presidente Dorticós:

— Sim, vimos dizendo que a reunião nos preocupa mais pelos demais povos da América Latina do que por Cuba. A Revolução Cubana não será destruída por causa dos acordos, porém aumentará a pressão sobre os governos do continente para que estes aumentem a repressão aos movimentos populares. Nesse sentido aumentará a intervenção direta dos organismos do serviço de inteligência lanque (por sinal, carente de inteligência) e de seus agentes, que têm um mundo de meios e recursos materiais a seu alcance. A repressão aos movimentos populares atingirá não somente os partidos de raízes marxista-leninistas, mas todos os partidos, organizações e movimentos patrióticos. Sabemos bem o que isto significa. O imperialismo nos agrediu muito antes de proclamarmos o caráter socialista de nossa revolução. E não está agora disposto a tolerar, já não dissemos outra revolução socialista, mas nenhum movimento democrático, libertador e ant imperialista, que contrarie interesses financeiros e seu prestígio imperial. Porém isto será inútil. Os povos adquiriram uma grande maturidade política e tomarão consciência plena de seu destino histórico.

Já principiou na América Latina a etapa final do imperialismo norte-americano.

AS MEDIDAS ECONÔMICAS

Sobre as sanções econômicas que a reunião adotou contra Cuba, disse Dorticós:

— A resolução se refere à proibição do tráfico de armas. Isto não tem nenhuma significação econômica. Apenas pode servir para sublinhar festivamente que, em gesto solene, os chanceleres decidiram subprimir o que não existe. O único negócio de armas que existe entre Cuba e países da América, são as armas que introduz em nosso país o governo imperialista dos Estados Unidos, e que a nós não custam um centavo. Já exibimos as fotografias dos tanques Sherman, das bazucas e dos morteiros doados generosamente pelo presidente Kennedy ao governo socialista de Cuba. Desde os aviões lanques estas armas são jogadas nos lugares onde diz o Serviço de Inteligência que estão os contra-revolucionários, porém vão todas gratuitamente parar nas mãos do povo e do governo de Cuba. O mesmo ocorre com os barcos norte-americanos que se acercam das nossas costas e que, através de lanchas, introduzem toneladas de armamentos. Através desse método vimos obtendo paulatinamente novas armas. Estou seguro de que essas armas vão continuar a atravessar nossas fronteiras. O governo dos Estados Unidos é o primeiro que vai violar a resolução. E nós seguiremos encampando as armas. Quanto ao comércio de materiais estratégicos, Cuba não o pratica com nenhum país. É possível que o seja seja classificado de material estratégico. E que essa classificação se estenda a um certo número de mercadorias. Espero que os governos da América Latina mantenham reservas de sua dignidade, não se deixem influir e continuem seu comércio com Cuba. Nosso comércio com a América Latina é débil e de pouco peso específico. As consequências econômicas da sanção podem ir mais contra os outros países que contra Cuba. Sabemos que os Estados Unidos vão pretender impor essa decisão aos países da NATO. Pediremos àquelas nações que não comerciem com Cuba. Já temos antecedentes na matéria o que caracteriza a torpeza dos Estados Unidos. Um membro de sua delegação a conferência foi ao Canadá, e ali, de forma desrespeitosa, criticou o governo canadense pelo fato de ter relações econômicas conosco. O secretário de Estado do Canadá protestou contra a insolência, uma tentativa de impor a dignidade de seu governo.